

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

A CARREIRA DE JOGADORES DE VOLEIBOL DE ALTO RENDIMENTO:
RELATOS SOBRE A PRÓPRIA FORMAÇÃO ESPORTIVA

Luís Armando Leonardo Filho

RIBEIRÃO PRETO
2016

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

A CARREIRA DE JOGADORES DE VOLEIBOL DE ALTO RENDIMENTO: RELATOS
SOBRE A PRÓPRIA FORMAÇÃO ESPORTIVA

LUÍS ARMANDO LEONARDO FILHO

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da
Universidade de São Paulo como exigência parcial
para a obtenção do título de Mestre em Ciências,
Área: Educação.

ORIENTADOR: PROF. DR. RENATO FRANCISCO RODRIGUES MARQUES

Leonardo Filho, Luís Armando

A carreira de jogadores de voleibol de alto rendimento: Relatos sobre a própria formação esportiva/ Luís Armando Leonardo Filho. – Ribeirão Preto: [s.n.], 2016.

116p.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Renato Francisco Rodrigues Marques.

1. Voleibol
2. Participação esportiva
3. Pedagogia do esporte
4. Carreira Esportiva I. Título.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a você, caro leitor, pois sem você ele não teria razões para existir.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao amigo e orientador Prof. Dr. Renato Francisco Rodrigues Marques pelo incentivo, ensino e exemplo na docência e na pesquisa.

À minha família, principalmente aos meus pais, Luis Armando e Giovanna pela vida, carinho, apoio e dedicação em conjunto com minhas irmãs, Amanda e Giovanna.

À minha companheira de longa data Patrícia Curtarelli, pelo amor, paciência e dedicação, sempre acompanhados de ternura.

Aos jogadores participantes e à instituição que permitiram a realização desta pesquisa.

Às professoras doutoras Larissa Galatti e Myrian Nunomura pelas contribuições realizadas no exame de qualificação e por aceitarem de bom grado compor a banca de defesa desta dissertação.

Aos meus pares, pela companhia e bons momentos vivenciados, aos colegas do grupo de estudos e a todos que, de alguma forma, tornaram possível a realização deste singelo trabalho.

Por fim, agradeço à CAPES pelo financiamento.

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1- Quadro do modelo de participação esportiva.....	16
Quadro 2- Resumo das teorias para explicar os agentes sociais que influenciam no efeito da idade relativa.....	32
Tabela 1- Caracterização dos participantes do estudo.....	38

RESUMO

A carreira de jogadores de voleibol de alto rendimento: Relatos sobre a própria formação esportiva

Autor: LUÍS ARMANDO LEONARDO FILHO

Orientador: PROF. DR. RENATO FRANCISCO RODRIGUES MARQUES

A iniciação esportiva caracteriza-se por componentes socioculturais que envolvem o jovem participante e todos os agentes sociais que o circundam, exercendo influência sobre sua formação. Independentemente dos ambientes de prática e de suas abordagens educacionais, tem-se que a formação esportiva é complexa, envolvendo etapas de iniciação, especialização e alto rendimento, além de possibilidades de formação para o lazer e de especialização precoce. O objetivo do presente estudo foi investigar a formação esportiva de atletas de voleibol de alto rendimento, a partir de seus relatos, identificando aspectos socioculturais e pedagógicos que possam ter contribuído para a manutenção de sua condição de praticantes até a idade adulta. Participaram do estudo 5 jogadores de voleibol masculino de alto rendimento, com participações nas seleções brasileiras de base e finalistas da Superliga de Voleibol. Os dados foram produzidos através de entrevistas semiestruturadas, sendo organizados, analisados e classificados pelo método “Discurso do sujeito coletivo”. Os atletas vivenciaram uma formação esportiva repleta de jogos deliberados e participação esportiva variada com especialização em idades recomendadas pela literatura. Identificou-se que o voleibol atrapalhou a trajetória escolar, devido à rotina, viagens e perda de aulas. Emergiram elementos associados ao Efeito do Local de Nascimento, onde as cidades pequenas ofereceram mais espaços de prática de jogos deliberados e maior segurança para os participantes. Aspectos dos Efeitos Mateus, Pigmalião e Galatéia também foram encontrados, através do início na infância e do incentivo em atividades esportivas pela cultura familiar, depósito de expectativas do treinador e correspondência de expectativas pelos atletas, possivelmente ocasionando vantagens para a continuidade e desenvolvimento no voleibol para os participantes. Sugere-se a influência de um denominado capital esportivo/cultural nos destinos da participação esportiva dos participantes, sendo passível de produção e reprodução pelos agentes e instituições esportivas de forma semelhante ao capital cultural na educação escolar.

Palavras-chave: Voleibol. Participação esportiva. Pedagogia do Esporte. Carreira Esportiva.

ABSTRACT

Sports career of high performance volleyball athletes: Reports of his own sports formation

Author: LUÍS ARMANDO LEONARDO FILHO

Advisor: Prof. Dr. RENATO FRANCISCO RODRIGUES MARQUES

The sport initiation is characterized by socio-cultural components involving the young participant and all social agents that surround it, exerting influence on their formation. Regardless of the practice and its educational approaches, the sports formation is complex, involving initiation, specialization and high performance, in addition to recreational participation and early specialization possibilities. The aim of this study was to investigate the sports formation of high performance men volleyball athletes, from their reports, identifying socio-cultural and educational aspects that may have contributed to the maintenance of their practice in adulthood. The study included 5 men, high performance volleyball players with stakes in Brazilian's team and finalists of Superliga de Voleibol. The data collected through semi-structured interviews were organized, analyzed and classified by the method of "Collective Subject Discourse". Athletes experienced a sports training full of deliberate play and variety of sports participation with a specialization in recommended ages. It was identified that the volleyball damages the school trajectory, due to routine, travel and loss classes. Emerged elements associated with the birthplace effect, where small towns offered more practical spaces of deliberate play and increased safety for the subjects. Aspects of Matthew, Pygmalion and Galatea Effects were also found, by early encouragement in sports activities by the family culture, coach expectations deposit and matching expectations by athletes, possibly resulting advantages for the continuity and development in volleyball for the subjects. It is suggested the influence of a so-called sport / cultural capital in the participant's sports trajectories, liable to production and reproduction by sports agents and institutions, in similar way to cultural capital in school education.

Keywords: Volleyball. Sports Participation. Pedagogy of Sport. Sport Career

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	8
2 – REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1 – Modelo de participação esportiva de Jean Côté e colaboradores.....	14
2.2 – Especialização esportiva: perdas, danos e abandono da prática.....	19
2.3 – Postulados para o envolvimento positivo com a prática esportiva.....	23
2.4 – <i>Birthdate effect</i> e sua influência nas oportunidades de prática.....	26
2.5 – <i>Birthplace effect</i> e sua influência na formação e participação esportiva.....	33
3 – MÉTODOS	35
4 - RESULTADOS e DISCUSSÃO	40
4.1 - Iniciação ao voleibol e aspectos relacionados à prática.....	41
4.2 - Voleibol e Carreira Escolar.....	50
4.3 - Características dos treinamentos e atividades.....	54
4.4 - Efeito do Local de Nascimento.....	58
4.5 - Treinadores, atletas e os Efeitos Pigmalião e Galatéia.....	62
4.6 - Pais, familiares e o Efeito Mateus.....	70
4.7 - Profissionalismo no voleibol.....	75
5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS	84
ANEXOS	94
APÊNDICES	115

1 - INTRODUÇÃO

O esporte moderno surgiu como uma racionalização de jogos populares, de acordo com os ideais positivistas e a valorização da ciência, típicos dos séculos XVIII e XIX, com as revoluções burguesa e industrial alterando os padrões de relação econômica e social, sendo os principais fatores transformadores da sociedade da época.

O esporte surge como uma forma de distinção social, evidenciando a supremacia da moral burguesa frente às práticas populares (BOURDIEU, 1978). Com essas características e o pano de fundo das revoluções burguesas, o esporte moderno ganhou determinadas características elencadas por Guttman (1978) como secularização, igualdade de chances em disputas, racionalização, especialização de papéis, burocratização, quantificação e recorde, diferenciando-se das práticas corporais da pré-história, antiguidade e idade média.

A secularização se relaciona à não ligação do esporte com algo sagrado ou transcendental, sendo um fenômeno secular. A igualdade busca proporcionar oportunidades e condições igualitárias nas práticas realizadas. A especialização diz respeito à divisão do trabalho e diferenciação de funções características do profissionalismo. A racionalização consiste na invenção de regras, uso de meios científicos na melhora do desempenho e na comercialização do esporte. A burocratização evidencia-se através da institucionalização do esporte, com a criação de comitês e federações que o regulamentam e administram. A quantificação está relacionada à mensuração, classificação, índices e marcas em competições. Por fim, o recorde representa uma abstração que permite ao atleta competir com adversários distantes no tempo e espaço e inclusive consigo mesmo, superando seus próprios limites (GUTTMAN, 1978).

O esporte figura como elemento influenciador e influenciado pela sociedade contemporânea, assumindo diversos sentidos de acordo com o objetivo e local de prática, podendo ser orientado a um sentido oficial ou ressignificado¹ (MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2008). Essas diferenças de sentido possibilitam reconhecer como esporte diversos tipos de práticas corporais, ampliando a esfera de prática esportiva e os espaços para o acesso e estudo de forma a disseminar e democratizar tais atividades.

¹ O sentido oficial prioriza o resultado da disputa cobrando dos participantes um rendimento obrigatório, podendo, por esse motivo, assumir características de segregação. O sentido ressignificado prioriza a adaptação da prática pautada na inclusão e valorização das capacidades individuais, devendo os participantes apresentarem um rendimento necessário, de acordo com o ambiente de prática (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

Independentemente dos sentidos analisados, o esporte é um dos fenômenos socioculturais mais influentes na sociedade globalizada. Reforça importantes ideias e crenças e está integrado às principais esferas da vida social como família, religião, educação, economia, política e mídia. As relações entre o esporte e o meio social que o cerca, possibilitam o uso da sociologia do esporte como alternativa de abordagem e análise (COAKLEY, 2008). Dessa forma, o estudo do esporte torna-se de suma importância, pois a melhor compreensão desse fenômeno permite o melhor conhecimento da própria sociedade (ELIAS, 1992).

Sobre a relação entre esporte e sociedade, Pierre Bourdieu (1990, p. 207) afirma que: “... de um lado existem pessoas que conhecem muito bem o esporte na prática, mas não sabem falar dele, e, de outro, pessoas que conhecem muito mal o esporte na prática e que poderiam falar dele, mas não se dignam a fazê-lo, ou o fazem a torto e a direito”. Diante dessa provocação, deve-se, portanto, atentar para uma abordagem sociológica de qualidade no tema, atendo-se a rigores metodológicos e buscando contribuições relevantes para uma melhora do corpo de conhecimento esportivo e sociológico, pertinente à uma sociologia do esporte.

Neste contexto, é possível compreender o esporte como um campo social, dotado de normas, disputas e agentes próprios, que encarna um cenário de oferta e demanda de produtos. As transformações das atividades esportivas ocorrem com base na relação entre a oferta de produtos num dado momento específico e a demanda de disposições para consumi-lo. Ou seja, o espaço dos produtores tende a reproduzir o espaço dos consumidores (BOURDIEU, 1990). Ao considerar o campo esportivo como ferramenta metodológica de investigação social, toma-se como pressuposto sua parcial autonomia frente ao macrocosmo social.

Os subcampos compõem-se como espaços sociais que têm suas regras de disputa e interesses subordinados aos do campo em questão (no caso uma modalidade esportiva como subcampo do campo esportivo), mas que ainda se fazem mais específicos devido a características singulares em relação a outros pontos do campo (MARQUES, 2010). A estrutura de relações objetivas e sua manutenção em campos específicos são primordiais para a compreensão das propriedades específicas de cada subcampo (BOURDIEU, 1983).

A modalidade esportiva que foi analisada no presente trabalho e que funciona como um subcampo do esporte é o voleibol de quadra que, por sua vez, representa relevante inserção em diferentes ambientes de prática (alto rendimento, lazer, escola) no Brasil. Principalmente por caracterizar-se como um jogo coletivo, o voleibol possibilita preciosas oportunidades de vivências sociais ligadas à convivência, disputa por poder, superação de dificuldades, sensações de sucesso e fracasso e relações sociais próprias de um espaço competitivo. Tais fatores agregam a esta modalidade esportiva uma grande e crescente influência sociológica e

pedagógica, que merece ser analisada e compreendida em sua relação com diferentes campos sociais.

Cada modalidade esportiva está atrelada à suas especificidades e características socioculturais (BAKER, 2003). Para introduzir o voleibol como modalidade analisada, é importante primeiro contextualizar sua origem. Segundo Bourdieu (1983, p.136): “[...] deveríamos nos perguntar primeiro sobre as condições históricas e sociais da possibilidade deste fenômeno social que aceitamos muito facilmente como algo óbvio, o ‘esporte moderno’.”. Bourdieu (1983, p. 137) ainda trata sobre a história e cronologia específica do esporte:

[...] não se pode compreender diretamente os fenômenos num dado momento, num dado ambiente social, colocando-os em relação direta com as condições econômicas e sociais das sociedades correspondentes: a história dos esportes é uma história relativamente autônoma que, mesmo estando articulada com os grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio tempo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica.

O voleibol teve origem no fim do século XIX (mais precisamente em 1895) com o nome de *Minonette*, jogo criado pelo norte-americano William George Morgan, que era diretor de Educação Física da Y.M.C.A. (*Young Men Christian Association*) da cidade de Holyoke, no estado de Massachusetts, Estados Unidos (AFONSO, 2011; MARCHI JR, 2002). Morgan desenvolveu um novo jogo visando à participação dos “homens de negócios”, pois julgava o basquetebol mais apropriado aos praticantes mais jovens e por esse motivo, não supria a necessidade dos membros mais velhos de se exercitarem de forma menos dura ou severa (MARCHI JR, 2004). Em Springfield, depois de diversas análises sobre o novo jogo, quanto suas formas e objetivos, foi proposta pelo Dr. A. T. Halstead a mudança do nome de *Minonette* para *Volleyball* (MARCHI JR, 2002), evidenciando a natureza do jogo, que consiste no voleio da bola.

O voleibol foi criado de acordo com necessidades de um grupo social norte-americano do fim do século XIX, composto de senhores de meia idade, burgueses em ascensão e associados de uma instituição religiosa e elitista (Y.M.C.A.). O voleibol, portanto, difere na origem do futebol na Inglaterra, sendo edificado por estruturas básicas da sociedade norte-americana, representada por uma burguesia capitalista emergente, enquanto o futebol se originou do refinamento de uma prática esportivizada escolar, para as elites estudantis pertencentes à aristocracia inglesa (MARCHI JR, 2002).

O voleibol passou por uma série de transformações de seus sentidos e valores durante o século XX, tendo se popularizado e experimentado processos de transição como prática estritamente amadora para a mercantilização e profissionalização de seus agentes e meios de relação no alto rendimento (MARCHI JR, 2004).

O voleibol é considerado uma das modalidades esportivas mais praticadas no Brasil (COSTA, 2006). As conquistas e bons resultados alcançados pelas seleções nacionais contribuem com o aumento dessa popularidade, bem como a consolidação de um campeonato nacional em alto nível (Superliga) (CBV, 2015). Essa grande divulgação pode contribuir para o crescimento do número de praticantes e espectadores, além de investimentos em patrocínio e espaço na mídia, agregando uma grande e crescente influência sociológica.

O grande número de espectadores e praticantes também pode estimular a procura de novos ingressantes no subcampo dessa modalidade. Com a chegada desses novos participantes, onde incluem-se crianças em processo de iniciação esportiva, investigações sobre objetivos e métodos de inclusão desses novos participantes nessa prática devem ser considerados.

Nesse ínterim, os processos de entrada e o engajamento e manutenção da prática, como um hábito prevalente até a idade adulta, são temas de grande relevância, frente à importante influência que diferentes agentes sociais têm sobre os cenários de formação esportiva.

O presente estudo toma como premissa que os objetivos da iniciação esportiva são a manutenção de crianças e jovens engajados na prática, a criação de uma cultura esportiva prevalente na idade adulta e, quando possível e desejável, a preparação de atletas para a especialização e inserção no alto rendimento (CÔTÉ, 2013). Considera-se, assim, os atletas de alto rendimento como indivíduos que atuam nesta última esfera, tenham se mantido em prática constante por um período prolongado e desenvolvido aptidão esportiva de elite na modalidade em que estão envolvidos.

Investigações sobre as diferentes formas de prática são importantes para que se possa compreender melhor tais ocorrências e as implicações sociais para as crianças e jovens, relacionadas às relações entre pais, familiares, treinadores, escola e professores. Desse modo, o problema a ser investigado seria delinear configurações sociais e procedimentos pedagógicos que compuseram processos de formação esportiva bem-sucedidos sob a premissa deste trabalho, de modo a buscar indicativos de ações que possam ter contribuído para o desenvolvimento de atletas de alto rendimento de Voleibol.

A investigação com atletas de elite parte do princípio de que jogadores de voleibol que chegaram ao alto nível tiveram seu início na modalidade e mantiveram a prática durante a idade adulta, sendo considerados, por esta razão, casos de sucesso em seus processos de formação

esportiva. A seleção de atletas de alto rendimento para estudos sobre formação esportiva se faz adequada, devido ao tempo de investimento no esporte, engajamento e manutenção do hábito de prática após a adolescência (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008).

Investigar os procedimentos pedagógicos e sociais vivenciados por atletas através de estudos longitudinais apresenta certas dificuldades, devido ao fato de que o ideal seria acompanhar esses sujeitos por pelo menos nove anos (BAKER, 2003). Buscando uma forma mais viável para descrever a trajetória esportiva dos atletas, a consulta sobre as próprias percepções dos jogadores sobre suas experiências vivenciadas é uma alternativa (MOESCH et al, 2011). Nesse contexto, a realização de entrevistas retrospectivas é uma boa forma de investigar e estudar as trajetórias desses indivíduos (CÔTÉ; ERICKSSON; LAW, 2005; CÔTÉ, 2013). Nesta perspectiva de abordagem, a pesquisa qualitativa tem colaboração decisiva, oferecendo fundamental contribuição ao permitir destacar aspectos importantes da formação esportiva de atletas com um aprofundamento nas percepções subjetivas por parte dos indivíduos, em relação à sua trajetória no esporte (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008), proporcionando dados que não seriam encontrados em documentos.

Este trabalho buscou contextualizar a vivência esportiva de atletas, resumida através de uma pergunta central que pode ser expressa da seguinte forma: “como foi o processo de formação esportiva de atletas de alto rendimento de voleibol? ”. A partir dessa questão central, buscou-se melhores conhecimentos sobre a iniciação esportiva vivenciada pelos atletas, de forma a investigar, confrontar e discutir os resultados obtidos com o referencial teórico consultado.

Com isso, o objetivo geral da presente pesquisa foi investigar a formação esportiva de atletas de voleibol de alto rendimento, a partir de seus relatos, identificando aspectos socioculturais e pedagógicos que possam ter contribuído para a manutenção de sua condição de praticantes até a idade adulta.

Os objetivos específicos consistiram em investigar elementos relacionados à carreira e formação esportiva, como a participação direta de familiares, treinadores e empresários, além de características relacionadas a profissionalização, aos locais de inserção, práticas e vivências esportivas. Buscando com isso, descrever a realidade dos atletas estudados e compará-la com situações já descritas na literatura de forma a pontuar aspectos determinantes à formação esportiva desses sujeitos.

O estudo trouxe contribuições à Pedagogia do Esporte, à Sociologia do Esporte e à Educação ao investigar a formação esportiva de atletas profissionais de alto rendimento que, por sua vez, têm seu início no esporte em variados espaços de prática, como a escola, clubes,

centros formadores de atletas e espaços de lazer, apresentando nessa trajetória variadas relações mediadas por agentes sociais atuantes nesses espaços.

Conhecimentos sobre a percepção dos atletas em relação à sua formação podem contribuir para nortear a ação de treinadores, gestores e professores de educação física e esporte, oferecendo subsídios para a elaboração de programas de iniciação esportiva, baseados nas experiências vivenciadas por sujeitos que iniciaram e se mantiveram na prática esportiva durante a idade adulta, neste caso chegando ao alto nível. Dessa forma, esta pesquisa contribuiu com as áreas de estudo mencionadas, com discussões relacionadas a processos de participação e formação esportiva de crianças e jovens, no sentido de elucidar procedimentos, espaços, relações sociais e trajetórias vivenciadas.

2 - REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 - Modelo de participação esportiva de Jean Côté e colaboradores

A formação esportiva é um processo complexo que envolve diversos fatores fisiológicos, psicológicos e sociais. Pode ofertar sentidos diversos à prática, podendo estar relacionados à socialização e diversão, preocupação com a educação moral, desenvolvimento de capacidades físicas e motoras e até atividades que tenham o resultado da competição esportiva como objeto central. Os objetivos e sentidos adotados pela prática na iniciação derivam do modo como o treinador esportivo direciona sua forma de atuação (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

No corpo de conhecimento tratado como formação e participação esportiva, pode-se destacar os trabalhos de Jean Côté e colaboradores que se constroem como uma referência em estudos sobre esporte na infância e juventude. A perspectiva de Côté se baseia na construção do talento esportivo, onde os fatores ambientais têm grande influência no sucesso e desenvolvimento, negando-os como oriundos puramente de dons inatos do indivíduo.

No modelo de participação esportiva proposto por Côté, Baker e Abernethy (2007), o jovem que ingressa no mundo esportivo pode atingir determinados tipos de envolvimento com a prática esportiva, consequências de um conjunto sujeito/ambiente/atividades pautado de acordo com a oferta de oportunidades e dos objetivos esperados durante seu contato com o esporte. A primeira envolve uma participação com maior foco na recreação e pautada em uma diversificação da prática. A segunda alcança o alto rendimento, porém, tendo o início também pautado na experimentação, passando depois pelas fases de especialização e investimento. A terceira envolve uma participação focada no alto rendimento, assim como a segunda, porém, baseada na especialização precoce. Existe ainda a possibilidade do abandono imediato da prática esportiva.

O jovem atleta pode eventualmente transitar entre esses caminhos durante o período de sua participação esportiva. Esse percurso nos diferentes caminhos culmina em alguns resultados prováveis do envolvimento com o esporte que se resumem na participação recreativa, no alto rendimento, na manutenção de um estilo de vida ativo e saudável (ou não) e de um divertimento relacionado à prática esportiva (ou não).

O sucesso na formação esportiva e os destinos prováveis de um jovem atleta que inicia sua história no esporte estariam modulados pelo equilíbrio entre jogo deliberado e prática deliberada.

O termo prática deliberada (*deliberate practice*) foi construído através de diversos estudos relacionados à aprendizagem motora. A prática deliberada é operacionalizada, visa a melhora do desempenho, requer esforço físico e/ou cognitivo e deve ser relevante para produzir efeitos positivos no desenvolvimento da habilidade (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

O termo jogo deliberado (*deliberate play*) representa atividades que remetem a motivações intrínsecas, promovem gratificação imediata e são otimizadas para proporcionar a apreciação, diversão e prazer, sendo reguladas por regras adaptadas e monitoradas pelas próprias crianças ou um adulto que também esteja envolvido a atividade (CÔTÉ, 1999).

Os processos de envolvimento vivenciados em relação à prática deliberada, o jogo deliberado, a especialização esportiva precoce e a iniciação diversificada, associados ao tipo de envolvimento com os treinadores, pais e colegas durante a participação esportiva norteiam para os possíveis resultados das vivências no esporte, representados pelo alto rendimento, pela participação e pelo desenvolvimento pessoal (CÔTÉ; VIERIMAA, 2014).

É possível visualizar no quadro 1, de uma forma geral, os destinos prováveis dos sujeitos participantes de práticas esportivas de acordo com as suas formas de iniciação e desenvolvimento analisados no Modelo de Participação Esportiva proposto por Côté, Baker e Abernethy (2007).

Apesar da pertinência da investigação pautada no referido modelo, é necessário considerar o contexto no qual se deu a sua formulação teórica (norte-americano) que se apresenta muito diverso da realidade brasileira em suas características macrossociais. Deve ser acrescentado também o cuidado para problematizar modalidades que apresentem historicamente um início precoce, como é o caso da ginástica artística (GA).

Quadro 1- Quadro do modelo de participação esportiva - Adaptado de Côté, Baker e Abernethy (2007).

I	1. Resultados Prováveis	2. Resultados Prováveis	3. Resultados Prováveis
D	- Participação recreativa	- Alto rendimento	- Alto rendimento
A	- Saúde física aumentada	- Saúde física aumentada	- Saúde física reduzida
D	- Divertimento aumentado	- Divertimento aumentado no esporte	- Divertimento reduzido
E			
18	Anos de recreação	Anos de investimento	Especialização precoce
17	Atividades:	Atividades:	Atividades:
16	- Grande quantidade de jogo deliberado	- Grande quantidade de prática deliberada	- Grande quantidade de prática deliberada
15	- Pouca quantidade de prática deliberada	- Pouca quantidade de jogo deliberado	- Pouca quantidade de jogo deliberado
14	- Atividades que focam no condicionamento físico e saúde	- Foco em uma única modalidade	- Foco em uma única modalidade
13		Anos de especialização	
12		Atividades:	
11		- Balanceamento entre prática e jogo deliberados	
10		- Redução do envolvimento em várias modalidades	
09	Anos de experimentação		
08	Atividades:		
07	- Grande quantidade de jogo deliberado		
06	- Pouca quantidade de prática deliberada		
	- Envolvimento em várias modalidades		
	<i>1. Participação recreativa através da experimentação</i>	<i>2. Alto rendimento através da experimentação</i>	<i>3. Alto rendimento através da especialização precoce</i>
	Entrada no esporte		

O modelo descreve possíveis trajetórias de acordo com o equilíbrio entre a prática e jogo deliberados, número de modalidades em que o atleta está envolvido e as formas e sentidos do envolvimento esportivo, dividindo a formação em três frentes.

A primeira é voltada para a prática esportiva com caráter recreativo e participativo, exposta na primeira coluna. A segunda é voltada para a formação ao alto rendimento, pautada em uma diversificação de experiências inicial. Por fim, na terceira coluna é representada outra forma de envolvimento que objetiva o alto rendimento, porém baseada em uma especialização esportiva precoce. Assim, as duas primeiras trajetórias são consideradas como um envolvimento positivo com a prática esportiva, enquanto a última coluna (especialização precoce) apresenta características negativa que serão melhor tratadas mais adiante. Em todo esse processo existem diferentes períodos, cada qual contendo determinadas características específicas relacionadas às ofertas de prática e jogo deliberados. Essas fases são identificadas no modelo da seguinte forma: anos de experimentação, anos de especialização e anos de investimento. Associados a esses períodos estão também expostos os anos de recreação e a especialização precoce (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; HAY, 1999; CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009).

Os anos de experimentação consistem em um período entre 6 e 12 anos, aproximadamente, voltado para a prática de diversas modalidades e atividades esportivas, onde os pais e familiares devem estimular o interesse e a diversão no esporte aos jovens atletas, sem foco em treinamento intenso, e sim na participação em jogos deliberados. A importância da fase de experimentação se dá pela aquisição de habilidades cognitivas, psicológicas e motoras necessárias à permanência e participação no esporte, incluindo a chegada ao alto rendimento (CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009).

Os anos de especialização, apesar de serem relativamente mais curtos (13 a 15 anos), são extremamente importantes para o envolvimento esportivo, com aquisição de habilidades específicas, diminuindo o envolvimento em diversas modalidades para uma maior dedicação em uma ou duas de maior interesse, porém a diversão ainda deve figurar como elemento central da prática visando o pleno desenvolvimento esportivo. Os anos de investimento, por sua vez, devem ocorrer após os 15 anos e caracterizam-se pelo comprometimento e especialização do atleta em uma única modalidade esportiva, onde a aquisição de um rendimento de elite, desenvolvimento de habilidades específicas, características estratégicas e competitivas tornam-se elementos centrais da prática nesse período, assumindo características do esporte de alto rendimento (CÔTÉ, 1999).

A principal diferença entre os anos de experimentação, especialização e investimento, além do envolvimento em várias modalidades, está na quantidade e equilíbrio entre jogo deliberado e prática deliberada, estando o primeiro mais frequente na fase de experimentação, enquanto a segunda mais visível e presente na fase de investimento, enquanto a fase de especialização se coloca como intermediária entre as citadas anteriormente com distribuição equilibrada entre jogo e prática (CÔTÉ; HAY, 1999).

Os anos de recreação são marcados pela alta quantidade de jogos deliberados e pouca quantidade de prática deliberada, como nos anos de experimentação, porém, as atividades também apresentam um caráter voltado ao condicionamento físico e saúde, tendo como possíveis resultados a participação recreativa, um estilo de vida saudável e maior divertimento na prática esportiva (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

2.2 - Especialização esportiva precoce: perdas, danos e abandono da prática

A especialização esportiva precoce (EEP) aparece como uma possível linha do modelo de participação esportiva e é um fenômeno recorrente nos ambientes de prática esportiva, amplamente discutido na literatura. Esse fenômeno consiste no oferecimento de treinamento intensivo e específico, em uma única modalidade esportiva, com sentido voltado à competição, para crianças de modo prematuro. O treinamento intenso e precoce em crianças gera inúmeros efeitos negativos, físicos e psicológicos (BAKER, 2003; CANCEGLIERI; MELARI; PINHEIRO, 2008; NUNOMURA; PIRES; CARRARA, 2009; MOESCH et al, 2011; JAYANTHI et al, 2013).

Embora haja exemplos de atletas que passaram por este processo e ainda assim atingiram a excelência esportiva, a precocidade em relação à busca por resultados atléticos é um procedimento que não aparenta ter relação com efeitos positivos no futuro (BAKER; ROBERTSON-WILSON, 2003; MOESCH et al, 2011; JAYANTHI et al, 2013; COUTINHO et al, 2015).

Não existem também evidências de que a especialização esportiva, antes do período pubertário, condicione uma chegada ao alto rendimento, pelo contrário, essa EEP pode ocasionar em altas taxas de lesões, aumento de estresse psicológico e abandono da prática pelos jovens (JAYANTHI et al, 2013).

O foco em treinamento especializado nos primeiros estágios de iniciação esportiva acarreta várias consequências negativas, sendo uma diversificação de práticas na iniciação, com envolvimento em vários esportes, uma alternativa para contornar esses efeitos (ARENA; BÖHME, 2000; BAKER, 2003; CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009).

Apesar de ampla divulgação na literatura a especialização esportiva precoce ainda é recorrente, em diversas modalidades. No handebol são encontrados indícios da especialização esportiva precoce ocorrendo desde as mais tenras idades culminando no aparecimento de lesões e cobrança por desempenho em crianças (CANCEGLIERI; MELARI; PINHEIRO, 2008). Em modalidades como a ginástica artística, a EEP aparece com maior frequência e intensidade, sendo justificada pelos treinadores como natural, devido ao tempo de preparação necessário e a idade nas competições, buscando ainda o máximo rendimento antes da idade de entrada no mercado de trabalho que geraria evasão da ginástica (NUNOMURA; CARRARA; TSUKAMOTO, 2010).

Darido e Farinha, (1995), estudando o processo de treinamento de nadadores que iniciaram entre 7 e 12 anos, constatou que os principais efeitos negativos do treino precoce foram o estresse, rivalidade e falta de tempo, embora a maioria dos ex-atletas tenham considerado aspectos positivos como ganhos de dedicação, superação e determinação. Esses aspectos benéficos podem ser mascarados devido aos atletas entrevistados terem seguido na prática posteriormente, chegando a níveis de rendimento mais elevado, o que pode levar a defenderem o método de seleção que sofreram, mas principalmente, nesse discurso não são considerados os atletas que possivelmente ficaram pelo caminho, abandonando a natação.

Outro estudo com 25 atletas que abandonaram a natação e 25 que continuaram na prática, encontrou que o abandono estava relacionado ao menor envolvimento em atividades extracurriculares, menor apoio e atenção do técnico, juntamente a outros marcos de desenvolvimento na modalidade como início do treino fora da água mais cedo e terem sido os mais jovens nas equipes de treinamento (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008).

Como forma de evitar os efeitos deletérios da EEP deve-se priorizar uma formação multilateral na idade entre 7 e 12 anos, estando a oferta de diversas modalidades esportivas como um aspecto positivo na formação esportiva de longo prazo (ARENA; BÖHME, 2000; CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009).

Em jogadores que chegaram ao nível juvenil de futsal no Paraná, apesar de terem um início cedo na modalidade, a maioria competiu apenas em idades mais avançadas e teve envolvimento sistemático em outras modalidades, indicando que a não especialização em tenras idades é benéfica para o avanço nas categorias de base, ainda ressalta a importância da família, pois foi esta que incentivou a prática na maioria dos casos (SANTANA; FRANÇA; REIS, 2007).

Em velejadores de alto rendimento, uma vivência esportiva variada na iniciação também é encontrada, com a prática da vela sendo considerada prazerosa na iniciação, tendo também a influência da família como principal fator motivador da modalidade (VIANA; ANDRADE; BRANDT, 2011).

Arena e Böhme (2004), em uma investigação com federações de futsal, ginástica, natação, judô e tênis constatou que essas entidades realizam competições oficiais para idades não consideradas pela literatura como ideais, relacionando essas competições a uma especialização esportiva precoce. Cavichioli et al (2011, p.644), sobre a precocidade da especialização, colocam que a formação de atletas, ou como os autores citam a “deformação de crianças”, ocorre muito cedo no futsal estando intimamente ligado à expectativa dos pais de

tornar a prática uma possibilidade de profissão, aumentando a carga de responsabilidade e pressão sobre os jovens atletas.

Atletas de futsal de alto rendimento, iniciaram nas competições somente entre 12 e 13 anos, apesar de existirem competições federadas para idades não recomendadas, esse resultado demonstra que uma entrada mais tardia nas pressões da competição é benéfica para a chegada à elite a despeito de categorias que incentivam a competição precoce (SANTANA; RIBEIRO, 2010).

É relatado na literatura que treinadores esportivos sofrem pressões para produzirem resultados competitivos precocemente por parte das instituições em que trabalham (NUNOMURA; PIRES; CARRARA, 2009). Além das instituições, essas pressões por resultados também ocorrem por parte dos pais e familiares dos jovens atletas (BAKER; ROBERTSON-WILSON, 2003). Esses fatores reforçam a ocorrência da EEP, devendo esses sujeitos estarem conscientes e atentos à intensidade, frequência e moderar as expectativas por resultados depositadas nos jovens durante as atividades esportivas.

Os treinadores são responsáveis por proteger a criança no período de iniciação, proporcionar experiências positivas e trabalhar para prolongar a participação no esporte, visto que o principal objetivo deste processo na infância não deveria ser formar campeões antes da idade adulta (NUNOMURA; CARRARA; TSUKAMOTO, 2010).

A exigência de formação de qualidade de professores, instrutores e treinadores deve ser necessariamente maior para aqueles que trabalham nessa faixa etária de iniciação, devendo o profissional compreender que começar cedo no esporte não significa iniciar de forma precoce o treinamento e participar de competições em uma única modalidade (ARENA; BÖHME, 2000).

Existe no mundo esportivo uma crença difundida entre treinadores e pais de jovens atletas, que quanto mais cedo o talento esportivo for desenvolvido, maiores são as chances de sucesso no alto rendimento (CAVICHIOLO et al, 2011). Porém, como já foi abordado, as evidências sugerem que atletas em diversas modalidades esportivas que tiveram sua iniciação em práticas competitivas durante ou após a puberdade teriam maiores chances de tornarem-se atletas de alto rendimento (BAKER; ROBERTSON-WILSON, 2003; SANTANA; RIBEIRO, 2010; VIANA, ANDRADE e BRANDT, 2011; MOESCH et al, 2011; JAYANTHI et al, 2013; MARQUES et al, 2014; COUTINHO et al, 2015).

A especialização precoce no voleibol pode interferir negativamente na aquisição do repertório motor necessário para a prática em alto nível na modalidade, possibilitando bons resultados somente à curto prazo (VIEIRA; BOJIKIAN, 2008). Corroborando tais pressupostos

da literatura, através de um estudo com 52 atletas de alto rendimento de voleibol masculino do Estado de São Paulo encontrou-se que a maioria teve vivência em outras modalidades esportivas, iniciaram a competir após os 14 anos, também tiveram remuneração e cobrança por desempenho após essa idade, a grande maioria também atuou em mais de uma posição no voleibol, indicando que atletas que chegaram ao alto nível não tiveram uma iniciação esportiva pautada na especialização precoce (MARQUES et al, 2014). Sobre a especialização e o desempenho, Coutinho et al (2015) encontraram que atletas considerados mais habilidosos no voleibol de Portugal se especializaram na modalidade de forma tardia em comparação com os atletas considerados menos habilidosos.

Os efeitos negativos da especialização esportiva precoce tratados até então podem ser contornados com formas adequadas de orientação esportiva pautada na atuação conjunta de treinadores, atletas e pais, tendo essa orientação um suporte de modelos teóricos e análises existentes na literatura.

A seguir são apresentados alguns postulados, baseados em evidências, propostos por Côté e colaboradores para um bom envolvimento com as práticas esportivas estudadas.

2.3 - Postulados para o envolvimento positivo com a prática esportiva

Para um envolvimento com as práticas esportivas, visando à manutenção prolongada da participação dos indivíduos, associado à manutenção de um estilo de vida ativo na idade adulta e inclusive à facilitação da chegada ao alto rendimento, Côté, Lidor e Hackfort (2009, p. 11-14), propõem 7 postulados, com base em evidências empíricas a respeito da participação e desenvolvimento esportivo de crianças e jovens, cujos enunciados são descritos a seguir:

- 1- Uma diversificação inicial não atrapalha a chegada ao alto nível em modalidades esportivas onde os atletas apresentam o pico de rendimento em idades posteriores ao período pubertário.
- 2- A diversificação inicial (experimentação) está ligada a uma carreira esportiva mais longa e tem implicações positivas para um envolvimento de longo prazo com o esporte.
- 3- Uma diversificação inicial proporciona uma série de contextos que afetam positivamente o desenvolvimento na juventude.
- 4- Grandes quantidades de jogo deliberado durante os anos de experimentação constroem uma sólida fundamentação de motivação intrínseca através de atividades que são prazerosas e promovem regulação intrínseca.
- 5- Uma grande quantidade de jogo deliberado durante os anos de experimentação proporciona uma variedade de experiências motoras e cognitivas que a criança pode se valer na escolha de sua modalidade de interesse.
- 6- Por volta dos 13 anos, as crianças deveriam ter a oportunidade de escolher sua modalidade favorita para se especializarem ou participarem do esporte em um nível que objetive a recreação.
- 7- Adolescentes por volta dos 16 anos já possuem desenvolvidos os componentes físicos, sociais, cognitivos, emocionais e motores para investir em uma alta especialização em um único esporte.

Posteriormente, Côté e Hackfort (2014) e mais diretamente Côté e Vierimaa (2014), revisitaram tais postulados discutindo-os com dados provenientes de outras pesquisas publicadas, encontrando evidências na literatura especializada que confirmam o que foi proposto teórica e empiricamente com dados mais atuais. Além disso, os autores propõem o

envolvimento esportivo baseado no conceito dos 3Ps representando os possíveis e desejáveis resultados da participação esportiva dos indivíduos que se inserem na prática de acordo com os processos de jogo e prática deliberados, iniciação diversificada e atuação de pais, treinadores e atletas.

Essa ideia das três letras P evoca os pressupostos do modelo de participação esportiva tratados até então e se relacionam diretamente aos resultados do envolvimento positivo com o esporte, proporcionando a participação prolongada na prática esportiva (*Participation*), ao estilo de vida ativo (*Personal development*) e ao alto rendimento (*Performance*).

Para isso, os autores elencam 10 recomendações para promover os resultados esperados oriundos da participação em atividades esportivas representado pelos 3Ps. As 10 recomendações são listadas a seguir de forma adaptada, provenientes de Côté e Hancock (2014, p. 10):

- 1- Regular a duração das temporadas e categorias em apenas 3 ou 4 meses, sendo 6 meses como limite máximo.
- 2- Limitar a distância de viagem para competições organizadas.
- 3- Introduzir programas esportivos de base que focam na experimentação de diferentes modalidades esportivas.
- 4- Não promover um processo de seleção de crianças, com objetivo de identificação dos mais “talentosos”, antes dos anos de especialização.
- 5- Promover oportunidades de competições saudáveis, mas não com foco exageradamente voltado para a vitória nem para resultados a longo prazo, como a conquista de campeonatos.
- 6- Desencorajar a especialização esportiva precoce em uma única modalidade.
- 7- Permitir que as crianças joguem em todas as posições ou funções de determinada modalidade esportiva.
- 8- Promover o jogo deliberado dentro e fora do esporte organizado.
- 9- Trabalhar jogos e atividades práticas que foquem na diversão e em recompensas de curto prazo.
- 10- Entender as necessidades das crianças e não considerar o treinador como um agente superior aos demais

Esses postulados e recomendações propostos pelos autores podem auxiliar no planejamento e execução de programas esportivos, de forma a melhor orientar o envolvimento

dos sujeitos com o esporte, visando sua formação plena e saudável, sustentada por extensas evidências encontradas na literatura publicada na área.

As recomendações possibilitam nortear a forma de atuação de profissionais da área, como professores e treinadores esportivos. Porém, para essas diretrizes surtirem os devidos efeitos nos programas de iniciação e desenvolvimento esportivo, é necessário que os pais e familiares estejam atentos e engajados com os objetivos esperados para cada fase do processo de formação, proporcionando oportunidades, orientando e incentivando de forma adequada o envolvimento de crianças e adolescentes nas práticas esportivas.

Apesar das recomendações orientarem possíveis ações pedagógicas que promovam o envolvimento positivo com a formação e participação esportivas, são tratados na sequência alguns efeitos que podem influenciar negativamente ou positivamente esses processos, representados pelo efeito da idade relativa ou efeito da data de nascimento (*birthdate effect*), associado de seus possíveis reforços (Efeitos Mateus, Pigmalião e Galatéia) e o efeito do local de nascimento (*birthplace effect*) e suas capacidades de influírem na iniciação e desenvolvimento esportivo dos jovens praticantes que se inserem no esporte.

2.4 – *Birthdate effect* e sua influência nas oportunidades de prática

Desde as mais jovens equipes de base, na maioria das modalidades esportivas, os praticantes são divididos em categorias, de acordo com o ano de seu nascimento, com o objetivo de oferecer competições mais justas e equilibradas em todos os níveis. Porém, mesmo com essa divisão, o equilíbrio almejado pode não ser garantido, pois em grande parte das modalidades essas categorias são divididas bienalmente, o que pode gerar grandes diferenças de maturidade entre atletas, principalmente aqueles que se encontram no período da adolescência (HELSEN; STARKES; WINCKEL, 1998), além de influências dos agentes sociais participantes no processo de formação esportiva, através dos efeitos Mateus, Pigmalião e Galatéia (HANCOCK; ADLER; CÔTÉ, 2013).

Essas diferenças ficam mais evidentes na já conturbada adolescência, fase onde muitos jovens se interessam pela participação em atividades e programas de iniciação e desenvolvimento esportivo. Nesse contexto, quando a modalidade praticada exige capacidades físicas vigorosas, pode ocorrer um favorecimento aos jovens que apresentem essas capacidades físicas mais desenvolvidas, sendo inclusive identificados como mais talentosos. Devido aos favorecimentos causados, ocorrem mais oportunidades de prática e competição aos que apresentam essas vantagens físicas, gerando uma maior seleção de atletas mais maturados biologicamente. Todo esse processo é denominado como efeito da idade relativa (BARNSLEY; THOMPSON, 1988; HELSEN; STARKES; WINCKEL, 1998; WILLIAMS, 2009). O efeito da idade relativa é reconhecido como um conceito complexo, pois envolve diversos fatores sociais, processuais e culturais (BAKER; SCHORER; COBLEY, 2010; BAKER et al, 2009).

O efeito da idade relativa (EIR) está presente no voleibol brasileiro de elite masculino, indicando que os atletas, em relação à média de nascimentos da população brasileira, nasceram em sua maioria no 1º semestre do ano (FIGUEIREDO, 2015).

Entre os primeiros estudos sobre o efeito da idade relativa no esporte, encontra-se uma análise de datas de nascimento de 7313 jogadores de categorias de base de hóquei no Canadá, na temporada de 1983-84, onde o efeito relativo da idade se fez presente, oferecendo maiores oportunidades para nascidos nos primeiros meses do ano pela maior representação de jogadores que nasceram nesse período, podendo apontar-se as diferenças maturacionais entre os atletas como uma das possíveis causas desse EIR (BARNSLEY; THOMPSON, 1988).

Mesmo após um período de mais de 20 anos Nolan e Howell (2010), encontraram os mesmos padrões na distribuição de nascimentos dos atletas em cinco ligas de hóquei no Canadá,

evidenciando a existência e persistência do fenômeno no hóquei canadense. Atletas que nasceram no primeiro semestre do ano (janeiro a junho) são maioria também dentre os jogadores do mundial de juniores de hóquei, nos Estados Unidos, Canadá, Suécia e Finlândia (BRUNER et al, 2011). Em outro estudo sobre EIR elaborado pelos autores Garcia et al (2015) também houve uma abrangência de maiores períodos de tempo, mais precisamente de 1979 até 2011, investigando as datas de nascimento de 3699 atletas dos campeonatos mundiais da Federação Internacional de Basquetebol. Nesse estudo encontrou-se o EIR em todos os anos tanto para os jogadores de basquetebol masculino como para as jogadoras do feminino, havendo uma acentuação do EIR nas categorias abaixo do sub-17.

No beisebol, em um estudo de Thompson, Barnsley e Stebelsky (1991), foram encontrados fortes efeitos da idade relativa na amostra de atletas que disputavam a liga profissional de beisebol, tendo a maioria dos jogadores nascido nos primeiros meses da temporada.

O efeito da idade relativa parece ser independente de condições macrossociais e econômicas, sendo detectado em países completamente diferentes nesses aspectos como o Brasil, Alemanha, Japão e Austrália, além dessas nações utilizarem, como padrão, diferentes datas de corte entre temporadas (MUSCH; HAY, 1999).

O efeito da idade relativa parece promover também um desperdício de possíveis talentos no futebol de campo (JIMÉNEZ; PAIN, 2008; MUJIKÁ et al, 2009). Nas séries A e B do campeonato brasileiro de futebol ocorre predominância de atletas nascidos no primeiro quartil do ano (COSTA et al, 2009).

Helsen, Starkes e Winckel (1998) analisaram o EIR nas datas de nascimento de atletas do futebol belga encontrando a presença do efeito. Além disso os autores previram que a mudança da data de corte das categorias de base no ano mudaria a distribuição das datas de nascimento mais frequentes no campeonato. Como causas do EIR, sugeriram que atletas com maior idade relativa teriam maior destaque e orientação dos técnicos e maiores chances de ir para times mais expressivos, aparecendo para o esporte profissional, além disso atletas com menor idade relativa tenderiam a abandonar o esporte antes dos 12 anos. Como alternativa os autores propuseram mudanças no sistema de 24 meses ou dois anos para separar as categorias de base nas modalidades e além de mudanças nos métodos de seleção e detecção de talentos, pois as oportunidades de jogar em clubes e equipes de destaque privilegiam os atletas mais velhos afetando a força do EIR no esporte.

A previsão inicial concretizou-se no estudo de Helsen et al (2000), realizado nas categorias de base do futebol belga que ao sofrerem a mudança na data de corte do ano que

determina a seleção dos atletas (de 1º de agosto para 1º de janeiro) na temporada de 1996-97, apresentaram mudanças no perfil dos jogadores quanto à distribuição das datas de nascimento, movendo a predominância antes mais concentrada no quartil agosto-outubro e menos no quartil maio-julho, para um maior número de nascidos no período de janeiro-março, acompanhado de expressiva diminuição de atletas nascidos no período agosto-outubro, antes maior representado. Apesar das referidas observações da mudança na predominância de acordo com as datas de nascimento para as categorias de base, não houve mudança significativa na categoria de 16-18 anos, sugerindo que, possivelmente, os atletas nascidos no período de janeiro a julho já teriam abandonado ou sido dispensados da prática esportiva nessa referida idade (HELSEN et al, 2000). Essa diferença menor que 12 meses não tem grande relevância para atletas adultos, porém ela é significativamente maior e importante nos atletas ainda em desenvolvimento maturacional (HELSEN; STARKES; WINCKEL, 1998).

Mais de 70% dos jogadores de futebol dos EUA nascidos no ano 1984 fazem aniversário nos primeiros seis meses do ano enquanto a distribuição de nascimentos para a população em geral é regular durante o ano todo, havendo até um predomínio de mais pessoas nascidas no segundo semestre, indicando que a idade relativa representa exclusão de grande parte dos atletas (GLAMSER; VINCENT, 2004). Vaeyens, Philippaerts e Malina (2004), encontraram predominância de atletas que nasceram nos primeiros meses que sucedem o período de corte da temporada, em jogadores de futebol semiprofissional e amador, indicando também o possível efeito da idade relativa no sucesso esportivo do futebol. A implementação de uma nova data para o início do ano de seleção, provoca mudança na distribuição do efeito da idade relativa, havendo migração da predominância datas de nascimento para os meses subsequentes ao período de divisão.

O efeito da idade relativa é observado nas bases de várias seleções nacionais europeias de futebol. Como alternativa está uma maior atenção para questões técnicas e táticas do desempenho na seleção de atletas, diminuindo as diferenças de rendimento esportivo associadas à condição física e a mudança na filosofia de trabalho de técnicos que, privilegiam a vitória acima de tudo, devendo buscar um balanceamento entre a necessidade de resultados e um trabalho orientado ao processo de aprendizagem e desenvolvimento (HELSEN; WINCKEL; WILLIAMS, 2005). No futebol espanhol, esse efeito também é recorrente, atingindo mais o ambiente de elite que o amador, observando-se também que o efeito da idade relativa independe da posição ocupada pelo atleta (GUTIERREZ et al, 2010). Ainda no futebol espanhol, atletas nascidos nos últimos meses da temporada têm menor representação em clubes da liga profissional (JIMÉNEZ; PAIN, 2008).

Um expressivo efeito da idade relativa é encontrado também na Copa do Mundo sub-17 da FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*), menos para as federações africanas, sendo apontadas como possíveis causas para estas últimas, imprecisões nas datas de registro de nascimento dos atletas participantes (WILLIANS, 2009). Porém na mesma faixa de idade sub-17, no futebol feminino não foram encontrados dados que sustentassem a presença do efeito (ALMEIDA; PALMA, 2011). Uma explicação para a ausência desse efeito no esporte feminino é proposta por Helsen et al. (2005), explicando que diferenças da idade relativa em equipes de futebol feminino não são facilmente observáveis, provavelmente, devido às mulheres terem a maturação mais cedo que os homens. Aspectos morfológicos da maturação feminina também podem camuflar ganhos de força, velocidade e outras vantagens físicas pelo desenvolvimento mamário e maior acúmulo de tecido adiposo. O esporte feminino, por fatores socioculturais, apresenta também menor número de participantes e, como consequência, menor concorrência entre as atletas, tornando a detecção do EIR menos recorrente.

No beisebol também se encontrou o EIR, porém somente para o sexo masculino e não para o feminino, em análise sobre as ligas profissionais norte-americanas de 1943 a 1954 (período do início e fim das ligas femininas profissionais) sugerindo como causa uma falta de estruturas de base organizadas para o feminino que causariam a seleção das atletas e a possível influência do efeito (ABEL et al, 2011). Porém, foi identificado o EIR no basquetebol feminino em campeonatos mundiais da FIBA (GARCIA et al, 2015).

Em categorias de base do futebol, observa-se grande diferença nos períodos de nascimento comparados aos da população geral de onde os atletas foram extraídos, ocorrendo claramente, desde as mais jovens categorias, um maior número de nascidos nos dois primeiros quartos do ano de seleção, havendo um aumento dessa ocorrência à medida que sobe o nível de envolvimento do atleta e sua idade (MUJICA et al 2009). Nas categorias de base de um clube de futebol da cidade de São Paulo analisadas do sub-10 ao sub-20 encontrou-se forte efeito da idade relativa (47,5% nascidos no primeiro trimestre contra somente 8,8% nascidos no último trimestre do ano) comparado aos nascimentos da população da cidade em geral (MASSA et al, 2014).

No tênis também se encontra o efeito da idade relativa em atletas de elite sênior e júnior com 58,9% e 59,5% de atletas nascidos nos primeiros meses do ano, respectivamente (EDGAR; O'DONOGHUE, 2005). Pacharoni et al (2014) encontrou a presença do efeito nas categorias sub-12, sub-14, sub-16 e sub-18 no tênis, tendo 65,2% dos atletas nascido no primeiro semestre, porém na categoria adulto a distribuição dos nascimentos foi mais equilibrada.

Já no basquetebol o efeito da idade relativa ocorre nos jogadores sub-17 e sub-19, com maior predominância em posições e funções do jogo que necessitam de mais força como pivô e ala-de-força (GARCIA et al, 2014).

Para além das justificativas maturacionais Hancock, Adler e Côté (2013), propõem um modelo teórico para explicar os efeitos da idade relativa de acordo com fatores sociais determinantes que influenciam no fenômeno, sendo considerados esses fatores como os principais causadores e reforçadores do EIR. Os autores consideram três esferas sociais de influência, sendo os pais dos jovens praticantes à primeira esfera, os técnicos/treinadores à segunda e os próprios atletas à terceira.

A influência dos pais se relaciona ao denominado efeito Mateus (*Matthew effect*). Esse termo foi cunhado por Merton (1968), ao analisar que cientistas que tinham maior reputação, tinham a tendência de ganhar mais prêmios e serem mais citados, observando, porém, que as citações não eram pela qualidade dos seus trabalhos em si, mas sim pelo renome, reconhecimento e poder desses cientistas na área de conhecimento. O sentido do termo (Efeito Mateus) considera uma passagem dos escritos bíblicos do evangelho segundo Mateus (12:13) que diz: “Ao que tem, se lhe dará e terá em abundância, mas ao que não tem será tirado até mesmo o que tem.”. Essa passagem pode ser resumida associando-a ao ditado popular que alerta sobre o fato de que “o rico fica mais rico e o pobre fica mais pobre”. Isso indica que, no esporte, vantagens existentes na habilidade e desenvolvimento entre atletas tendem a crescer, ampliando as diferenças, pois um atleta que tem uma base mais variada de movimentos, representada por um repertório motor melhor desenvolvido, tende a se destacar e ser mais acionado, tendo maior desenvolvimento que o atleta que não tinha esse repertório motor, ampliando a diferença entre eles. Assim o Efeito Mateus atua na maior oferta de oportunidades para o aprendiz.

Esse efeito é atribuído aos pais e familiares, pois possibilitam que a criança adquira um variado repertório motor e habilidade em determinadas modalidades, formando uma vantagem sobre outros atletas que entraram no esporte 1 ou 2 anos depois. Essa aquisição diferenciada se relaciona ao maior investimento dos familiares relacionado as oportunidades de prática e a melhores condições de preparação. Isso confirma o EIR, pois atletas mais velhos que já tem essa diferença no desempenho, interpretada como talento, têm mais chances de desenvolvimento interpretada como uma vantagem e, de acordo com o efeito Mateus, essa vantagem tende a aumentar com o tempo (HANCOCK; ADLER; CÔTÉ, 2013).

A influência dos treinadores ocorre no efeito Pigmalião (*Pygmalion effect*). Esse termo provém de um escrito do poeta romano Ovídio que trata da história de Pigmalião. Esse personagem fez a escultura de uma mulher perfeita e se apaixonou por ela. A deusa Afrodite,

não encontrando mulher mais bela e pudorada que a esculpida, apiedou-se de Pigmalião e transformou sua escultura em uma mulher real, de carne e osso. O efeito também faz menção à uma peça de teatro de George Bernard Shaw (inspirada no mesmo mito grego) que retrata a transformação de uma mulher pobre em uma dama da alta sociedade, motivada por uma aposta entre dois personagens. Esse efeito preconiza que quanto maiores são as expectativas depositadas em um indivíduo, maiores são os resultados que o indivíduo alcança. Dessa forma o efeito Pigmalião é relacionado ao papel dos técnicos no esporte, pois entre técnico e atleta existem relações de poder que podem permitir a ocorrência de maior atenção e depósito de expectativas por parte do técnico em relação à determinado atleta, ou grupo de atletas considerados talentosos. Essas expectativas proporcionam maiores oportunidades de prática e envolvimento com o esporte. Com isso, a seleção e treinamento dos considerados previamente como mais talentosos, possibilitam maiores chances de se destacarem realmente e serem cada vez mais diferenciados, corroborando com o EIR, ao possibilitar a priorização dos indivíduos relativamente mais velhos, inclusive, tornando esses indivíduos realmente mais talentosos (HANCOCK; ADLER; CÔTÉ, 2013).

Por fim, os próprios atletas atuam no efeito “Galatéia” (*Galatea effect*). Galatéia é o nome atribuído à escultura feita por Pigmalião e que foi transformada em uma mulher de carne e osso por uma ação divina. Esse efeito consiste em considerar que os indivíduos reagem de acordo com as expectativas que lhe são atribuídas. Assim um atleta que tem vantagens maturacionais, interpretadas como maior talento, tem mais chances de ser selecionado para uma equipe mais forte com maiores cargas de expectativas. Dessa forma o atleta adquire maior confiança e conseqüentemente maior desejo de participação em práticas esportivas. Então essas expectativas, baseadas em uma falsa verdade até então, proporcionam uma maior atenção dos que atuam socialmente na formação esportiva desse atleta, culminando em mais oportunidades do indivíduo jogar e atuar, o que acaba por facilitar a aquisição de maior habilidade, tornando uma falsa verdade inicial em algo real, caracterizando o efeito Galatéia (HANCOCK; ADLER; CÔTÉ, 2013), e contribuindo para mais uma efetivação do EIR. Ilustrando as características básicas desses efeitos apresenta-se um quadro exposto no quadro 2, resumindo os pontos principais dos efeitos traçados.

Quadro 2 – Resumo das teorias para explicar os agentes sociais que influenciam no efeito da idade relativa. Adaptado de Hancock, Adler e Côté (2013).

Teoria	Ponto principal	Explicação	Agente principal
Efeito Mateus	Vantagens tendem a crescer, ampliando as diferenças com o tempo	Vantagens iniciais da idade relativa	Pais e familiares
Efeito Pigmalião	Expectativas dos outros correspondem aos resultados	Vantagens subsequentes da idade relativa	Treinadores
Efeito Galatéia	As próprias expectativas correspondem aos resultados	Vantagens subsequentes da idade relativa	Atletas

2.5 – *Birthplace effect* e sua influência na formação e participação esportivas

Associado a toda descrição anterior que tratou sobre o efeito da idade relativa, onde a data de nascimento do atleta influencia suas chances de alcançar o esporte de alto rendimento, existe ainda um outro efeito, sustentado por evidências de que o local de nascimento também influencia a chegada de um atleta ao alto nível, sendo denominado efeito do local de nascimento (*birthplace effect*).

O efeito do local de nascimento (ELN) denuncia que atletas provenientes de cidades pequenas têm maiores chances de alcançar o sucesso esportivo (CURTIS; BIRCH, 1987; CÔTÉ et al, 2006; BAKER et al, 2009; MCDONALD et al, 2009; COSTA; CARDOSO; GARGANTA, 2013). Atletas oriundos de cidades pequenas e médias (até 500.000 habitantes) representam a maioria dos jogadores da liga profissional de hóquei canadense, observando-se o mesmo efeito para atletas olímpicos do Canadá e dos Estados Unidos, em relação à atletas de cidades maiores (CURTIS; BIRCH, 1987).

Esse efeito parece indicar que crianças nascidas em cidades menores tem maiores chances de desenvolver as habilidades esportivas e chegar ao alto rendimento, pois no futebol americano os locais onde ocorreram o maior nascimento de jogadores também são as cidades com menos de 500.000 habitantes, em comparação com cidades que apresentam maiores taxas de população (MCDONALD et al, 2009). O efeito do local de nascimento surge também nos estudos de Baker et al (2009), que embora não tenham encontrado evidências do efeito de idade relativa para atletas olímpicos e jogadores do futebol alemão, verificaram uma tendência de atletas de elite provirem de regiões com populações médias, não muito pequenas nem excessivamente grandes.

Em um outro estudo sobre futebol de campo, foram analisados dados de jogadores de equipes que disputaram o campeonato brasileiro de 2010, encontrando-se condições mais favoráveis para a chegada ao alto nível para atletas que nasceram nos primeiros meses do ano e que eram provenientes de cidades com menos de 200.000 habitantes, com IDH (índice de desenvolvimento humano) acima de 0,73 (COSTA; CARDOSO; GARGANTA, 2013).

No hóquei sobre o gelo as cidades pequenas também parecem fornecer maior suporte para o desenvolvimento de atletas de elite (BRUNER et al, 2011). Como possível causa do ELN tem-se que cidades pequenas têm a oferecer mais espaços livres e seguros para a prática e jogos que podem beneficiar os jovens moradores que iniciam sua trajetória nesses locais (CURTIS; BIRCH, 1987; CÔTÉ et al, 2006). A qualidade e quantidade de prática e de jogo parecem ser

os fatores-chave desse efeito, pois as cidades pequenas além de oferecer maior segurança e facilidade de acesso a espaços abertos, também permite um maior envolvimento e interação em jogos deliberados realizados entre crianças e adultos de diferentes idades e em diferentes atividades esportivas, maximizando o desenvolvimento. Além disso, pequenas cidades oferecem maior destaque ao atleta talentoso pela menor concorrência, melhorando a autoconfiança e o sucesso esportivo. Em suma, cidades menores oferecem mais oportunidades de desenvolver experiências e práticas reconhecidamente associadas ao desempenho de alto nível (CÔTÉ et al, 2006).

Fatores psicossociais relacionados ao maior destaque proporcionado ao atleta em cidades pequenas podem ser uma das causas do efeito observado sobre o local de nascimento através do efeito “peixe grande em lago pequeno” (“*big fish little pond*”), onde com menos atletas competindo pelo destaque, ocorrem maiores chances de algum deles ser percebido como talentoso, juntamente a isso proporciona-se maiores chances de desenvolvimento da autoconfiança, maior apoio da família e oportunidades de jogar contra times adultos da cidade, proporcionando desenvolvimentos que favorecem a chegada à elite (MCDONALD et al, 2009).

No estudo de Bruner et al (2011) não foi encontrada relação entre o efeito relativo da idade com o local de nascimento dos atletas. Esses efeitos parecem não ter correlação, sendo considerados independentes entre si, aparentando inclusive ser o ELN o mais forte e consistente na determinação da chegada dos atletas ao esporte de elite (CÔTÉ et al, 2006). Baker e Logan (2007) encontraram a presença dos efeitos do EIR e ELN na liga de hóquei norte americana, indicando que os efeitos podem encontrar-se associados ou não, tornando a detecção e prevenção mais complexa. Mas de qualquer forma, de acordo com a literatura, o EIR e o ELN se relacionam a possíveis exclusões de crianças e adolescentes do esporte, através das condições específicas proporcionadas pelos referidos efeitos que favorecem determinados sujeitos (COSTA; CARDOSO; GARGANTA, 2013).

A questão que permeia os efeitos EIR e ELN está bem relacionada a identificação das aparentes condições psicossociais que o local e o mês de nascimento proporcionam para a formação e participação esportiva de sucesso. Essas características bem específicas e restritivas representam uma barreira aos praticantes que não se encaixam nesse contexto social. Assim, esses efeitos devem ser combatidos para, pelo menos, diminuir sua influência negativa no sucesso esportivo de crianças que apresentam as condições desfavoráveis, de forma a tornar a prática do esporte mais democrática e igualitária para todos.

3 - MÉTODOS

O presente trabalho se enquadra em uma abordagem qualitativa de pesquisa, à medida que se propôs a desvendar e compreender um contexto particular, através de um aprofundamento em características sociais de um setor específico, representado por atletas de alto nível de voleibol. Mais precisamente, o trabalho buscou investigar e compreender os processos de formação esportiva vivenciados pelos atletas entrevistados.

A pesquisa qualitativa como forma de abordagem investigativa é crucial, oferecendo fundamental contribuição ao permitir destacar aspectos importantes da formação esportiva dos atletas participantes do estudo, permitindo um aprofundamento nas percepções subjetivas fornecidas pelos próprios indivíduos, em relação à sua trajetória no esporte (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008).

Através de um procedimento exploratório-descritivo objetivando levantar informações provindas dos discursos, o estudo buscou discutir e analisar seus conteúdos evidentes e latentes. A proposta foi oportunizar aos participantes uma forma de expressarem dados e fatos de sua trajetória esportiva até a sua profissionalização no esporte.

Uma vez que o objetivo deste estudo foi realizar uma investigação baseada em relatos pessoais, foi utilizada como instrumento de pesquisa a entrevista semiestruturada, que possibilita que o depoimento de cada atleta seja o mais fidedigno e autêntico quanto suas próprias experiências pessoais. As perguntas realizadas pelo entrevistador permitem que o participante descreva e reflita sobre suas experiências e extraia perspectivas sobre sua própria trajetória histórica. Neste tipo de abordagem, as perguntas são amplas e abertas e o entrevistador deve estar atento para solicitar aprofundamento de determinada resposta sempre que for necessário.

É sabido e difundido que uma das formas viáveis de se descrever a trajetória esportiva de atletas, se dá pela consulta sobre as suas próprias percepções das suas experiências vivenciadas (MOESCH et al, 2011). Nesse contexto, a realização de entrevistas retrospectivas representa uma ótima forma de investigar e estudar as trajetórias desses indivíduos (CÔTÉ; ERICKSSON; LAW, 2005; CÔTÉ, 2013).

Primeiramente foi feito o contato com um dirigente da equipe que, por sua vez, contactou os atletas e marcou as entrevistas em local e data indicados pelos mesmos, após as sessões de treino, no próprio ginásio e com o aval do treinador, de modo a não atrapalhar a rotina dos atletas e da equipe.

As entrevistas foram realizadas de forma oral, pessoalmente pelo próprio pesquisador e gravadas em áudio através de aparelho gravador digital, para a posterior transcrição e análise dos dados coletados.

Para isso, foi utilizado um método de análise do discurso bem difundido na literatura (MASSA; UEZU; BÖHME, 2010; MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2012; MARQUES et al, 2014), através do qual os dados coletados nas entrevistas foram organizados, analisados e classificados. Esse método utilizado é intitulado “Discurso do sujeito coletivo” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005), tendo como figuras metodológicas de análise as expressões-chave (ECH) e as ideias centrais (IC).

As ECH são trechos literais do discurso que revelam a essência do depoimento, sendo o conteúdo discursivo correspondente à questão da pesquisa, representada pela pergunta: “Como foi o processo de formação esportiva de atletas de alto rendimento de voleibol masculino?”. As ECH são úteis para apontar qual esfera de análise está sendo abordada pelo sujeito, de forma a facilitar uma primeira classificação das respostas. As IC representam o tema do depoimento, destacando os conteúdos apontados como relevantes para a discussão do tema, pois direcionam para a ocorrência e forma dos eventos analisados (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005).

As ECH foram destacadas, facilitando a identificação dos dados. Num segundo momento, essas ECH foram transportadas para Instrumentos de Análise do Discurso (IAD), na qual foram apontadas as IC referentes às respostas dos participantes. Num terceiro e último momento, com base em análise das IC, as respostas foram agrupadas de modo a terem sentidos homogêneos, para que fossem construídos “Discursos do sujeito coletivo” (DSC). Dessa forma o “Discurso do Sujeito Coletivo” consiste em analisar o material verbal extraído as ECH e apontando as IC correspondentes, compondo-se um ou vários discursos síntese na primeira pessoa do singular (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005). Nas palavras de Lefèvre e Lefèvre (2005, p. 15) vemos características da construção do DSC:

[...] é preciso fazer perguntas abertas para um conjunto de indivíduos de alguma forma representativos dessa coletividade e deixar que esses indivíduos se expressem mais ou menos livremente [...]. Feita a pergunta aberta, é preciso juntar os discursos individuais por ela gerados de modo que eles expressem o pensamento de uma coletividade.

O DSC é uma proposta de reconstituição de um ser ou uma entidade empírica coletiva, pois representa o social “falando” ou “falado”, aproximando a perspectiva praxiológica de Bourdieu à teoria de representações sociais (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2006).

Minayo (2006) aponta que é importante, em pesquisa qualitativa, que o pesquisador escolha os participantes de acordo com critérios e necessidades do trabalho exploratório. É preciso considerar a posição social, o histórico, a formação e acesso à informação que se faz relevante ao estudo. A mesma autora indica que os indivíduos sejam selecionados de acordo com critérios específicos.

Os participantes deste estudo cumpriram os seguintes critérios de inclusão: ser atleta profissional de alto rendimento no Voleibol; ser do sexo masculino; participar como jogador do Campeonato Paulista de Voleibol e/ou da Superliga de Voleibol (nacional) nas temporadas de 2014/15 e/ou 2015/16. Foram considerados atletas profissionais os que se enquadraram nos pré-requisitos previstos pela Lei Federal nº 9615, conhecida como Lei Pelé (BRASIL, 2003), que caracteriza a prática esportiva profissional como uma ação baseada na “... remuneração pactuada em contrato formal de trabalho entre o atleta e a entidade de prática desportiva”.

Tem-se que a seleção de atletas de alto rendimento para estudos sobre formação esportiva se faz adequada, devido ao tempo de investimento no esporte, engajamento e manutenção do hábito de prática após a adolescência observado nesses sujeitos (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008).

Com isso, foram entrevistados 5 participantes, todos com passagens por seleções brasileiras de base e finalistas da Superliga de Voleibol. O número de atletas entrevistados se deu de acordo com os critérios de inclusão, além da acessibilidade e disponibilidade para participar do estudo.

Na tabela 1 são apontados os locais e datas de nascimento dos cinco atletas entrevistados, destacando-se o número total de habitantes das cidades em época próxima ao nascimento dos participantes, além de destacar a participação na seleção brasileira e o nível de formação escolar alcançado pelos entrevistados. O levantamento do número total de habitantes foi colhido a partir dos dados do Censo demográfico de 1991 (IBGE, 1992), sendo essa escolha motivada pela data de dados oficiais com maior proximidade à média da data de nascimento dos atletas entrevistados. Dessa forma buscou-se identificar as características mais próximas possíveis à realidade vivenciada pelos participantes durante a infância.

Tabela 1- Caracterização dos participantes do estudo						
Sujeito	Cidade natal	População*	Nascimento mm/aaaa	Participação em seleção brasileira de base	Participação em seleção brasileira principal	Escolaridade
S1	Ijuí- RS	75.158	02/1989	Sim	Sim	Superior incompleto
S2	Três Corações- MG	57.037	03/1993	Sim	Não	Superior incompleto
S3	Aracaju- SE	401.244	01/1993	Sim	Não	Médio completo
S4	Maceió- AL	628.209	02/1989	Sim	Sim	Superior incompleto
S5	São Gonçalo do Rio Preto- MG	2.998	08/1984	Sim	Sim	Médio completo
*Dados de população oriundos do Censo 1991 (IBGE, 1992)						

Verifica-se, descritivamente, que quatro dos cinco participantes (S1, S2, S3, S5) nasceram em cidades pequenas e médias, considerando a população total da cidade de nascimento e criação, apurada em data próxima da média de nascimentos dos participantes. A classificação é feita considerando como de pequeno e médio porte as cidades com menos de 500.000 habitantes (CÔTÉ et al, 2006), de acordo com o referencial teórico que embasa o estudo. Além disso, considerando o padrão brasileiro para a classificação do tamanho das cidades em pequenas, médias e grandes, através do número de habitantes tem-se que as cidades pequenas apresentam população inferior a 20.000 habitantes, enquanto as médias apresentam entre 20.000 e 500.000 habitantes e por fim as cidades grandes são aquelas com população superior à 500.000 habitantes, sendo esse critério o mais adotado pelas instituições de estudos estatísticos (SÁTYRO, 2010).

Quanto ao período de nascimento, também de forma descritiva, tem-se que 4 dos 5 participantes (S1, S2, S3, S4) nasceram no primeiro trimestre do ano. Essa caracterização é importante para as discussões que seguirão o trabalho.

Como materiais para a realização desta pesquisa foram utilizados gravadores de voz digital, computador e impressora de posse do pesquisador.

Este trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, CAAE nº 30188414.0.0000.5407.

4 - RESULTADOS e DISCUSSÃO

Com o objetivo de que a leitura, análise e discussão dos dados e categorias surgidos nas entrevistas que serviram de base para a investigação do presente estudo sejam apresentadas de forma mais dinâmica, foram unidas as sessões de resultados e de discussão dos dados em um único campo, apresentando um texto fluente.

Dessa forma, após a análise dos discursos, os dados foram organizados em sete temas expostos a seguir:

Tema A- Iniciação ao voleibol e aspectos relacionados à prática.

Tema B - Voleibol e Carreira Escolar.

Tema C - Características dos treinamentos e atividades.

Tema D - Efeito do Local de Nascimento.

Tema E - Treinadores, atletas e os Efeitos Pigmalião e Galatéia.

Tema F - Pais, familiares e o Efeito Mateus.

Tema G - Profissionalismo no voleibol.

Os discursos do sujeito coletivo construídos (DSC) são apresentados no decorrer do texto, ilustrando as discussões realizadas com outros trabalhos presentes na literatura. Sendo que em cada tema foram apontadas as ideias centrais, colocando entre parênteses os sujeitos que ofereceram expressões-chave, para a posterior composição de cada discurso do sujeito coletivo (MAZZA; LEFÈVRE, 2005).

4.1 - Iniciação no voleibol e aspectos relacionados à prática

O início dos atletas e sua trajetória no voleibol é expresso no tema A, sendo que o DSC1-IC1A indica que a inserção dos participantes na prática apresentou um caráter recreativo e lúdico, ocorrendo desde cedo, na percepção dos atletas.

DSC1-IC1A: Início recreativo e primeiros passos (S1, S2, S3, S4, S5)

Iniciei a prática do voleibol brincando, desde pequeno ^(s1, s2, s3, s4, s5) acho que jogo desde que nasci ^(s3, s4) brincando de vôlei de areia na beira do rio ^(s5) e jogando na rua ^(s1, s2) depois disso comecei a praticar voleibol em equipes de colégios particulares ^(s1, s4) e em escolinhas de clubes ^(s2, s3, s5) posteriormente saí da casa de meus pais e fui morar sozinho em outra cidade para jogar, logo após os 14 anos ^(s4, s5) 15 anos ^(s1, s2, s3). Fazia vários esportes mas tive uma melhora maior no vôlei ^(s1, s4) escolhi essa modalidade por estar mais avançado ^(s2) além disso era bem mais alto que o pessoal ^(s1, s2, s5) o que facilitava bastante ^(s1)

O início dos atletas na modalidade foi marcado por uma prática com alta presença de jogos deliberados, sempre permeados pela diversão de acordo com a percepção dos atletas entrevistados. A diversão aparece como fator fundamental na prática da modalidade e é também apontada como o principal fator motivacional para o início no voleibol em um estudo realizado com 200 crianças (100 meninos e 100 meninas) praticantes de voleibol da cidade de Areal, na faixa de 7 a 14 anos (SOUZA; OLIVEIRA FILHO, 2013). Essa característica de diversão da formação inicial gera vantagens para a continuidade na prática esportiva estando relacionada ao gosto e ao desenvolvimento esportivo aumentando as chances da prática ser persistente durante a adolescência e na idade adulta (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009; CÔTÉ; HANCOCK, 2014).

Esse caráter no envolvimento com o esporte representa o já abordado jogo deliberado, representado por atividades esportivas que remetem a motivações intrínsecas, gratificação imediata e proporcionam apreciação, diversão e prazer (CÔTÉ, 1999). Além do jogo deliberado, Côté e Hancock (2014) colocam a diversão como um objetivo de prática independente, motivando os indivíduos para continuarem praticando e proporcionando resultados positivos no rendimento, no desenvolvimento pessoal e na participação.

É relatado no discurso que os ambientes de inserção na prática formal da modalidade são representados principalmente pela escola e por escolinhas de voleibol de clubes esportivos. Como apontado por outro estudo, essa característica é presente na formação de atletas

brasileiros medalhistas em pan-americanos, mundiais e olimpíadas, onde o início de modalidades esportivas se dá através do binômio escola-clubes, sendo a escolha posterior por determinada modalidade motivada principalmente pelo gosto e pelas oportunidades de prática dos atletas (PERES; LOVISOLO, 2006).

Aqui a escolha dos atletas pela modalidade voleibol ocorreu pelo fato dos jogadores apresentarem um maior destaque e melhores desempenhos em relação às outras modalidades que praticavam. Além do desempenho, foi relatado como fator de escolha pela modalidade o benefício de apresentarem uma estatura avantajada em relação a seus pares. Os jogadores, posteriormente, relataram ainda a saída da casa de seus pais após os 14 anos para jogar em escolas ou clubes.

Concomitante às características da prática do voleibol, ocorreram relatos de uma iniciação esportiva variada (DSC2-IC2A), envolvendo diversas modalidades esportivas.

DSC2-IC2A: Iniciação esportiva variada (S1, S2, S3, S4, S5)

Sempre pratiquei diversas atividades e modalidades esportivas ^(s1, s2, s3, s4, s5) sempre gostei e brinquei de futebol, basquete, handebol, vôlei ^(s1, s2, s4, s5) natação ^(s3, s4, s5) atletismo ^(s1) e triátlon ^(s3) fazia tudo que tinha na escola ^(s1, s4)

Os atletas iniciaram de forma lúdica, participando de diversas modalidades sugerindo uma iniciação rica em variedade de experiências motoras. A forma de início dos atletas entrevistados corrobora com um estudo quantitativo realizado com 52 atletas profissionais de voleibol do Estado de São Paulo, onde encontrou-se que a maioria dos atletas tiveram vivências em outras modalidades esportivas, iniciaram a participar de competições após os 14 anos, com remuneração e cobrança por desempenho também após essa idade, indicando que os atletas que chegaram ao alto nível não tiveram uma iniciação esportiva pautada na especialização precoce (MARQUES et al, 2014).

A iniciação esportiva variada é defendida por vários autores (ARENA; BÖHME, 2000; BAKER, 2003; CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009). Essa experiência relatada pelos atletas proporciona uma maneira de se evitar a especialização esportiva precoce que, por seus reconhecidos efeitos negativos na formação esportiva, ainda necessita ser amplamente discutida e problematizada.

Tem-se que a especialização esportiva precoce é categoricamente indesejável no voleibol, pois pode interferir negativamente na aquisição do repertório motor necessário para o

rendimento de alto nível, tendo bons resultados restritos a curto prazo (VIEIRA; BOJIKIAN, 2008).

A especialização esportiva precoce parece não apresentar relações com desenvolvimento de maior habilidade atletas de voleibol portugueses, segundo um estudo que realizou uma comparação entre atletas considerados como mais e menos habilidosos, divididos em quatro grupos (15 homens e 15 mulheres habilidosos e 15 homens e 15 mulheres menos habilidosos). Tal estudo encontrou que os jogadores mais habilidosos (tanto homens como mulheres) tiveram uma especialização na modalidade mais tardia (entre 14 e 15 anos) comparada aos jogadores menos habilidosos, sugerindo que a diversificação inicial e variada associada à especialização em idades adequadas contribuem para o desenvolvimento de um rendimento de elite no voleibol (COUTINHO et al, 2015).

Essa característica também foi observada em jogadores que chegaram ao nível juvenil de futsal, onde apesar de terem um início cedo na modalidade, a participação em competições se deu apenas em idades mais avançadas, associado ao envolvimento sistemático em outras modalidades, indicando que a não especialização em tenras idades é benéfica para o avanço nas categorias de base (SANTANA; FRANÇA; REIS, 2007). Velejadores que chegaram ao alto rendimento também tiveram uma vivência esportiva variada, com a prática da vela sendo considerada prazerosa na iniciação (VIANA; ANDRADE; BRANDT, 2011).

A diversificação inicial torna-se indicada para a maior chance de sucesso, pautada na formação multilateral na infância, com oferta de diversas modalidades esportivas. Dessa forma, evitando os efeitos negativos da EEP e proporcionando os benefícios de uma formação de longo prazo (ARENA; BÖHME, 2000; BAKER, 2003; MOESCH et al, 2011).

A forma de inserção no mundo esportivo, vivenciada pelos participantes da presente pesquisa, é afim ao preconizado pelo modelo de Côté e colaboradores, associado aos denominados “anos de experimentação”. Esses anos de experimentação, ou de diversidade, situam-se no período compreendido entre 6 e 12 anos onde o envolvimento do sujeito deve ser voltado para a prática de diversas modalidades esportivas, sendo os pais e familiares cruciais para proporcionarem o estímulo do interesse e a diversão no esporte, sem focar em treinamento intenso e sim estimular a participação em jogos deliberados. A importância dessa fase de experimentação se dá pela aquisição de habilidades cognitivas, psicológicas e motoras necessárias à permanência e participação no esporte, incluindo a chegada ao alto rendimento (CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009; CÔTÉ; HANCOCK, 2014).

A saída da casa dos pais para jogar e a escolha pelo voleibol devido ao seu melhor desempenho, nível e gosto pela modalidade se relaciona aos anos de especialização. Esse

período situado entre 13 e 15 anos é caracterizado pela aquisição de habilidades específicas, diminuindo o envolvimento em diversas modalidades para uma maior dedicação em uma ou duas de maior interesse, porém a diversão ainda deve figurar como elemento central da prática visando o pleno desenvolvimento esportivo e os familiares encorajaram o comprometimento em um número limitado de modalidades da escolha da criança, não ocorrendo pressões pela escolha de alguma específica (CÔTÉ, 1999).

Outro fator que reforça a ideia de que os atletas iniciaram e desenvolveram sua prática sem muitas pressões externas ou desejos prévios de chegar ao esporte profissional reside no discurso DSC3-IC3A que trata das expectativas na iniciação.

DSC3-IC3A: Sem expectativas de ser profissional na iniciação (S1, S2, S3, S5)

No início nem sonhava em ser profissional, seleção e essas coisas ^(s1) quando comecei a expectativa era só de divertir e brincar mesmo ^(s2, s3, s5) não pensava em profissão, levar a sério e ganhar dinheiro ^(s2, s3) claro que tinha uma vontade, mas expectativa de chegar não ^(s5). Somente após os 16 anos que comecei a levar a sério ^(s1, s3, s5) querer jogar no time adulto ^(s2, s3) somente aos 18 anos que eu vi que podia ter um futuro brilhante ^(s5)

A fala dos participantes denota uma iniciação voltada para a diversão, com a ideia de seguir carreira somente presente após os 16 anos. A ideia de almejar o esporte profissional após esta idade coincide com o período dos anos de investimento, onde ocorre a dedicação em uma única modalidade esportiva (preferencialmente após os 15 anos) com o comprometimento e a especialização do atleta, objetivando uma aquisição de rendimento de elite através do desenvolvimento de habilidades específicas e características competitivas, assumindo contornos de esporte de alto rendimento (CÔTÉ, 1999).

Nesse período a prática esportiva assume características associadas ao sentido oficial do esporte, onde se prioriza o resultado da disputa e ocorre a cobrança de um alto rendimento obrigatório dos participantes. Nessa etapa da formação, visando o desenvolvimento de um rendimento máximo há uma supressão do sentido ressignificado que, por sua vez, prioriza a adaptação da prática pautada na inclusão cobrando um rendimento necessário dos participantes, de acordo com o ambiente de prática (MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2008). A característica que a prática esportiva assume nos anos de investimento, voltada ao sentido oficial do esporte foi almejada e vivenciada pelos atletas entrevistados somente após os 16 anos, denotando um envolvimento com a prática recomendado pelo referencial teórico de Côté e colaboradores.

O foco da formação esportiva era voltado para outra modalidade, no caso o futebol, onde havia o desejo de chegar ao nível profissional. Esse fator é expresso no DSC4-IC4A:

DSC4-IC4A: Tinha foco em outra modalidade antes do voleibol (S1, S2, S3, S5)

Meu sonho era ser jogador de futebol ^(s1, s2, s3) acho que todo mundo já tentou ^(s2) eu era forte e chutava bem ^(s5) treinava sério e consegui chegar até as categorias de base de alguns clubes ^(s1, s3). Porém a melhor oportunidade veio no voleibol ^(s1, s3, s5) estava jogando um campeonato escolar e entrei para completar o time de vôlei quando fui chamado para um clube de São Paulo e já fui para a seleção ^(s3) esse sucesso no vôlei compensou a frustração no futebol ^(s1)

Mais uma vez o discurso denota uma prática do voleibol mais focada na diversão e no desenvolvimento pessoal intrínseco. Porém os atletas decidiram seguir carreira no voleibol porque tiveram suas melhores oportunidades nessa modalidade esportiva, considerando que chegaram, inclusive, por acaso.

A especialização tardia no voleibol parece ter sido um aspecto positivo da formação. Como apontam Moesch et al (2011), atletas dinamarqueses de elite em modalidades esportivas individuais se especializaram de forma mais tardia comparado com atletas que chegaram a desempenhos próximos aos de elite. No voleibol, os atletas considerados mais habilidosos também se especializaram mais tarde em comparação aos de menor rendimento em Portugal (COUTINHO et al, 2015). Assim, para o pleno desenvolvimento esportivo e alcance do alto rendimento, a especialização em uma única modalidade deve ser adiada até o fim da adolescência, otimizando o sucesso e minimizando lesões, estresse e abandono da prática (JAYANTHI et al, 2013).

Uma característica interessante citada pelos participantes se encontra no DSC5-IC5A, onde os treinadores definem as posições dos atletas de acordo com suas características antropométricas.

DSC5-IC5A: Atuação e definição de funções (S1, S2, S3, S4, S5)

Joguei em mais de uma posição ^(s1, s2, s3, s4, s5) iniciei de central pela maior estatura ^(s1, s2, s3, s4, s5) porque geralmente os mais altos sempre são os escolhidos para serem os meios de rede na iniciação ^(s1, s2) mas fazia de tudo, passava, atacava e bloqueava ^(s1, s3) joguei de ponta ^(s1, s2, s3, s4, s5) e de oposito ^(s1, s2, s3) no começo não tem muita definição, se você não é levantador joga nas outras posições de ataque ^(s1, s2) pois os treinadores não costumam colocar jogadores altos para levantar ^(s2)

A característica de definir as funções de acordo com a estatura dos atletas parece estar associada aos anos iniciais de treinamento, em equipes mais jovens. Nas categorias de base mais avançadas no voleibol, a seleção feita por características antropométricas é recorrente, porém, outros fatores também são considerados nesse processo como a liderança, o espírito de equipe e a capacidade de decisão, além de fatores subjetivos não-sistemáticos avaliados pelos treinadores (ANFILO; SHIGUNOV, 2004; ZANATTA; SOUSA; NASCIMENTO, 2010), demonstrando uma possível exclusão e limitação das possibilidades de desenvolvimento na modalidade, pautado, entre outros fatores, pelas características antropométricas dos indivíduos.

Pode-se associar essa característica como um exemplo do efeito da idade relativa na seleção de atletas. Nessa consideração, os atletas que nasceram nos primeiros meses do ano e potencialmente favorecidos pelo EIR apresentariam um estágio de maturação mais avançado, podendo ser refletido em maior estatura e capacidades físicas como força e potência. Essas características podem ter proporcionado maiores chances nos processos de seleção e conseqüentemente maiores oportunidades de prática.

Coutinho et al (2015), afirmam que atletas de voleibol portuguesas consideradas como mais habilidosas na fase adulta relataram que tinham estatura superior em relação às suas colegas de equipe entre os 8 e 16 anos de idade, podendo essa característica antropométrica ter proporcionado maiores chances de se tornarem habilidosas posteriormente no voleibol.

Além dessa característica, os atletas relataram que jogaram em diferentes funções e posições durante sua história na modalidade. A mesma característica foi encontrada por Marques et al (2014), onde atletas profissionais de voleibol do Estado de São Paulo jogaram em várias posições durante sua formação esportiva, denotando uma condição que dificultaria a instalação de uma EEP, além dessa característica poder proporcionar uma maior possibilidade de formar um atleta mais completo, com a versatilidade necessária para atuar em diferentes funções no jogo.

No DSC6-IC6A, os participantes tratam da chegada à seleção brasileira, em suas diversas categorias e suas conseqüências na vida do atleta.

DSC6-IC6A: Seleção e perspectivas de carreira (S1, S2, S3, S4, S5)

Particpei das seleções infanto e juvenil ^(s1, s2, s3, s4, s5) e adulta ^(s1, s4, s5) disputando sul-americanos, pan-americanos e mundiais com importantes conquistas ^(s1, s2, s3, s4, s5) vivenciar essas experiências na base motivam ^(s5) pois quando você vai para a seleção de base a coisa fica mais séria, você se esforça mais ^(s1, s2, s3) sua cabeça muda, você vê que tem condições e pode traçar seus objetivos, sua carreira ^(s2)

Os participantes declararam participar da seleção brasileira a partir da categoria infante e juvenil, estando essas categorias acima dos 15 e 17 anos respectivamente. Essas idades estão de acordo com o recomendado por Côté (1999) nos denominados anos de investimento que segundo o autor devem ser concentrados preferencialmente após os 15 anos. Esse ambiente competitivo que envolve a convocação para o selecionado brasileiro de voleibol, permeado por disputas de campeonatos continentais e mundiais refletem a instauração de características do alto rendimento, preparando os atletas para a vida profissional.

A chegada à seleção parece importante na vida dos atletas entrevistados, indicando a existência de maiores expectativas, motivação e indicação de sucesso na carreira futura de jogador de voleibol profissional. O novo patamar alcançado através da convocação parece motivar para o crescimento na carreira esportiva, amadurecendo as expectativas do atleta no voleibol.

Em relação ao abandono do esporte é expresso no DSC7-IC7A que os participantes não cogitaram abandonar o voleibol durante a iniciação e acreditam que os colegas que interromperam seus caminhos foram motivados principalmente pela concorrência no meio, a falta de apoio da família, a necessidade de trabalhar e o estudo:

DSC7-IC7A: Motivos de abandono (S1, S2, S3, S5)

Nunca pensei em abandonar o voleibol durante minha formação ^(s1, s2, s3, s5) creio que meus colegas que abandonaram foi por não conseguirem time ^(s1, s2, s5) estudos ^(s1, s2) falta de apoio da família ^(s5) e inclusive o uso de drogas ^(s3) principalmente no momento em que você sai do juvenil, onde ou consegue um time profissional, ou trabalha ou estuda ^(s1, s2)

Os últimos dados apresentados representam a percepção de atletas de alto nível de voleibol sobre os possíveis motivos de abandono de seus colegas durante a trajetória no voleibol. Portanto são interpretações secundárias sobre o real abandono vivenciado por aqueles que ficaram pelo caminho.

Nesse contexto, um fator de abandono citado pelos atletas foi a falta de apoio da família sendo esse elemento bem descrito na literatura, onde o maior apoio familiar representa um reforçador na manutenção dos indivíduos e bom desenvolvimento no esporte (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009; MASSA; UEZU; BÖHME, 2010).

Apesar dos participantes não terem mencionado a falta de apoio do treinador, tem-se que a falta deste e do acompanhamento individual figura como grande causa de abandono de atletas nas práticas de natação e de futsal (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008; HALLAL et al, 2004).

Fraser-Thomas, Côté e Deakin (2008), ao comparar 25 atletas adolescentes que abandonaram a natação com 25 atletas que se mantiveram na prática encontraram que os sujeitos que abandonaram vivenciaram menos brincadeiras de natação não-estruturadas, menor acompanhamento individual pelos treinadores, menor envolvimento em atividades extracurriculares e atingiram etapas de desenvolvimento mais cedo que os atletas que se mantiveram na natação. Além disso, os atletas que abandonaram apresentaram maiores chances de terem tido pais que foram atletas de alto nível em sua juventude, maiores chances de terem sido os mais jovens nos grupos de treinamento e menores chances de terem tido um melhor amigo na natação.

Um fator que também não foi citado pelos participantes do presente estudo é a falta de motivação para a continuidade na prática, sendo que esta se apresenta como elemento crucial para a manutenção em programas de formação e participação esportiva (LOPES; NUNOMURA, 2007; ENOKSEN, 2011; SOUZA; OLIVEIRA FILHO, 2013).

Por fim, os atletas citaram que um elemento fundamental responsável pelo abandono de práticas esportivas é representado pela dificuldade de conciliação entre os treinamentos e estudos. Os estudos como causa de abandono da prática são bem presentes na literatura sendo considerados como uma das suas principais causas (HALLAL et al, 2004; PERES; LOVISOLO, 2006; BARA FILHO; GARCIA, 2008; ENOKSEN, 2011; ROCHA et al, 2011).

Neste amplo tema, tem-se que os atletas participantes do presente estudo tiveram um início no voleibol em caráter recreativo, permeado por jogos deliberados de voleibol em ambientes informais de prática. Posteriormente, o treinamento sistematizado da modalidade se deu em clubes esportivos e equipes de escolas particulares. Associado a esse fato, os participantes tiveram uma iniciação esportiva variada, envolvendo jogos deliberados e participação em outras modalidades esportivas diferentes do voleibol.

Foi relatado pelos atletas uma atuação em diferentes posições durante a trajetória esportiva e a percepção de que os treinadores delegam as funções, na iniciação, pautados na estatura dos atletas, com os mais baixos sendo levantadores e os mais altos os centrais.

Os atletas não tinham expectativas de serem profissionais durante os primeiros anos de formação esportiva, amadurecendo essa ideia somente após os 16 anos. Outro fato relatado foi que as primeiras convocações para a seleção brasileira (infante) representaram um divisor de águas, motivando e mostrando que os atletas tinham condições de se tornarem profissionais de alto rendimento no voleibol.

Por fim, os jogadores enfatizaram que nunca pensaram em abandonar o voleibol durante a formação esportiva e relataram suas percepções sobre o abandono de colegas. De

acordo com os participantes as principais motivações para o abandono são o insucesso na inserção em equipes profissionais, a falta de apoio da família e os estudos, estando o abandono concentrado principalmente no final da categoria juvenil.

O abandono da prática motivado pelos estudos é melhor abordado no tema seguinte, intitulado Voleibol e Carreira Escolar.

4.2 - Voleibol e Carreira Escolar

Os atletas identificaram que o voleibol atrapalhou suas vidas escolares, evidenciado no DSC1-IC1B, onde é abordado que esse prejuízo nos estudos pela prática do voleibol ocorreu principalmente após o ensino fundamental, influenciando negativamente o ensino médio e o superior.

DSC1-IC1B: Voleibol atrapalha vida escolar (S2, S3, S4, S5)

O voleibol atrapalhou minha vida escolar ^(s3, s4, s5) porque quando estava terminando o ensino médio comecei a viajar muito e perder aulas ^(s3, s4) a distância e o tempo gastos para percorrer o trajeto entre casa, treino e escola me deixavam muito cansado ^(s3, s5) tanto que tive que terminar o ensino médio fazendo supletivo ^(s3, s5) acho que faltam no Brasil entidades onde você possa treinar e estudar porque o clube só quer mesmo que você jogue bem ^(s5). Agora no alto rendimento é praticamente impossível conciliar os treinos com uma formação superior ^(s2, s3, s5) tem que esperar parar de jogar ^(s5) porque nossa rotina é intensa e não permite estudar bem ^(s2, s3, s5)

O conflito entre prática esportiva e o bom andamento dos estudos, de forma geral, é bem presente na literatura. As denominadas demandas educacionais são um dos principais fatores de abandono em jovens atletas de atletismo que deixaram a prática, além dos estudos também são apontados outros fatores como lesões, desmotivação e estagnação no desempenho (ENOKSEN, 2011). Devido à gravidade relacionada ao prejuízo nos estudos nesse período da vida dos jovens atletas, tem-se que esse fator também é um dos principais motivos de abandono da prática no futsal em atletas entre 11 e 17 anos, além da falta de apoio do treinador (HALLAL et al, 2004). Bara Filho e Garcia (2008), em um estudo retrospectivo com 332 jovens, entre 10 e 20 anos, ex-praticantes de futebol, ginástica artística, handebol, basquete e natação na Espanha, encontraram que o principal motivo de abandono das práticas foi a necessidade de estudar, associado a falta de tempo para outras atividades.

No discurso apresentado neste estudo, a rotina desgastante e as viagens prejudicavam o estudo e a frequência escolar, sendo que em alguns casos os atletas precisaram terminar o ensino médio por meio do supletivo. De forma semelhante, no futebol, a conciliação da escola com os treinamentos é um problema, devido à rotina carregada e cansativa dos atletas, apesar da escola fornecer alternativas como, por exemplo, a flexibilidade de horário (ROCHA et al, 2011).

Os atletas ainda cobram instituições que conciliem a prática esportiva e o estudo escolar, permitindo o desenvolvimento de ambos sem maiores prejuízos. Essa alternativa também é apontada por Rocha et al (2011), onde há uma facilitação para os atletas que tem a possibilidade de treinar e estudar no mesmo local, flexibilizando os horários e o deslocamento entre treinos e escola.

Apesar dos atletas participantes da pesquisa não terem abandonado o esporte (e nem a escola, até o ensino médio) foi reconhecido um conflito entre a prática de alto nível e as instituições escolares. Por isso é importante buscar estratégias para conciliar esporte e escola, pois falhas que ocorrem nessa relação parecem ter parcela significativa no abandono da prática esportiva (HALLAL et al, 2004).

Os atletas apontam que a rotina de atleta profissional nos clubes atrapalha também a formação superior, demonstrando certa preocupação ao citar que primeiro é necessário abandonar o esporte para então investir nos estudos universitários.

Esse fator já foi relatado, representado pela percepção da dificuldade para investir em uma carreira paralela ao esporte, feita por atletas brasileiros que chegaram ao esporte profissional, pois não puderam concluir ou iniciar os estudos universitários que são uma das mais tradicionais formas de capacitação para o mercado de trabalho, esse impedimento na formação superior representa uma de suas maiores preocupações (PERES; LOVISOLO, 2006).

Apesar de terem citado que o voleibol prejudica a vida escolar é evidenciado, pelos atletas que tiveram bolsas de estudos em escolas controladas pela iniciativa privada, uma característica esportivizada dessas tais instituições considerando-as como promotoras da prática esportiva, expressas no DSC2-IC2B:

DSC2-IC2B: Bolsa no ensino privado e promoção da prática esportiva (S1, S2, S4)

O vôlei me proporcionou bolsas de estudo em escolas particulares ^(s1, s2, s4) algo que meus pais não teriam condições de oferecer ^(s2) e a escola era forte incentivadora da prática esportiva, reconhecida na cidade e fornecia várias opções de modalidades ^(s1, s4) posteriormente cheguei a estudar no ensino superior em uma faculdade que oferecia bolsa integral para jogar no time, mas não consegui terminar por ter entrado em um clube profissional ^(s1, s2)

Aqui o uso do esporte aparece como promoção da marca e nome da empresa escolar parecendo ser o fator fundamental para o incentivo da prática esportiva. Os participantes relataram que tiveram bolsas de estudo para atuar em competições pela escola, incluindo a atuação no ensino superior em faculdades particulares. Posteriormente o conflito do voleibol

com os estudos é novamente abordado apontando a saída para clubes profissionais como fator que impediu a conclusão do ensino superior.

Outro fator positivo credenciado à escola é a valorização, pelos atletas, de uma oferta variada de atividades esportivas fornecidas, presente no discurso DSC3-IC3B, onde são citadas as características da educação física escolar:

DSC3-IC3B: Facilidade e incentivo dos professores na EF escolar (S1, S2, S3, S4, S5)

Minhas aulas variavam entre voleibol, futsal, basquetebol e handebol ^(s1, s2, s3, s4, s5) queimada, rouba-bandeira ^(s2, s5) ginástica e atletismo ^(s1) mas se brincava de tudo um pouco ^(s1, s2) eu não era aquele que ficava quieto no canto ^(s2, s4) fazia de tudo, tinha muita facilidade ^(s2, s3, s4, s5) e gostava bastante, não queria que a aula acabasse ^(s1, s2, s3) inclusive, já no ensino médio, mesmo sendo isento da educação física por jogar vôlei eu fazia quando dava certo ^(s3, s5) e os professores sempre incentivavam, me chamavam para jogar tudo ^(s3, s4, s5) e me esforçava até mais que nos treinos ^(s4) foram os professores mais marcantes da minha infância ^(s2, s4)

A formação variada incluiu diversas modalidades e atividades, com os atletas tendo participado de várias delas com uma dedicação e diversão ímpares, citados nos DSC1-IC1B e DSC3-IC3B. Além disso citam a facilidade em realizar as atividades e o incentivo dos professores pelo melhor desempenho e facilidade nas aulas. De forma semelhante ao encontrado, tem-se que atletas de elite consideram que a formação variada vivenciada na escola foi importante para seu desenvolvimento, ao propiciar o contato com diferentes modalidades e proporcionar um reforço da cultura esportiva (PERES; LOVISOLO, 2006).

Os dados fornecidos pelos participantes nesse tema apontam que o voleibol atrapalhou suas vidas escolares através da perda de aulas, viagens, deslocamentos diários e cansaço pela rotina de jovem atleta. É criticado pelos atletas a falta de interesse dos clubes e equipes de voleibol na formação escolar de seus atletas, sendo cobrado apenas que eles joguem bem.

Sobre o alto rendimento, os participantes consideraram extremamente difícil conciliar a rotina de atleta profissional com uma formação no ensino superior, reservando essa preocupação para quando encerrarem a carreira.

Atletas que estudaram em escolas particulares creditaram ao voleibol essa chance de formação, através de bolsas de estudo. Da mesma forma consideraram o ensino privado como promotor da prática esportiva através de equipes de rendimento, apesar de as bolsas serem reservadas somente para quem tem bom rendimento esportivo, nessa concepção. As bolsas de estudo ocorreram inclusive no ensino superior, em universidades privadas, porém houve a necessidade de abandono dos estudos pela entrada no voleibol de equipes e clubes profissionais.

Tratando sobre a educação física escolar, os participantes consideraram que as aulas foram pautadas em uma diversidade de práticas e jogos, destacando a facilidade e aptidão para realizar as atividades e modalidades propostas. Os atletas citaram ainda o gosto pelas aulas e enfatizaram o incentivo para a prática e participação fornecido pelos professores, pautado na melhor condição esportiva e na facilidade apresentada nas aulas, sugerindo uma valorização de elementos relacionados ao possível capital esportivo/cultural e sua reprodução, como analisado mais adiante, nos temas referentes às atuações de treinadores, pais e familiares.

4.3 - Características dos treinamentos e atividades

A rotina de treinos, expressa no DSC1-IC1C demonstra o crescimento da cobrança e das atividades conforme a idade e a evolução na modalidade.

DSC1-IC1C: Rotina de treinos (S1, S2, S3, S4, S5)

No início a rotina era bem leve três vezes por semana, um período só de treino ^(s1, s2, s4) depois da escola ^(s1, s2, s4, s5) posteriormente começou a ser todos os dias, com 15 para 16 anos associado à mais jogos e competições ^(s2, s3, s4) mas o choque mesmo veio no profissional com os treinos em dois períodos e denso calendário de competições com muitas viagens ^(s1, s2, s3) em períodos de convocação para a seleção também eram treinos pesados em dois períodos ^(s1, s3) treinos físicos e musculação ^(s1, s2) essa transição da base para o profissional é muito dura ^(s1, s2, s4, s5)

É pontuada uma pequena quantidade de atividades na iniciação, possibilitando conciliar a rotina de treinamentos com a escola. Com o passar do tempo os treinos e competições se tornaram mais numerosos. Um marco são as passagens pelas seleções de base com treinos mais exigentes e em dois períodos. Posteriormente a rotina se intensifica, culminando com a transição entre a base e o profissional que se mostra brusca e difícil.

A transição de categorias em relação à cobrança, cumprimento de novas metas e limitações também é encarada como um problema do esporte de rendimento por atletas brasileiros medalhistas de mundiais, pan-americanos e olimpíadas de várias modalidades, individuais e coletivas (PERES; LOVISOLO, 2006).

Relacionado aos tipos de treinamentos vivenciados apresenta-se um aspecto preocupante que deve ser mais investigado, sendo representado no DSC2-IC2C.

DSC2-IC2C: Semelhança entre treinos da base e do alto rendimento (S1, S2, S3, S4, S5)

Os treinos na base do voleibol acabam sendo bem parecidos com os do alto rendimento ^(s1, s2, s3, s4, s5) havia poucas brincadeiras concentradas mais no aquecimento ^(s1, s2) focava mais em ações táticas do jogo como ataque, defesa, saque e coletivos ^(s1, s2, s4, s5) e repetição de fundamentos técnicos ^(s1, s3, s4) apesar da estrutura parecida o que muda muito é a velocidade, intensidade e a cobrança que são bem menores na iniciação no voleibol ^(s1, s3, s5)

Aqui o discurso dos atletas aponta que a estrutura dos treinamentos no voleibol era parecida em todas as fases, mudando somente a intensidade e a cobrança com o passar do tempo e o avanço nas categorias. A falta de brincadeiras e oferecimento de outras vivências e variações

nos treinamentos pode acarretar prejuízos à formação esportiva, inclusive oferecendo possibilidades de ocorrer uma especialização esportiva precoce.

No voleibol infantil, do Estado de Santa Catarina, a estrutura dos treinamentos é bem voltada para as ações táticas do jogo, apesar de muitas tarefas serem baseadas em combinações de fundamentos, o maior tempo é orientado para exercícios de situações de jogo, havendo a aplicação e adaptação dos movimentos em situações reais (COLLET et al, 2007).

Os treinamentos estruturados dessa maneira bem específica ao contexto da modalidade são cruciais para a formação de atletas de rendimento. Porém, devem ser realizados em idades apropriadas, mais à frente, nos períodos englobados pelos anos de especialização e investimento (CÔTÉ, 1999; MOESCH et al, 2011; JAYANTHI et al, 2013). Como os participantes perceberam que a estrutura dos treinamentos foi semelhante durante toda a trajetória tem-se que, esse fato presente nos dados, possa sugerir que a formação esportiva variada seria mais importante ainda no voleibol, pois atletas que apenas participassem de grupos de treinamento e categorias de base no voleibol, como as relatadas pelos participantes, teriam uma formação motora muito limitada para desenvolver suas habilidades e chegar ao alto rendimento.

No DSC3-IC3C os participantes relatam que atuaram em categorias diferentes de sua idade em determinados momentos de sua formação esportiva.

DSC3-IC3C: Atuação em diferentes categorias (S1, S3, S5)

Teve uma época que treinava e jogava com categorias diferentes ^(s1, s3, s5) para disputar campeonatos e ajudar categorias superiores ^(s1, s3) e para melhorar a técnica nos fundamentos básicos por ter entrado tarde no voleibol e não ter passado pelo pré-mirim e mirim ^(s3, s5)

A atuação em categorias diferentes apresenta dois aspectos distintos: o primeiro é devido ao bom desempenho e à possibilidade de melhorar o nível de equipes de categorias superiores, além do fator de ganhar experiência e evoluir técnica e taticamente. O segundo é caracterizado por um treinamento extra com equipes de categorias inferiores para aprimorar os gestos técnicos dos fundamentos do voleibol. Collet et al (2007), apontam que, aparentemente, os treinadores de voleibol infantil masculino do Estado de Santa Catarina supõem que seus atletas tiveram uma base de fundamentos anterior ao propor exercícios complexos de situações de jogo. A cobrança por melhor execução de fundamentos pode ser a causa de intensificar o treinamento com categorias inferiores.

Esse fato é interessante, pois jovens atletas com bom desempenho, suficiente para se manterem na equipe, também eram considerados como atletas que possuíam gestos técnicos

ruins justificados por terem entrado tardiamente na modalidade. Dessa forma, jogadores que nunca haviam treinado voleibol de maneira formal foram selecionados para compor as equipes.

Os fatos relatados podem se relacionar ao discurso do sujeito coletivo anterior, onde a formação baseada somente no voleibol poderia limitar os atletas. Dessa forma, deve ser debatida a forma de oferecimento da modalidade nas categorias de base, demonstrando que a forma recorrente não parece ser plenamente efetiva, em relação à pouca variedade de vivências motoras produzidas.

O cenário enfrentado pelos participantes do estudo foi favorável ao alto rendimento devido à entrada tardia na prática sistematizada e exclusiva do voleibol, além da participação em várias atividades anteriores. Esses dados reforçam a ideia presente na literatura de que atletas de elite no voleibol se especializaram em idades mais avançadas (MARQUES et al, 2014; COUTINHO et al, 2015). Com essas características, associadas à iniciação esportiva variada, têm-se fortes indícios que os atletas participantes do estudo não enfrentaram processos de EEP em suas trajetórias na modalidade. Assim, a formação e envolvimento adequados proporcionaram alto rendimento esportivo, contrapondo os efeitos da especialização esportiva precoce no voleibol, reconhecidamente prejudicial na formação de atletas (VIEIRA; BOJIKIAN, 2008).

A persistência para o sucesso também aparenta ser importante para os atletas entrevistados, demonstrando um pensamento meritocrático em relação a oportunidade que tiveram.

DSC4-IC4C: Persistência e esforço para o sucesso (S2, S3, S4, S5)

Tive que abrir mão de muita coisa para seguir no vôlei né ^(s3, s5) é uma vida muito diferente de um jovem que só estuda ^(s3) ficava sem tempo e cansado para conciliar com a vida social ^(s3, s5) então acaba sendo normal aguentar a rotina, se esforçar e tomar gosto pelos treinos e viagens ^(s2, s4) você começa a perceber que vai ter que ralar bastante para alcançar o sucesso ^(s3, s4) porque o alto rendimento é duro e não é para todo mundo ^(s2, s5)

Aqui os atletas descrevem como precisaram abandonar certos hábitos e privilégios para seguir carreira no voleibol. A conciliação da vida social com a carreira é apontada como um dos problemas, porém, o gosto pela rotina é levado em consideração, pesando a favor para continuar trabalhando como jogador de voleibol.

Os jogadores apontam ainda um reforço ao caráter exclusivo do esporte de elite, justificando seu esforço e valorizando o processo de seleção que sofreram, demonstrando

acreditar na meritocracia e reforçá-la. Essa visão é recorrente no esporte brasileiro onde os atletas associam o sucesso esportivo mais ao esforço e ao treinamento que a ideia de dom natural, apesar de acreditarem que o dom exista (PERES; LOVISOLO, 2006).

Os dados encontrados sugerem que o início dos atletas foi permeado por uma rotina com poucas sessões de treinos por semana. Após os 15 anos os treinamentos se intensificaram acompanhando o ritmo e quantidade de competições, porém houve maior choque na transição entre a base e o profissional, encarada como difícil pelo calendário de competições, viagens e treinamentos em dois períodos.

A percepção dos atletas sobre seus treinamentos no voleibol durante sua formação esportiva apontou que a estrutura dos treinamentos foi parecida da base ao alto rendimento, alterando somente a intensidade e cobrança com o decorrer do tempo. Essa característica pode reforçar que uma iniciação esportiva variada seria fundamental para atingir o alto rendimento no voleibol para não ser instaurada uma EEP.

Os participantes relataram que atuaram em categorias diferentes durante os treinamentos na base, tanto em categorias superiores como inferiores. Nas superiores para ganhar experiência e ajudar a equipe e em categorias inferiores para aprimorar fundamentos que os treinadores consideravam deficientes pelos atletas não terem participado das categorias pré-mirim e mirim. Esse fator também defende a iniciação variada, onde atletas com fundamentos do voleibol considerados como deficientes pelos treinadores apresentavam desempenho suficiente para atuar nas categorias de base das equipes, possivelmente pelo repertório motor variado, inteligência tática e capacidade de adaptação.

Por fim, nesse tema, os atletas consideraram que é necessário persistência e esforço para o sucesso no voleibol, citando a difícil conciliação entre vida social fora da prática esportiva e a rotina de treinamentos. Porém o gosto pela prática supera as dificuldades enfrentadas na rotina, além dos participantes defenderem que o espaço do alto rendimento é para poucos, valorizando suas posições alcançadas na modalidade.

4.4 - Efeito do Local de Nascimento

Como visto na caracterização dos participantes, apontada na tabela 1, tem-se que quatro deles nasceram em cidades com menos de 500.000 habitantes, em época próxima à média das datas de nascimento dos atletas para buscar características mais próximas às realidades vivenciadas utilizando para isso os dados oficiais do Censo demográfico de 1991. Assim, pode-se discutir os relatos apresentados em relação aos possíveis benefícios do ELN aos participantes deste estudo.

Com isso o discurso coletivo presente em DSC1-IC1D, presente no tema D que trata sobre cidades pequenas e atividades vivenciadas apresenta ocorrências de reforços aos fatores psicossociais associados ao ELN pela literatura.

DSC1-IC1D: Cidades pequenas e atividades (S1, S2, S3, S5)

Em cidade pequena dá para ser criado mais na rua ^(s1, s3, s5) tem campinho de futebol, colhia fruta na árvore ^(s3, s5) brincava de pique pega, polícia e ladrão ^(s1, s2) de taco ^(s1, s5) futebol com gol de chinelo ^(s2, s3) nadava bastante ^(s3, s5) tinha muita praia, brincava de bola na areia ^(s3) na minha cidade tem um rio onde todo mundo ia, jogava bola no rio, vôlei no rio e na areia ^(s5) brincava o dia inteiro ^(s1, s2, s3, s5)

Esse efeito, tratado anteriormente, constata uma tendência de atletas que nasceram em cidades pequenas apresentarem maiores chances de alcançar um alto rendimento esportivo (CURTIS; BIRCH, 1987; CÔTÉ et al, 2006; BAKER et al, 2009; MCDONALD et al, 2009; COSTA; CARDOSO; GARGANTA, 2013).

As oportunidades de vivências motoras em cidades com menos habitantes parece ser determinante para o desenvolvimento esportivo, com os atletas citando a facilidade do acesso à locais de lazer como campos abertos, rios, praias de areia, além da maior segurança para passar mais tempo na rua nas cidades pequenas.

Isso corrobora com as evidências mencionadas na literatura que preconizam que a possível causa do ELN se dá porque cidades pequenas têm a oferecer mais espaços livres e seguros para a prática e jogos que podem beneficiar os jovens moradores que iniciam sua trajetória nesses locais (CURTIS; BIRCH, 1987; CÔTÉ et al, 2006).

Além disso, os atletas citam uma série de atividades, jogos e brincadeiras que eram praticadas corriqueiramente como: natação, futebol de rua, taco, vôlei na areia, sendo todas as

atividades com fins lúdicos e voltadas à diversão, caracterizando a ocorrência de altas quantidades de jogos deliberados.

Os jogos deliberados, como visto anteriormente, são atividades esportivas que remetem à motivações intrínsecas, promovem gratificação imediata e são otimizadas para proporcionar a apreciação, diversão e prazer, sendo reguladas por regras adaptadas e monitoradas pelas próprias crianças ou um adulto que também esteja envolto na atividade (CÔTÉ, 1999), e são reconhecidamente bem-vindos na iniciação e formação.

Esse fator corrobora com outra explicação presente em Côté et al (2006), onde os autores defendem que as cidades pequenas, além de oferecerem maior segurança e facilidade de acesso à espaços abertos, também permitem um maior envolvimento e interação em jogos deliberados realizados entre crianças de diferentes idades e em diferentes atividades esportivas, maximizando o desenvolvimento.

Essas características bem específicas e restritivas representam uma barreira aos praticantes que não se encaixam nesse contexto social. Assim esses efeitos devem ser combatidos para, pelo menos, diminuir sua influência negativa no sucesso esportivo de crianças que apresentam condições desfavoráveis, de forma a tornar a prática do esporte mais democrática e igualitária para todos.

No DSC2-IC2D os atletas citaram que em cidades pequenas as oportunidades de sucesso profissional e crescimento são muito baixas e por isso se dedicaram ao esporte para poder sair do interior, alcançando um futuro melhor em cidades grandes.

DSC2-IC2D: Descrença nas oportunidades da cidade pequena (S1, S5)

Um dos motivos de partir para uma prática esportiva foi a vontade de sair do interior ^(s5) não tem como almejar um futuro assim em uma cidade pequena ^(s1) a oportunidade de ir para uma cidade grande foi ótima, tive que aprender a jogar vôlei para isso ^(s5) mas chegando na cidade grande vi que já estava em um nível bom ^(s1) o que me possibilitou desenvolver cada dia mais ^(s1, s5)

Essa perspectiva pode também motivar e influenciar os jogadores que provém de locais com poucos habitantes a se dedicar e buscar novos horizontes para a realização profissional.

O fim da fala dos jogadores, relatando que ao chegar à cidade grande o nível de desempenho no vôlei estava competitivo e similar aos dos outros atletas, permite uma associação ao efeito “peixe grande em lago pequeno” (*big fish little pond*). Esse efeito sugere que em locais com poucos habitantes existem menos atletas competindo pelo destaque, havendo maiores chances de um atleta específico ser reconhecido como talentoso e de ter maiores

oportunidades, decorrendo maior autoconfiança, apoio da família e consequente maiores chances de chegar à elite (CÔTÉ et al, 2006; MCDONALD et al, 2009).

A percepção sobre estar em um nível similar ao dos outros atletas, denuncia um possível fator correspondente a esse efeito que, por sua vez, é reforçador do ELN, pois os atletas ao serem percebidos como talentosos podem ter tido maiores chances de se desenvolverem esportivamente, possivelmente relacionado ao tamanho da cidade em que nasceram.

Os dados parecem reforçar que as características de pequenas cidades podem oferecer maior destaque ao atleta talentoso através da menor concorrência, melhorando a autoconfiança e o sucesso esportivo, além dos fatores ambientais, relacionados aos espaços propícios e a quantidade e qualidade de jogos deliberados vivenciados.

Assim esses fatores corroboram com a literatura, defendendo que as cidades menores parecem oferecer mais oportunidades de desenvolver experiências e práticas reconhecidamente associadas à performance de alto nível (CÔTÉ et al, 2006).

Além dos fatores ambientais como sucesso, é necessário pontuar o desejo, a capacidade de modificar a rotina e a capacidade de fazer escolhas pelos indivíduos. Nesse sentido, o gosto pela experiência corporal e lúdica é expresso pela preferência em participar de brincadeiras do que praticar jogos eletrônicos, como expresso no DSC3-IC3D.

DSC3-IC3D: Preferência por brincadeiras a jogos eletrônicos e computador (S1, S2)

Peguei uma geração onde alguns ficavam no celular e no computador enquanto os outros ficavam na rua ^(s2) nunca fui muito apegado à jogos eletrônicos, computador e videogame ^(s1) gostava mais de sair na rua e brincar mesmo ^(s1, s2)

Essa ideia expressa a vontade dos atletas para dispor-se à atividades que possivelmente contribuíram para o sucesso de suas formações esportivas, apresentando uma autonomia importante para o início e continuidade na prática. Nesse contexto, aparentemente, o destaque dos atletas no meio esportivo pode ter relação com a observação de que as crianças de sua geração não terem sido tão envolvidas com práticas esportivas. Essa observação abre espaço para supor que poderia ter havido uma menor concorrência pelos espaços de prática nesse período. Porém, no fim do discurso, aparece como fator fundamental o gosto pela participação em jogos deliberados que, por sua vez, podem ter subsidiado o posterior sucesso na modalidade.

No presente tema, os participantes declararam que as cidades pequenas, onde passaram a infância, permitiram uma grande participação em jogos deliberados, atividades e brincadeiras principalmente por essas cidades apresentarem maiores espaços abertos e segurança para que

eles pudessem frequentá-los. Com essas características, é possível inferir que cidades pequenas permitem a adoção de um estilo de vida mais ativo para crianças que tenham gosto pelas práticas esportivas.

O gosto pelos jogos deliberados também é relatado, com os atletas comparando sua geração (dividida entre videogames, dispositivos eletrônicos e práticas esportivas) demonstrando sua preferência pelas brincadeiras e experiências corporais e de movimento. Fica como possível discussão a possibilidade dessas gerações de crianças terem se envolvido menos em atividades esportivas, gerando menor concorrência.

4.5 - Treinadores, atletas e os Efeitos Pigmalião e Galatéia

No tema E, referente à atuação dos treinadores na formação esportiva, encontramos relatos que denotam incentivos e crenças no potencial dos atletas e nas suas futuras chances de chegada ao alto nível. Essas expectativas depositadas pelo treinador são expressas no DSC1-IC1E e representam aspectos do efeito Pigmalião.

DSC1- IC1E: Aposta do treinador no potencial do atleta (S1, S2, S3, S5)

Os treinadores sempre diziam que eu tinha mais condição, era grande, alto e jogava bem, elogiavam ^(s1) tanto que meu primeiro técnico me viu jogando e acreditou em mim, apostou no meu potencial ^(s1, s5) era muito visível isso, o desejo de formar atletas ^(s2) e ainda dei sorte de passar sempre por treinadores bons e pacientes comigo que acreditaram em mim ^(s3, s5) e na formação do atleta essa confiança do técnico é fundamental ^(s5)

A atuação dos treinadores é marcada por um forte indício de variadas formas de incentivo. Esse incentivo parece oriundo de expectativas que se relacionam ao desempenho e o potencial apresentados pelos jogadores. Além disso, esse apoio parece reforçar e determinar a continuidade dos participantes na modalidade.

A ênfase no apoio do treinador, aposta no potencial e crença de que o atleta tem grandes chances de se tornar um caso de sucesso esportivo se relaciona ao já abordado Efeito Pigmalião, que se baseia na ideia de que quanto maiores são as expectativas depositadas em um indivíduo, maiores são os resultados que o indivíduo alcança (HANCOCK; ADLER; CÔTÉ, 2013).

No esporte, a detecção desses aspectos, presentes na relação entre atletas e treinadores, já é antiga. Em um estudo de Rejeski, Darracott e Hutslar (1979), os autores observaram diferenças nos tipos de reforço por parte do treinador em atletas de basquetebol jovens, identificando que as crianças que tinham maiores expectativas recebiam maiores quantidades de reforços, enquanto as que tinham menores expectativas recebiam apenas instruções técnicas mais gerais. Em outro estudo também com basquetebol, aqueles jogadores que carregavam maiores expectativas, depositadas pelos treinadores recebiam mais instruções e louvores comparados com os atletas com menores expectativas (SOLOMON et al, 1998). Dessa forma o efeito Pigmalião é relacionado principalmente com o papel dos técnicos no esporte. Como entre técnico e atleta existem relações de poder, as chances de ocorrência de maior

atenção e depósito de expectativas por parte do técnico em relação à determinado atleta, ou grupo de atletas considerados talentosos é grande. Essa seleção e treinamento dos considerados previamente como mais talentosos, possibilitam maiores chances desses atletas se destacarem realmente e serem cada vez mais diferenciados, corroborando com o EIR, ao possibilitar a priorização dos indivíduos relativamente mais velhos e tornando esses indivíduos realmente mais talentosos (HANCOCK; ADLER; CÔTÉ, 2013). Como alternativa pode-se considerar uma maior atenção para questões técnicas e táticas do desempenho na seleção de atletas, diminuindo as diferenças de rendimento esportivo associadas à condição física e a mudança na filosofia de trabalho de técnicos que, privilegiam a vitória acima de tudo, devendo buscar um balanceamento entre a necessidade de resultados e um trabalho orientado ao processo de aprendizagem e desenvolvimento (HELSEN; WINCKEL; WILLIAMS, 2005).

No DSC2-IC2E ocorre uma correspondência das expectativas por parte dos atletas e o reconhecimento da importância e atuação do treinador no sucesso esportivo.

DSC2-IC2E: Importância dos treinadores na formação (S1, S2, S3, S4, S5)

Os treinadores foram muito importantes na minha formação ^(s1, s2, s3, s4, s5) alguns sempre estiveram preocupados em desenvolver as habilidades, não só minha, mas também dos outros ^(s2) com bom relacionamento e paciência ^(s3, s4) na verdade, se não fosse por eles hoje eu não estaria aqui ^(s4, s5)

Os atletas reconhecem a importância dos treinadores na formação, demonstrando admiração e valorização de qualidades como a paciência e o bom relacionamento. Essa boa relação com os treinadores, relatada pelos participantes, acusa um cuidado e atenção diferenciados com os atletas. A característica apontada também aparece no discurso seguinte identificado como DSC3-IC3E, onde os jogadores enfatizam o cuidado e atenção dispendida pelos treinadores, relacionando essa atuação como uma ação de proteção.

DSC3-IC3E: Ação paternal dos treinadores (S3, S4)

O técnico também ajuda muito nos conselhos, como meu pai não está aqui, ele conversa, orienta dentro e fora de quadra ^(s3) e como saí de casa cedo, com 14 anos morando sozinho os treinadores me ajudaram muito nessa parte ^(s4)

Os participantes reconhecem o depósito de confiança e ajuda dos treinadores. Essa admiração e reconhecimento dos atletas para com seus treinadores indica também possíveis desdobramentos de outro efeito já tratado e que se associa, na origem, ao efeito Pigmalião e é

denominado Efeito Galatéia. O Efeito Galatéia consiste na ideia de que o sujeito reage de acordo com as expectativas que lhe são depositadas (HANCOCK; ADLER; CÔTÉ, 2013).

Os discursos coletivos analisados demonstram que a percepção de que a maior atenção e cuidado dispendido tenha desempenhado papel fundamental na chegada ao estado atual na modalidade sugere a influência desse efeito. Dessa maneira, um atleta com vantagens maturacionais iniciais teria mais chances de ser selecionado para uma equipe mais forte e com isso acabaria tendo maiores cargas de expectativas, sendo então beneficiado pelos efeitos citados.

O talento esportivo é um conceito recorrente em estudos no esporte, configurando como talento, um indivíduo que tem potencial, aptidão especial ou uma grande aptidão para o desempenho esportivo. Com isso, a seleção, detecção e promoção de talentos é apresentada como crucial para o esporte de rendimento para determinados autores (BÖHME, 2011). Apesar dessa recorrência, é necessário contrapor esses ideais que ferem o pressuposto do presente estudo, do referencial teórico abordado e de outros autores. Garganta (2013), por exemplo, defende que a detecção de talentos é contraproducente, pois incorre em situações de injustiça baseadas em julgamentos de valor precipitados, devendo-se rejeitar as crenças em “aptidão natural” ou “dom”.

Nesse contexto, um treinador pode interpretar como talento vantagens de desempenho oriundas de outros fatores, como a maturação ou experiência anterior depositando maiores expectativas no atleta. Essas expectativas, baseadas em uma falsa verdade até então, proporcionam uma maior atenção dos que atuam socialmente na formação esportiva culminando em mais oportunidades de jogar e atuar, o que acaba por facilitar a aquisição de maior habilidade, tornando uma falsa verdade inicial em algo real, caracterizando o efeito Galatéia (HANCOCK; ADLER; CÔTÉ, 2013) e subsidiando a exclusão de outros indivíduos que não se enquadraram nessa relação.

A forma como ocorrem as relações entre treinadores e atletas é fundamental e tem como principais orientações a manutenção do bom relacionamento (evitando-se conflitos) e o fornecimento de recompensas que motivam a manutenção da relação (como confiança, respeito e cooperação). Essa relação positiva é marcada pela proximidade, compromisso e complementaridade, tornando treinadores e atletas seguros, confiantes e felizes (JOWETT; CARPENTER, 2015).

A boa relação também é identificada na iniciação ao voleibol, onde tanto meninos como meninas entre 7 e 14 anos elegem o fato de gostar do professor/treinador como elemento

fundamental de motivação extrínseca para o início e consequente manutenção da prática (SOUZA; OLIVEIRA FILHO, 2013).

Realizando uma análise sociológica, proposta inicialmente na atuação dos professores de educação física escolar no tema referente ao voleibol e carreira escolar, são encontradas evidências sobre a valorização de um capital esportivo/cultural dos atletas entrevistados.

A sugestão versa sobre uma possível associação entre o capital cultural² e as vantagens que ele proporciona no campo da Educação com outro conceito que pode ser entendido como capital esportivo/cultural que, por sua vez geraria vantagens aos seus detentores no campo do Esporte, por representar, entre outros fatores, um domínio de habilidades motoras necessárias para as práticas.

Retomando os seguintes trechos do DSC3-IC3B: “[...] eu não era aquele que ficava quieto no canto ^(s2, s4) fazia de tudo, tinha muita facilidade ^(s2, s3, s4, s5) e gostava bastante... e os professores sempre incentivavam, me chamavam para jogar tudo ^(s3, s4, s5) [...]”. Verifica-se a ideia dos participantes sobre sua disposição, facilidade e o incentivo que tiveram na educação física escolar, indicam que os professores possam ter atuado na reprodução de desigualdades motoras baseados na posse desse possível capital esportivo/cultural dos alunos.

Os treinadores, de acordo com os relatos dos participantes, atuavam da mesma forma que os professores de educação física, porém, com maiores poderes para selecionar, apoiar e dispensar jovens atletas de clubes ou equipes de voleibol. Evidências aparecem no já abordado DSC1-IC1E principalmente nos seguintes trechos: “Os treinadores sempre diziam que eu tinha mais condição... jogava bem, elogiavam ^(s1) ... apostou no meu potencial ^(s1, s5) ... acreditaram em mim ^(s3, s5) e na formação do atleta essa confiança do técnico é fundamental ^(s5)”. Percebe-se que foi enfatizado pelos atletas o apoio e incentivo do treinador, além do reconhecimento que esse apoio e confiança foram fundamentais para o desenvolvimento na modalidade.

Essas atuações se enquadrariam como consequências do trabalho pedagógico secundário de forma semelhante ao que ocorre na Educação. Esse trabalho pedagógico, realizado pela escola age em continuidade ao trabalho pedagógico primário, oriundo do meio familiar (BOURDIEU; PASSERON, 2008).

² O conceito de capital cultural promove uma ruptura com pressupostos ligados às aptidões naturais, pois deriva das oportunidades de contato com o conhecimento e está atrelado às questões financeiras, sociais e inclusive à transmissão doméstica (familiar). Esse tipo de capital pode existir sob 3 estados: incorporado, objetivado e institucionalizado. O capital cultural no estado incorporado é representado pelo domínio da língua culta, o gosto e o “bom gosto” em arte, lazer, paladar, vestuário, esportes e informações sobre o mundo escolar, sendo principalmente difundido através do meio familiar (BOURDIEU, 1998). Assim, o arbitrário cultural internalizado nos sujeitos sob a forma de capital cultural incorporado representa o principal fator que controla o destino escolar dos sujeitos (BOURDIEU; PASSERON, 2008).

Os discursos analisados demonstram ações pedagógicas pautadas na valorização da condição esportiva dos atletas pelos treinadores, reforçando o caráter diferenciador desse desempenho inicial para determinar a continuidade na prática do voleibol. A valorização, cobrança e incentivo dos atletas que apresentavam características favoráveis ao esporte, entendidas como posse de capital esportivo/cultural, gerariam um novo favorecimento aos que, teoricamente, já teriam sido favorecidos anteriormente. Dessa forma, havendo uma legitimação dessa reprodução, com vias à ampliação das desigualdades iniciais de rendimento. O depósito de expectativas por parte dos treinadores reforçaria o já identificado Efeito Pigmalião, aumentando as chances de sucesso desses indivíduos beneficiados.

A atuação dos treinadores frente ao capital esportivo/cultural pode figurar na iniciação esportiva da mesma forma que a legitimação da incapacidade das classes inferiores frente ao arbitrário cultural na educação escolar. Dessa forma, o incentivo oferecido pelos treinadores pode ter inculcado nos atletas a ideia de que alguns são aptos ao esporte, enquanto outros não teriam o talento ou o dom necessário para seu desenvolvimento.

Essa consideração atuaria de forma similar à que ocorre na escola em relação ao capital cultural que, conforme a preparação prévia do aluno, gera uma eliminação dos que não se enquadram ao arbitrário cultural, tornando uma eliminação propriamente dita em algo transfigurado e amenizado sob a forma de uma seleção meritocrática legítima (BOURDIEU; PASSERON, 2008). Nogueira e Nogueira (2009), em análise sobre a contribuição de Bourdieu sobre a Educação, citam que a comunicação pedagógica assimilada depende do grau de dominação do código pelos alunos, para decifrar a comunicação. A transmissão pelos professores é igual para todos, porém, os instrumentos de codificação só seriam possuídos por aqueles que têm a cultura escolar cultuada no meio familiar, já iniciados nos códigos, conteúdos e linguagem do mundo escolar. Os professores transmitiriam as mensagens igualmente a todos os alunos como se todos tivessem os mesmos instrumentos de decodificação.

Assim, o capital esportivo/cultural também atuaria na facilidade de aprendizado de novas práticas, podendo ser encarado como facilidade, aptidão ou talento esportivo pelos treinadores que, fornecendo novos desafios, veria essas atividades serem assimiladas e realizadas apenas por alguns.

A ação pedagógica representa uma violência simbólica ao impor determinados valores e padrões a outros sujeitos. No DSC2-IC2E o reconhecimento da importância dos treinadores na formação e o sucesso esportivo demonstram aspectos velados da violência simbólica, em conjunto com a admiração e valorização de características pessoais dos treinadores na relação.

A violência simbólica que está presente nas relações de força e poder determina a capacidade do sujeito em determinar os critérios de distribuição de capital e de exercício de liderança sobre outros agentes. Um dos efeitos da violência simbólica é a transfiguração das relações de dominação e submissão em relações afetivas, e a transformação do poder em carisma ou encantamento afetivo (BOURDIEU, 1996).

Os participantes, ao depositar seu sucesso na atuação do treinador, demonstram uma submissão afetiva, possivelmente relacionada à relação de dominação exercida pela ação pedagógica, de forma semelhante ao que ocorre no campo da educação escolar. Esses fatores podem se relacionar também ao já tratado Efeito Galatéia, tornando essa relação um fator influenciador no sucesso da participação esportiva e reforçador de diferenças iniciais.

Nesse contexto, de forma análoga à reprodução social feita pela escola, baseada no capital cultural, ocorre uma aparente reprodução no mundo esportivo. Porém, essa reprodução perpetuaria diferenças oriundas da variedade, quantidade e qualidade do repertório motor adquirido anteriormente pelos atletas, podendo ser confundido com dons naturais e reproduzido através de uma seleção meritocrática legítima. Essas características se relacionariam ao capital esportivo/cultural que se reflete em vantagens para os indivíduos que o detém e pode figurar como parte importante de um *habitus*³ de atleta de alto rendimento de voleibol, no presente estudo.

Os atletas relataram preferência por treinadores com vasta experiência na modalidade e bem qualificados, com valorização de atuações na seleção brasileira seja como comandante ou como ex-jogadores.

DSC4-IC4E: Valorização da qualificação e história do treinador no voleibol (S1, S2, S3)

Técnicos bons foram aqueles que viveram o vôlei a vida inteira, que são especialistas na modalidade ^(s1) tive oportunidade de trabalhar com técnicos que atuaram na seleção e isso para a gente era o máximo ^(s2, s3) também atuei com um ótimo técnico que foi ex-atleta da seleção ^(s3) além de técnicos estrangeiros bem qualificados ^(s5)

Esses dados contrastam com o estudo de Solomon et al (1998) onde foram investigados 102 jogadores e 12 treinadores de basquetebol de equipes colegiais dos EUA, onde encontrou-

³ O *habitus* é uma estrutura estruturada e estruturante que funciona como um princípio gerador e estruturador das práticas dos sujeitos, isso sem ser apenas um produto de regras ou um produto da ação organizadora de um regente. Assim, o *habitus* é algo adquirido, mas mais precisamente, encarnado no corpo do sujeito, se manifestando de forma durável, norteando a maneira de ser ou de fazer do indivíduo, sob a forma de disposições permanentes (BOURDIEU, 1983). O *habitus*, portanto, além de um esquema de geração de comportamentos, também é um esquema de percepção e apreciação das práticas, exprimindo nos dois casos a posição social em que foi constituído (BOURDIEU, 2004).

se uma preferência por treinadores menos experientes por aqueles atletas que recebiam maior instrução e reforço, enquanto os atletas que tinham menos expectativas apresentaram preferência por treinadores mais experientes.

No caso analisado neste estudo, apesar dos atletas relatarem que tinham altas expectativas de seus treinadores, eles evidenciaram a valorização e admiração por treinadores que apresentavam maior experiência e história na modalidade, seja trabalhando na seleção brasileira, dentre as diversas categorias, ou tendo atuado como atleta de elite no passado.

A preferência dos atletas pelos técnicos mais experientes na modalidade, nesse caso, pode estar relacionada aos tipos de tratamento e intervenções recebidos por eles em suas experiências. Como apontam Sonoo, Hoshino e Vieira (2008), atletas de alto nível de várias modalidades preferem treinadores que demonstram mais preocupação com os atletas e que fornecem mais *feedback* positivo. Como identificado no já exposto DSC1-IC1E, evidências desse tipo de tratamento foram identificadas na trajetória esportiva dos jogadores, através do incentivo e elogios constantes.

A exigência em relação à preocupação com a experiência e qualificação dos treinadores também é apontada por atletas de alto rendimento, formando um conjunto de exigências quanto aos conhecimentos e práticas esperados desses profissionais (PERES; LOVISOLO, 2006).

Os dados permitem concluir que os atletas entrevistados perceberam que seus treinadores acreditaram em seu potencial esportivo e incentivaram a sua continuidade e evolução na modalidade. Dessa forma, a crença e aposta dos treinadores no potencial dos atletas sugerem a ocorrência do Efeito Pigmalião, relacionado ao depósito de expectativas em determinados sujeitos e a consumação dessas expectativas. A possibilidade de ocorrência desse fenômeno credencia o desenvolvimento de atletas considerados como talentosos através das expectativas de seus treinadores, gerando exclusões de outros que ficaram pelo caminho.

Os discursos também denotam uma valorização da posse de um capital esportivo/cultural e de sua reprodução pela atuação dos treinadores na formação esportiva. A posse desse capital seria um facilitador para a continuidade e sucesso na participação esportiva dos atletas participantes

Além das expectativas dos treinadores para com os participantes, tem-se que os próprios atletas reconhecem a importância que seus treinadores tiveram em sua formação, considerando-os como fundamentais em seu sucesso esportivo no voleibol, principalmente pela crença no potencial, associado ao bom tratamento, paciência e cuidados diferenciados. Essas características indicam a ocorrência do Efeito Galatéia atuando pela correspondência às

expectativas depositadas e atuando como reflexo das consequências do Efeito Pigmalião. Alguns fatores também podem ser associados a reflexos da violência simbólica que as ações pedagógicas dos treinadores oferecem, transfiguradas em admiração e encantamento afetivo.

Os atletas entrevistados ainda relataram uma valorização de treinadores que tinham maior experiência e história na modalidade com atuações na seleção brasileira como treinadores ou atletas, além de estrangeiros bem qualificados.

4.6 - Pais, familiares e o Efeito Mateus

Outros agentes com atuações cruciais na formação esportiva e que também podem influenciar nos destinos dessa formação estão situados no tema F representando a atuação de pais e familiares.

Segundo o DSC1-ICF, o incentivo e facilitação por parte dos pais, responsáveis e familiares para a prática esportiva se tornou determinante para o futuro no esporte.

DSC1-IC1F: Incentivo dos pais (S1, S2, S3, S4, S5)

Meus pais sempre me incentivaram muito ^(s1, s2, s5) sempre ajudaram ^(s3, s4) uma relação de total apoio, torcendo e indo aos jogos ^(s2, s4, s5) com minha altura sempre disseram que eu deveria aproveitar e praticar esporte ^(s1, s5) meu tio também viu que eu estava crescendo e perguntou se eu não queria praticar esporte ^(s5) porque não adianta alguém de mais de 2 metros trabalhar em um escritório ^(s1)

Aqui os atletas representam a importância do apoio e da presença dos pais e familiares nos jogos e o incentivo para seguir no esporte, inclusive, incentivando a sequência na carreira esportiva.

Esse incentivo dos pais corrobora com um estudo de Côté (1999), analisando a atuação da família de atletas canadenses que conseguiram chegar ao alto rendimento, demonstrando que os familiares desses atletas de sucesso (pais, mães e irmãos), nos anos de experimentação, demonstraram um incentivo para a prática de vários tipos de atividades esportivas, estimulando a criança para que se interessasse pelo esporte proporcionando uma participação variada e rica.

A vivência esportiva dos pais também pode ter influenciado a visão e a vontade de prática nos entrevistados, expressa no DSC2-IC2F, onde os pais, ativos fisicamente, proporcionaram inclusive importante motivação para o início da prática esportiva.

DSC2-IC2F: Pais com vivência esportiva (S1, S2, S3, S4, S5)

Meus pais sempre tiveram ligação com a prática esportiva ^(s1, s2, s3, s4, s5) minha família sempre foi ligada com futebol ^(s1, s5) voleibol ^(s3, s4) chegando inclusive na seleção brasileira no caso da minha mãe ^(s4) e jogando de forma amadora até hoje ^(s1, s3) acho que iniciei no esporte desde que nasci ^(s3, s4) por influência direta dos meus pais que sempre jogaram ^(s1, s3, s4) sempre brincavam de tudo, eram ativos fisicamente ^(s1, s2, s3, s4)

Essa influência exercida nos filhos para o ingresso no ambiente esportivo pode gerar vantagens iniciais que se propagam através do Efeito Mateus. Esse efeito consiste na ideia de que uma vantagem inicial tende a aumentar com o tempo, simplificada no ditado que diz: “o rico fica mais rico e o pobre fica mais pobre” (HANCOCK; ADLER; CÔTÉ, 2013).

Isso indica que os pais podem ter proporcionado um ambiente favorável à prática e à experimentação esportiva, criando vantagens iniciais aos seus filhos, através de uma base variada de repertório motor. Essa base proporcionaria maiores chances de destaque ao jovem atleta, através de maiores oportunidades de atuação, possibilitando um desenvolvimento maior comparado com sujeitos que apresentavam um repertório motor menos variado. Assim, esses fatores reúnem condições para ampliar a diferença inicial existente entre eles.

Para atletas brasileiros de alto nível em diversas modalidades, o incentivo dos pais para uma formação multivariada foi recorrente, formando uma base pautada em experiências através de modalidades individuais e coletivas (PERES; LOVISOLO, 2006).

Essa vantagem fica mais evidente quando há atletas que entraram no esporte um ou dois anos depois que os atletas de maior rendimento, confirmando o EIR, pois os atletas mais velhos que já tem essa diferença de desempenho, interpretada como talento, têm mais chances de desenvolvimento configurada em uma vantagem que tende a aumentar com o tempo, de acordo com o efeito Mateus (HANCOCK; ADLER; CÔTÉ, 2013).

O investimento monetário aparenta ser tão crucial quanto o incentivo e o exemplo na formação esportiva. No discurso coletivo presente no DSC3-IC3F, o investimento financeiro na continuidade dos atletas e conseqüentemente em sua carreira, é extremamente valorizado.

DSC3-IC3F: Apoio financeiro dos pais fundamental para a continuidade na prática (S1, S3, S5)

Meus pais forneceram um apoio financeiro fundamental ^(s1, s3, s5) pagavam as despesas com viagens ^(s3) mandavam dinheiro quando fui morar fora ^(s1, s5) além de outros familiares também, como meus avós ^(s3) e tios ^(s5) meus pais pararam de me ajudar somente depois de 2 anos de profissional e ainda bem que eles tiveram essa condição ^(s1) porque sem esse tipo de incentivo fica muito mais difícil ^(s5)

São apontadas as necessidades e custos que necessitam de aportes financeiros, incluindo para isso a ajuda de outros membros da família como avós e tios. Além do auxílio financeiro, a própria abstenção da família na exigência de auxílio por parte do atleta nas despesas familiares já configuraria uma vantagem para a dedicação no voleibol. Essa necessidade denota mais uma característica restritiva à democratização da prática, representada

pela situação socioeconômica da família do atleta, podendo gerar desperdício de possíveis talentos.

O relato dos participantes se aproxima da relação existente na fase de investimento apontada por Côté (1999), onde ocorre a dedicação em uma única modalidade (após os 15 anos) com características do esporte de rendimento. Nesse período, existem relatos de sacrifício pessoal dos pais e família para fornecer e fomentar um bom desenvolvimento dos atletas para o comprometimento com a prática.

A relação entre desejo de estudo e o apoio no seguimento da carreira esportiva, presente no DSC4-IC4F, reforça esse apoio familiar para o desenvolvimento dos jovens atletas. DSC4-IC4F: Relação com o estudo e apoio à ideia de profissionalização no esporte (S1, S2, S3)

Meu pai dizia que com meu biotipo tinha que fazer algum esporte, pelo menos tentar e se não desse certo, voltava e estudava ^(s1) e apesar dos meus pais terem certo receio pois queriam que eu estudasse ^(s3) eles me apoiaram na ideia de viver do esporte, dizendo que se era isso que eu queria eles iriam me ajudar ^(s2, s3)

Apesar do desejo de que o filho estudasse, o apoio à profissionalização no voleibol é recorrente, colocando inclusive os estudos como alternativa caso esse objetivo não se concretizasse. Mais uma vez o apoio dos familiares é determinante no sucesso, como em um estudo realizado com judocas brasileiros de nível olímpico onde, entre os principais fatores que forneceram o desenvolvimento do talento esportivo, está o apoio da família, além do prazer pela prática e a determinação do próprio sujeito (MASSA; UEZU; BÖHME, 2010).

No futsal juvenil paranaense, os atletas ressaltam a importância da família como fator crucial, sendo que foi ela quem mais incentivou o início da modalidade (SANTANA; FRANÇA; REIS, 2007). Da mesma forma, a família foi o principal motivador para a prática de velejadores que chegaram ao alto rendimento, além do prazer pela prática (VIANA; ANDRADE; BRANDT, 2011).

Nesse contexto, a atuação dos pais e familiares parece contribuir para a produção de um capital esportivo/cultural nos atletas, sendo fundamental para os processos de seleção que os participantes sofreram posteriormente em suas trajetórias. A posse desse capital se traduziria em vantagens para o sucesso esportivo, participando da reprodução de desigualdades motoras iniciais, provenientes do histórico anterior dos indivíduos no esporte.

A inculcação dessas características se daria através do trabalho pedagógico primário que produz os *habitus* e as características de classe nos sujeitos, sendo oriundo do meio e do convívio familiar vivenciado pelos indivíduos (BOURDIEU; PASSERON, 2008).

Indícios da influência do capital esportivo/cultural aparecem nos seguintes trechos do DSC1-IC1F: “Meus pais sempre me incentivaram muito ^(s1, s2, s5) sempre ajudaram ^(s3, s4) uma relação de total apoio [...] sempre disseram que eu deveria aproveitar e praticar esporte ^(s1, s5) [...]”, denotando que o incentivo por parte dos familiares ao esporte aparece como elemento fundamental para a prática, ressaltando uma grande influência familiar na participação esportiva. Além do incentivo há também o exemplo fornecido aos atletas pelos pais e familiares, com a prática figurando como parte da rotina de forma profissional ou em momentos de lazer, expresso nos trechos do DSC2-IC2F: “Meus pais sempre tiveram ligação com a prática esportiva ^(s1, s2, s3, s4, s5) [...] acho que iniciei no esporte desde que nasci ^(s3, s4) por influência direta dos meu pais que sempre jogaram ^(s1, s3, s4) sempre brincavam de tudo, eram ativos fisicamente ^(s1, s2, s3, s4)”. Essa cultura esportiva atuaria na possibilidade dos pais e familiares influenciarem seus filhos pela própria vivência esportiva, exemplo, cultura e incentivo no esporte.

De forma semelhante aos achados deste estudo, tem-se que o esporte é um elemento cultural nas famílias de atletas de alto rendimento brasileiros de diversas modalidades, tendo como principais exemplos as dinastias familiares na vela e as tradições em saltos ornamentais (PERES; LOVISOLO, 2006). Nesse contexto também é apontado que o talento no futebol é uma forma de cultura que se aprende e constrói desde cedo, emerge de boas práticas e evolui no contato com ambientes estimulantes (GARGANTA, 2013).

Esse capital esportivo/cultural pode representar um elemento fundamental do *habitus* dos atletas estudados, constituinte e constituído através do gosto pela prática, pré-disposição para participação, incentivo dos pais e prática e história anterior relacionada a atividades esportivas. O conceito de capital esportivo/cultural surge através da semelhança com o capital cultural, pela possibilidade de ser transmitido e incentivado pelos pais e familiares, sendo gradualmente incorporado no sujeito, além de poder interferir nos processos de trabalho pedagógico secundário.

De acordo com as relações propostas, o capital esportivo/cultural seria o fator que fornece os elementos valorizados no campo esportivo, podendo ter o início de sua incorporação desde as tenras idades através dos pais e familiares (trabalho pedagógico primário/Efeito Mateus) e posteriormente valorizado, selecionado e ampliado pelos treinadores, professores e atletas (trabalho pedagógico secundário/Efeito Pigmalião e Galatéia).

Assim tem-se que os pais e familiares foram fundamentais para o início no esporte e na modalidade do voleibol, nos atletas entrevistados, com presença constante e apoio financeiro fundamental para a continuidade na prática e consolidação na profissionalização.

Os atletas participantes do presente estudo apontaram também que a vivência de seus pais e familiares em práticas esportivas foi fator determinante para o início e desenvolvimento do gosto pelas atividades, sugerindo que os ambientes em que cresceram foram férteis em termos de cultura esportiva ou de cultura corporal como um todo. Assim, os participantes vivenciaram uma iniciação esportiva em seus primeiros anos de vida.

Esses dados qualitativos sugerem uma ocorrência do Efeito Mateus, atuante nas diferenças iniciais de desempenho entre os atletas que possuem um melhor rendimento no esporte e aqueles que apresentam um rendimento inferior. Essas diferenças tenderiam a crescer na medida que os atletas se desenvolvem culminando com a manutenção da prática e maiores possibilidades de chegada ao voleibol de elite.

A profissionalização foi apoiada pelos pais e familiares, apesar da ideia de seguir carreira ter partido da vontade dos próprios atletas. Como apoio, ainda houve uma minimização da possibilidade de fracasso no voleibol profissional embasada na alternativa de realizar os estudos universitários posteriormente, em caso de não consolidação na carreira esportiva.

Por fim, sugere-se a influência do capital esportivo/cultural na participação esportiva dos indivíduos, oriundo do meio familiar e posteriormente reproduzido nos ambientes de prática, podendo ser considerado elemento de um *habitus* de atleta de voleibol de alto rendimento.

4.7 - Profissionalismo no voleibol

A profissionalização dos participantes é expressa no DSC1-IC1G, traçando algumas características presentes na transição entre as categorias de base e o voleibol profissional.

DSC1-IC1G: Profissionalização (S1, S2, S3, S4, S5)

Ingressei no profissional depois dos 17 ^(s4), 18 anos ^(s1, s2, s3, s5) e nesse início ganhava bem pouco ^(s1, s5) era quase uma ajuda de custo somente, além de moradia e alimentação ^(s1) tanto que dependia da ajuda de meus pais ^(s1, s5), mas é ótimo conseguir chegar e sair daquela apreensão entre o juvenil e o adulto ^(s2) você vê que tem condições de seguir carreira e isso é muito bom ^(s2, s4, s5). Entre atletas e equipes normalmente são estabelecidos contratos anuais, por temporada ^(s3, s4, s5) e dependendo da situação o contrato é renovado ^(s3, s4) portanto é preciso estar jogando para se manter na “vitrine” ^(s2, s5) pois em um ano pode estar ganhando muito dinheiro, mas no outro ficar de fora sem nada ^(s5)

Os jogadores ingressaram no voleibol profissional após os 17 anos e relatam que os salários desse período eram baixos. Porém a satisfação de se tornar profissional e seguir carreira no voleibol era compensador. Por fim os atletas citam que em geral são realizados contratos por temporada, havendo a necessidade de se manter em alto nível para não correr o risco de ficar sem contrato.

Associado a esse receio sobre a possibilidade de desemprego no DSC2-IC2G é citada uma instabilidade presente no mercado no voleibol, em relação ao surgimento e desaparecimento de equipes de alto nível.

DSC2-IC2G: Profissionalismo (S1, S2, S3, S4, S5)

O mercado do voleibol é muito instável ^(s1, s2, s3, s4, s5) em um ano surge um time com um grande orçamento e no outro desaparece ^(s1, s2) times ficam mal financeiramente e fecham ^(s3, s4) não pagam os jogadores ^(s1). Essa situação se agrava devido ao direito de transmissão dos jogos ser controlado por uma única emissora ^(s1, s2, s5) os jogos não passam na TV aberta, os patrocinadores não são citados nas transmissões, nem mesmo os nomes das equipes é falado, citam apenas a cidade de origem ^(s1) isso faz o investimento ter menos retorno para o patrocinador e desestimula o mercado ^(s5)

A instabilidade do mercado é criticada, com equipes surgindo e desaparecendo ano após ano. O desemprego é citado no DSC1-IC1G e complementado no DSC2-IC2G, porém

com a ideia que estar jogando em alto nível seria suficiente ou pelo menos auxiliaria na manutenção como profissional do esporte.

Essa insegurança financeira também é um dos principais fatores que atormentam esportistas profissionais no Brasil, nas mais diversas modalidades, porém, os atletas consideram que bons resultados não são suficientes para terem estabilidade no exercício de sua profissão, devido à estrutura política e administrativa ineficientes (PERES; LOVISOLO, 2006). Essa visão difere em partes da ideia dos participantes desse estudo que consideram que seus bons resultados são suficientes para se manter no mercado.

Sobre a estrutura do voleibol brasileiro, Maroni, Mendes e Bastos (2010), consideram que apesar de culturalmente no Brasil as equipes serem baseadas em instituições clubísticas e contar com apoios públicos municipais, são crescentes e mais representativas na Superliga de Voleibol as entidades de prática criadas por empresas patrocinadoras, típico do esporte de alto rendimento de outros países capitalistas.

Essa característica crescente, deixa o voleibol subordinado ao viés do mercado e da situação econômica das empresas patrocinadoras. Parte dessa instabilidade é creditada à transmissão exclusiva dos jogos em TV fechada, restringindo o acesso do grande público. Esse fator se agrava na medida que a empresa de comunicação que detém os direitos omite nas transmissões os patrocinadores das equipes, diminuindo o retorno para as empresas (na perspectiva dos atletas) e acaba tornando o investimento em equipes de voleibol mais escasso.

Dentro do contexto financeiro, tem-se no DSC3-IC3G a expressão da forma de atuação de empresários e procuradores na carreira dos atletas entrevistados.

DSC3-IC3G: Atuação de empresários (S1, S2, S3, S4, S5)

Só tive empresários após a profissionalização ^(s1, s2, s3, s4, s5) e eles vão em busca dos atletas ^(s1, s2, s3) fornecem materiais, ajudam com transporte e com o que precisa dentro de quadra ^(s1, s3, s5) mas eles são mais importantes pela influência que têm no meio, conseguem times, têm os contatos ^(s1, s2, s3, s4, s5) pois se já é difícil com eles imagina sem ^(s1) e fazem parte de um mercado restrito com uns 5 ou 6 no máximo que são mais reconhecidos ^(s5) por esse poder é necessário ter cuidado ^(s1, s5) pois as propostas podem não ser como parecem ^(s5) você tem que ver na mão de quem você coloca sua vida ^(s1, s4, s5)

Os atletas tiveram contratos com empresários após se profissionalizarem e relatam que são procurados nesse período. Os empresários atuam através de sua influência e contatos no meio do voleibol parecendo serem cruciais para os atletas conseguirem equipes para jogar.

No futebol de campo, a falta de empresários é apontada como o principal fator para o insucesso na profissionalização, sob as perspectivas dos próprios atletas que participaram de categorias de base em equipes de Minas Gerais (GUERRA; SOUZA, 2008).

Apesar da dependência da atuação desses profissionais para se chegar ao esporte de alto rendimento foi citado o receio com propostas e com o caráter dos empresários e procuradores, devendo o atleta ter confiança e conhecimento para realizar os contratos. Esse cuidado deve ser centrado na verificação minuciosa das propostas de contrato, além da condição financeira e infraestrutura oferecida pelas equipes, que podem ser avessas às apresentadas pelos procuradores e empresários.

No tema apresentado os atletas relataram que se profissionalizaram após os 17 anos, correspondendo ao preconizado pela literatura. Afirmam ainda que os ganhos iniciais no voleibol são baixos e insuficientes para as despesas, dependendo de ajuda financeira de familiares.

Os contratos com as equipes normalmente são anuais (por temporada), havendo grande temor pela instabilidade do mercado no voleibol, com equipes surgindo e desaparecendo constantemente ao longo dos anos, sendo criticado ainda o monopólio da mídia que diminui o retorno aos investidores e prejudica o voleibol.

Por fim são apresentados aspectos da atuação de empresários na trajetória esportiva. Os participantes tiveram contratos com procuradores ou empresários somente após a profissionalização e afirmam que esses agentes atuam através dos contatos e influência que têm no meio, conseguindo contratos e equipes para os atletas jogarem. Justamente pelo poder que os empresários têm em cuidar desses assuntos os participantes relataram receios e necessidade de conhecer bem as propostas para não serem prejudicados.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou investigar a formação esportiva de atletas de voleibol masculino de alto rendimento, trazendo debates e discussões sobre aspectos ambientais, socioculturais e pedagógicos envolvendo diferentes agentes sociais desse processo.

Tem-se que os atletas participantes do estudo tiveram um início no voleibol com caráter recreativo, participando de jogos deliberados em ambientes informais de prática, iniciando nos treinamentos sistematizados em clubes esportivos e equipes de escolas particulares. Associado a essas características, os participantes relataram uma iniciação esportiva variada, envolvendo grandes quantidades de jogos deliberados, além de participação em outras modalidades esportivas diferentes do voleibol.

O discurso revela uma atuação em diferentes posições e funções de jogo durante a trajetória esportiva. Fica evidente uma percepção de que os treinadores delegam as funções, na iniciação ao voleibol, baseados na estatura dos atletas, selecionando os de menor estatura para atuarem como levantadores e os de maior estatura para atuarem como atacantes, possivelmente visando ataques e bloqueios mais eficientes. Porém, nessa fase de iniciação essa postura deve ser mais discutida, pela possibilidade de limitar o desenvolvimento das crianças baseada unicamente nas características antropométricas.

Os atletas revelaram que não tiveram expectativas de se tornarem jogadores profissionais durante os primeiros anos de formação esportiva. Essas expectativas só apareceram após os 16 anos de idade, período correspondente às primeiras convocações para a seleção brasileira de voleibol (categoria infante). A correspondência desse período é relatada pelos próprios participantes que afirmam que as convocações para a seleção motivam para o maior empenho, fornecendo condições e expectativas para se tornarem profissionais de alto rendimento no voleibol.

Sobre o abandono da prática os jogadores enfatizaram que nunca pensaram em abandonar o voleibol durante a formação esportiva, porém expressaram suas percepções sobre o abandono de colegas, sugerindo que o desligamento com a modalidade se deu pelo insucesso na inserção em equipes profissionais, pela falta de apoio da família e pelos estudos.

Os estudos e a influência no meio escolar também foram tratados, sendo que os dados fornecidos apontam que o voleibol atrapalhou suas vidas escolares através da perda de aulas, viagens constantes na disputa de competições, necessidade de grandes deslocamentos diários e cansaço pela rotina treinamentos-escola. Além disso, foi criticado pelos atletas a falta de

interesse dos clubes e equipes de voleibol na formação escolar de seus atletas, havendo cobranças apenas pelo desempenho nos jogos.

Segundo a perspectiva dos entrevistados, as características do alto rendimento no voleibol tornam extremamente difícil a conciliação entre a rotina de atleta profissional com uma formação simultânea no ensino superior e apesar de demonstrarem preocupação em relação ao assunto, preferem reservar essa formação para quando encerrarem a carreira.

Atletas que estudaram como bolsistas jogando em escolas particulares creditaram grande importância ao voleibol por essa chance de formação. Da mesma forma, consideraram o ensino privado como um promotor da prática esportiva através de equipes de alto rendimento em várias modalidades, porém deve-se discutir melhor a promoção esportiva nessa concepção pelo fato desses espaços serem reservados aos que possuem bom rendimento esportivo. O financiamento do estudo através da prática do voleibol ocorreu também no ensino superior para a atuação em universidades privadas, mas houve a necessidade de abandono dos estudos universitários pela entrada no voleibol profissional.

A educação física escolar vivenciada apresentou diversidade de práticas e jogos, dando destaque para a facilidade e aptidão que os participantes tinham na realização das atividades. O gosto pelas aulas e o incentivo para a participação fornecido individualmente pelos professores também foi citado. Isso indica uma maior atenção dos professores de educação física com os alunos mais habilidosos, podendo prejudicar o desenvolvimento da turma e desencorajar aqueles que apresentam dificuldades motoras.

A rotina de treinamentos na iniciação foi percebida como leve, com treinos realizados poucas vezes na semana. Com o avanço nas categorias de base os treinamentos se intensificaram em conjunto com o número de competições. Com o passar do tempo houve um grande choque na transição entre as categorias de base e o voleibol profissional. Essa transição foi encarada como difícil pelo denso calendário de competições, viagens e treinamentos diários em dois períodos.

A percepção dos atletas sobre seus treinamentos no voleibol durante a formação esportiva deixou subentendida uma estrutura parecida da base ao alto rendimento, com jogos formais e situações de jogo, ataque, defesa e fundamentos, alterando somente aspectos relacionados a intensidade e cobrança entre as categorias. Essa característica pode reforçar que uma iniciação esportiva variada seria fundamental para atingir o alto rendimento no voleibol, formando um ampliado repertório motor e dificultando a instauração de uma EEP.

Os participantes relataram que atuaram em categorias diferentes durante os treinamentos na base tanto em categorias superiores como inferiores. Nas superiores para

ganhar experiência e ajudar a equipe e em categorias inferiores para aprimorar fundamentos que os treinadores consideravam deficientes devido aos atletas não terem participado das categorias pré-mirim e mirim. Esse fator também sugere que a iniciação variada é fundamental no voleibol, pois atletas com fundamentos considerados como deficientes pelos treinadores apresentavam desempenho suficiente para atuar nas categorias de base das equipes, possivelmente pelo repertório motor variado, inteligência tática e capacidade de adaptação.

Os atletas consideraram que é necessário persistência e esforço para o sucesso no voleibol, citando a difícil conciliação entre vida social fora da prática esportiva e a rotina de treinamentos. Porém indicam que o gosto pela prática supera as dificuldades enfrentadas na rotina, além disso defendem que o espaço do alto rendimento é para poucos e com isso valorizam a posição alcançada na modalidade e os métodos de seleção vivenciados.

Sobre as características dos ambientes em que viveram, os entrevistados declararam que as cidades pequenas permitiram uma grande participação em jogos deliberados, atividades e brincadeiras, principalmente pela existência de grandes espaços abertos e relativa segurança que permitia frequentá-los, podendo figurar como uma vantagem do ELN. Com essas características é possível inferir que cidades pequenas permitiriam a adoção de um estilo de vida mais ativo para crianças que apresentem interesse pelas práticas esportivas e inclusive a chegada ao alto rendimento.

Para participar de jogos deliberados são necessários o interesse e o gosto pelos mesmos, também relatados pelos atletas, comparando ainda sua geração que ficou dividida entre videogames, dispositivos eletrônicos e práticas esportivas (na percepção dos participantes) e enfatizando a preferência pelas brincadeiras, experiências corporais e movimento. Fica como possível discussão a possibilidade dessas gerações de crianças terem se envolvido menos em atividades esportivas, gerando menor concorrência, ou reafirmar que a prática e o jogo deliberados são os principais norteadores do nível de envolvimento esportivo.

Quanto à atuação dos treinadores os atletas entrevistados perceberam que esses agentes sociais acreditaram no potencial esportivo dos atletas e incentivaram a sua continuidade e evolução na modalidade. Dessa forma, a crença e aposta dos treinadores no potencial dos atletas sugerem a ocorrência do Efeito Pigmalião, relacionado ao depósito de expectativas em determinados atletas e a consumação dessas expectativas. A possibilidade de ocorrência desse fenômeno credencia as possibilidades de desenvolvimento somente aos atletas considerados como talentosos através das expectativas de seus treinadores, limitando o desenvolvimento de outros que possivelmente ficaram pelo caminho e atuando como um reforço do EIR no voleibol.

Além das expectativas dos treinadores para com os participantes, tem-se que os próprios atletas reconhecem a importância que seus treinadores tiveram em sua formação, considerando-os como peças fundamentais para seu sucesso esportivo no voleibol. A importância se dá principalmente através crença no potencial, associado ao bom tratamento, paciência e cuidados diferenciados, associados inclusive com ações paternais. Essas características indicam a possibilidade de ocorrência do Efeito Galatéia atuando pela correspondência às expectativas depositadas nos participantes e atuando como reflexo das consequências do Efeito Pigmalião. Assim esses fatores podem sugerir vantagens na iniciação esportiva e atuar como reforçadores do EIR no voleibol.

Os entrevistados ainda relataram uma valorização de treinadores que tinham maior experiência e história na modalidade através da atuação na seleção como treinadores ou atletas, além de estrangeiros bem qualificados. A valorização desses aspectos dos treinadores pode representar uma barreira para educadores físicos recém-formados e que não possuam experiência anterior no voleibol, podendo oferecer dificuldades para a implementação de um trabalho com atletas profissionais de voleibol.

A vivência em práticas esportivas dos pais e familiares foi apontada como fator determinante para o início no esporte e o desenvolvimento do gosto pelas atividades esportivas, sugerindo que os ambientes em que cresceram foram férteis em termos de cultura esportiva e vivências motoras. Assim, os participantes relataram uma iniciação esportiva desde seus primeiros anos de vida, sugerindo indícios de influência do Efeito Mateus, atuante nas diferenças iniciais entre os atletas que possuem um melhor rendimento no esporte em relação aos que apresentam um rendimento inferior, talvez por enfrentaram uma iniciação mais tardia ou menos favorável. Essas diferenças tenderiam a crescer na medida que os atletas se desenvolvem culminando com a manutenção da prática e maiores possibilidades de chegada ao voleibol de elite.

Assim, tem-se que os pais e familiares foram fundamentais para o início no esporte e na modalidade do voleibol nos atletas entrevistados, com presença constante e apoio financeiro fundamental, possibilitando a continuidade na prática e a consolidação na profissionalização. Esse último fator pode representar uma barreira para famílias menos favorecidas economicamente, pois a isenção da responsabilidade de trabalhar para complementar as despesas em conjunto com o aporte financeiro inicial, relatado como necessário, para a continuidade no voleibol profissional dificultaria a ascensão social por meio do voleibol, nesse contexto.

A profissionalização foi apoiada pelos pais e familiares, apesar da ideia ter partido da vontade dos próprios atletas. Como apoio, ainda houve uma minimização das chances de fracasso no esporte profissional, embasada na alternativa de realizar os estudos universitários caso não seguissem na carreira esportiva.

No tema apresentado os atletas relataram que se profissionalizaram após os 17 anos, correspondendo ao preconizado pela literatura, porém os ganhos iniciais no voleibol são baixos e insuficientes para as todas as despesas causando dependência de ajuda financeira de familiares.

Os participantes tiveram contratos com procuradores/empresários somente após a profissionalização e afirmam que esses agentes atuam através dos contatos e influência que têm no meio do voleibol, conseguindo contratos e equipes para os atletas jogarem. Justamente pelo poder que os empresários têm em cuidar desses assuntos foram relatados receios e necessidade de conhecer bem os agentes e as propostas para não serem prejudicados.

Os contratos com as equipes normalmente são anuais (por temporada), havendo grande temor pela instabilidade do mercado no voleibol, com equipes surgindo e desaparecendo constantemente ao longo dos anos. Essa instabilidade é refletida em medo de desemprego, com a crença de que é necessário se manter jogando em alto nível para continuar na carreira. É criticado pelos atletas o monopólio da mídia, restringindo a exibição da maioria dos jogos em canais fechados, diminuindo o acesso para a população e o retorno aos investidores, prejudicando o voleibol como um todo.

Através dos dados e das leituras sobre a iniciação esportiva variada, jogos deliberados, incentivo esportivo familiar e efeitos Mateus, Pigmalião e Galatéia sugere-se que o denominado capital esportivo/cultural seria um fator determinante para o sucesso na formação e participação em práticas esportivas dos participantes, influenciando na obtenção de um rendimento de elite ou simplesmente na formação de um envolvimento recreativo com o esporte e manutenção de um estilo de vida ativo na idade adulta. A ideia consistiu na pontuação de semelhanças entre o referido capital esportivo/cultural e a influência do capital cultural na educação escolar, ambos sendo passíveis de produção e reprodução e influenciando os destinos dos indivíduos de acordo com sua posse.

A escolha do uso de entrevistas semiestruturadas possibilitou o surgimento de dados retrospectivos dos participantes que não se encontrariam em outras fontes, permeados pelas percepções dos atletas sobre suas vivências. Os dados permitem a discussão e comparação com outros estudos presentes na literatura oferecendo subsídios para novas análises e contribuindo para a área através de uma investigação que visou um aprofundamento nos temas abordados.

Com isso, tem-se como principais contribuições do presente trabalho:

A constatação de que os jogadores de alto rendimento no voleibol participantes do estudo tiveram uma formação esportiva recomendada pela literatura, com iniciação variada, presença de jogos deliberados e especialização em idades adequadas.

A identificação de que a prática sistematizada do voleibol atrapalhou os estudos escolares, pela rotina desgastante, grande número de viagens e falta de incentivo das equipes e clubes na formação escolar, principalmente do ensino médio ao ensino superior.

O surgimento de dados qualitativos relacionados ao Efeito do Local de Nascimento sobre as oportunidades de prática, espaços livres e segurança de cidades pequenas para a participação esportiva.

A identificação de elementos relacionados aos efeitos Mateus, Pigmalião e Galatéia, através das atuações dos pais, treinadores e atletas durante a formação esportiva, fornecendo possíveis vantagens aos participantes para a continuidade na prática e a chegada ao alto rendimento no voleibol brasileiro.

Por fim, é sugerida a influência de um capital esportivo/cultural na determinação dos destinos dos indivíduos estudados chegaram ao alto rendimento no voleibol, podendo influenciar na participação esportiva em outros contextos. O capital esportivo/cultural seria passível de produção e reprodução pelos agentes e instituições atuantes no campo esportivo de forma semelhante ao capital cultural no campo educacional.

Futuras pesquisas são necessárias para explorar a diversidade dos diferentes meios e ambientes de prática, visando dados qualitativos e quantitativos em aspectos relacionados ao EIR, ELN, Efeitos Mateus, Pigmalião e Galatéia, trajetória escolar e da relação do capital esportivo/cultural no voleibol, em outras modalidades esportivas, em diferentes ambientes e níveis de envolvimento com o esporte.

REFERÊNCIAS

- ABEL, E. L.; KRUGER, M. M.; PANDYA, K. A relative age effect in men's but not women's professional baseball: 1943-1954. **Psychological Reports**, v. 109, n. 1, p. 285-288, 2011.
- AFONSO, G. F. **A reinvenção do voleibol de praia**: agentes e estruturas de uma modalidade espetacularizada (1983 – 2008). Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2011.
- ANFILO, M. A.; SHIGUNOV, V. Reflexões sobre o processo de seleção e preparação de equipes: o caso da seleção brasileira masculina de voleibol infanto-juvenil. **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**, v. 6, n 1, p. 17-25, 2004.
- ALMEIDA, M. L. PALMA, A. Efeito da idade relativa no futebol feminino: análise da Copa do Mundo sub-17 da FIFA. **Rev. Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v.7, n.1, p.21-33, jan/jun. 2011.
- ARENA, S.S.; BÖHME, M.T.S. Programas de iniciação e especialização esportiva na grande São Paulo. **Rev. paul. Educ. Fís.**, 14(2): p. 184-95, jul/dez. 2000.
- _____. Federações esportivas e organização de competições para jovens. **R. bras. Ci.e Mov.** V. 12, n. 4, p. 45-50, 2004.
- BAKER, J. Early specialization in youth sport: a requirement for adult expertise? **High Ability Studies**, Vol. 14, No. 1, 2003.
- BAKER, J.; ROBERTSON-WILSON, J. On the risks of early specialization in sports. **Physical and health education journal**. v.69, n.1, p.4-8, 2003.
- BAKER, J.; LOGAN, A. J. Developmental contexts and sporting success: Birth date and birthplace effects in national hockey league draftees 2000–2005. **British Journal of Sports Medicine** 41: 515–517, 2007.
- BAKER, J.; SCHORER, J.; COBLEY, S.; SCHIMMER, G.; WATTIE, N. Circumstantial development and athletic excellence: The role of date of birth and birthplace. **European Journal of Sport Science**, 9:6, p. 329-339, 2009.

BAKER, J.; SCHORER, J.; COBLEY, S. Relative age effects. An inevitable consequence of elite sport? **Sportwissenschaft**, p. 1-5, 2010.

BARA FILHO, M. G.; GARCIA, F. G. Motivos do abandono no esporte competitivo: um estudo retrospectivo. *Rev. bras. Educ. Fís. Esp.*, São Paulo, v.22, n.4, p.293-300, 2008.

BARNESLEY, R. H.; THOMPSON, A. H. Birthdate and success in minor hockey: The key to the NHL. **Canadian Journal of Behavioral Science**, 20: 167–176, 1988.

BÖHME, M. T. S. Detecção, seleção e promoção de talentos esportivos. In: BÖHME, M. T. S. (Org.). **Esporte infante juvenil: Treinamento a longo prazo e talento esportivo**. São Paulo: Phorte, p. 152-169, 2011.

BOURDIEU, P. Sport and social class. **Social science Information**, v. 17, n. 7, p. 819-40, 1978.

_____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papyrus, 1996.

_____. Capital social. Notas provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes (orgs.). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Petrópolis: Vozes, 2008.

BRASIL, Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para assuntos jurídicos. **Lei nº 9.615**. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19615consol.htm>. Acesso em 13 jul 2015.

BRUNER, M. W.; MACDONALD, D. J.; PICKETT, W.; CÔTÉ, J. Examination of birthplace and birthdate in world junior ice hockey players, **Journal of Sports Sciences**, v. 29 n. 12, p. 1337-1344, 2011.

CANCIGLIERI, P. H.; MELARI, L. F. PINHEIRO, P. U. Handebol: processo pedagógico e a especialização precoce. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, 7 (3), p. 79-82, 2008.

CAVICHIOILLI, F. R.; CHELUCHINHAK, A. B.; CAPRARO, A. M.; MARCHI JUNIOR, W.; MEZZADRIMARCHI JR., F. Z. O processo de formação do atleta de futsal e futebol: análise etnográfica. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.25, n.4, p.631-47, out./dez. 2011.

COAKLEY, J. **Sports in society: issues and controversies**. 10ed. Saint Louis: Times Mirror/Mosby College Publishing, 2008.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL. Disponível em: <<http://superliga.cbv.com.br/a-superliga/o-campeonato>>, acesso em 08 de setembro de 2015.

COLLET, C.; NASCIMENTO, J. V.; RAMOS, M. H. K. P.; DONEGÁ, A. L. Processo de ensino-aprendizagem-treinamento no voleibol infantil masculino em Santa Catarina. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 18, n. 2, p. 147-159, 2007.

COSTA, L. P. Cenário de tendências gerais dos esportes e atividades físicas no Brasil. In: Costa, L. P. da. (org.) **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.

COSTA, V.T.; SIMIM, M.A.; NOCE, F.; SAMULSKI, D.M.; MORAES, L. C. Comparison of relative age of elite athletes participating in the 2008 Brazilian soccer championship series A e B. **Revista Motricidade**, Vila Real, v.5, n.3, p.17-17, Jul/Set. 2009.

COSTA, I. T.; CARDOSO, F. S. L.; GARGANTA, J. O índice de desenvolvimento humano e a data de nascimento podem condicionar a ascensão de jogadores de futebol ao alto nível de rendimento? **Motriz**, Rio Claro, v.19 n.1, p.34-45, jan./mar. 2013.

CÔTÉ, J. The influence of Family in the development of talent in sport. **The Sport Psychologist**, v. 13, p. 395-417, 1999.

CÔTÉ, J.; ERICSSON, K. A.; LAW, M. P. Tracing the development of athletes using retrospective interview methods: a proposed interview validation procedure for reported information. **Journal of applied sport psychology**. V17, p.119, 2005.

CÔTÉ, J.; MACDONALD, D. J.; BAKER, J.; ABERNETHY, B. When “where” is more important than “when”: Birthplace and birthdate effects on the achievement of sporting expertise. **Journal of Sports Sciences**, 24:10, 1065-1073, 2006.

CÔTÉ, J.; BAKER, J.; ABERNETHY, B. Practice and play in development of sport expertise. In: EKLUND, R.; TENENBAUM, G. (Ed.). **Handbook of sport psychology**. 3^a ed. Hoboken, NJ: Wiley, p. 184-202, 2007.

CÔTÉ, J.; LIDOR, R.; HACKFORT, D. ISSP Position Stand: To Sample or to Specialize? Seven Postulates about Youth Sport Activities that Lead to Continued Participation and Elite Performance. **IJSEP**, v. 9, p. 07-17, 2009.

CÔTÉ, J. Pathways to expertise in team sport. In: NASCIMENTO, J. V. do; RAMOS, V.; TAVARES, F. (orgs). **Jogos desportivos: formação e investigação**. Florianópolis: UDESC, p. 59-78, 2013.

CÔTÉ, J.; HANCOCK, D. J. Evidence-based policies for youth sport programmes. **International Journal of Sport Policy and Politics**, p. 1-15, 2014.

CÔTÉ J.; VIERIMAA, M. The developmental model of sport participation: 15 years after its first conceptualization. **Sci sports**, 2014.

COUTINHO, P.; MESQUITA, I.; FONSECA, A. M.; CÔTÉ, J. Expertise development in volleyball: the role of early sport activities and players' age and height. **Kinesiology**, v. 47, p. 215-225, 2015.

CURTIS, J. E.; BIRCH, J. S. Size of community of origin and recruitment to professional and Olympic hockey in North America. **Sociology of Sport Journal**, v. 4, p. 229 – 244, 1987.

DARIDO, S. C.; FARINHA, F. K. Especialização precoce na natação e seus efeitos na idade adulta. **Motriz**, v. 1, n. 1, p. 59-70, 1995.

EDGAR, S. O'DONOGHUE, P. Season of birth distribution of elite tennis players. **Journal of Sports Sciences**, v. 23(10) p. 1013 – 1020, 2005.

ELIAS, N. Introdução. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992, p. 39- 101.

ENOKSEN, E. Drop-out rate and drop-out reasons among promising Norwegian track and field athletes. **Scandinavian sport studies forum**, v. 2, p. 19-43, 2011.

FIGUEIREDO, M. J. G. **Análise da data e local de nascimento como fatores de influência sobre as oportunidades de acesso de jogadores brasileiros de vôlei ao alto rendimento.** In: 23º Simpósio Internacional de Iniciação Científica da Universidade de São Paulo - SIICUSP, Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo, 2015.

FRASER-THOMAS, J.; CÔTÉ, J.; DEAKIN, J. Examining Adolescent Sport Dropout and Prolonged Engagement from a Developmental Perspective. **Journal of Applied Sport Psychology**, 20:3, p. 318-333, 2008.

GARCIA, M. S.; AGUILAR, Ó. G.; ROMERO, J. J. F., LASTRA, D. F.; OLIVEIRA, G. E. Relative age effect in lower categories of international basketball. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 49, n. p. 526-535, 2014.

GARCIA, M. S.; AGUILAR, Ó. G.; GALATTI, L.; ROMERO, J. J. F. Efecto de la edad relativa em los mundiales de baloncesto FIBA en categorías inferiores (1979-2011). **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v 15, p. 237-242, 2015.

GARGANTA, J. A propósito do desenvolvimento, da identificação e a atualização do talento para jogar futebol. In: NASCIMENTO, J. V.; RAMOS, V.; TAVARES, F. (Org.). **Jogos desportivos: Formação e investigação.** V. 4, p. 463-484, Florianópolis: Udesc, 2013.

GLAMSER, F. D.; VINCENT, J. Relative age effect among elite american youth soccer players. **Journal of Sport Behavior**, v.27, n. 1, p. 31-38, 2004.

GUERRA, R. A. P.; SOUZA, M. J. Fatores que influenciam a não profissionalização de jovens talentos no futebol. **Revista Brasileira de Futebol**, v1, n 2, p. 30-37, 2008.

GUTIERREZ, D. D.; VICEDO, J. C. P.; VILLORA, S. G.; JORDAN, O. R. C. The relative age effect in youth soccer players from Spain. **Journal of Sports Science and Medicine**, v.9, p. 190-198, 2010.

GUTTMANN, A. **From ritual to record: the nature of modern sports.** New York: Columbia University Press, 1978.

HALLAL, P.C., NASCIMENTO, R.R., HACKBART, L. ROMBALDI, A.J. Fatores intervenientes associados ao abandono do futsal em adolescentes. **R. bras. Ci. e Mov.**; 12(3): p. 27-32, 2004.

HANCOCK, D. J.; ADLER, A. L.; CÔTÉ, J. A proposal theoretical model to explain relative age effects in sport. **European Journal of Sport Science**, Vol. 13, No. 6, 630-637, 2013.

HELSEN, W. F.; STARKES, J. L.; WINCKEL, J. V. The influence of relative age in success and dropout in male soccer players. **Am. J. Hum. Biol.** V. 10, p. 791–798, 1998.

HELSEN, W. F.; HODGES, N. J.; VAN WINSCKEL, J.; STARKES, J. L. The roles of talent, physical precocity, and practice in the development of soccer expertise. **Journal of Sports Sciences**, v. 18, p. 727-736, 2000.

HELSEN, W.F.; WINCKEL, J.V.; WILLIAMS, A.M. The relative age effect in youth soccer across Europe. **Journal of Sports Sciences**, Abingdon, v. 23, n. 6, p. 629-36, jun. 2005.

IBGE. **Censo demográfico 1991: Resultados preliminares.** Fundação Instituto Brasileiro de Estatística. Rio de Janeiro: IBGE, 1992.

JAYANTHI, N.; PINKHAM, C.; DUGAS, L.; PATRICK, B.; LABELLA, C. Sports Specialization in Young Athletes: Evidence-Based Recommendations **Sports Health: A Multidisciplinary Approach**, v. 5, n. 3, p. 251-257, 2013.

JIMENEZ, I. P.; PAIN, M. T. G. Relative age effect in Spanish association football: Its extent and implications for wasted potential. **Journal of Sports Sciences**, 26:10, 995-1003, 2008.

JOWETT, S.; CARPENTER, P. The concept of rules in the coach athlete relationship. **Sports Coaching Review**, v. 4, n. 1, p. 1-23, 2015.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. **Discurso do Sujeito Coletivo.** Um novo enfoque em pesquisa qualitativa (Desdobramentos) 2ª Ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2005.

_____. O sujeito coletivo que fala. **Interface- Comunicação, Saúde, Educação**, v.10, n.20, p.517-24, jul./dez., 2006.

LOPES, P.; NUNOMURA, M. Motivação para prática e permanência na ginástica artística de alto nível. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.21, n.3, p.177-87, jul./set. 2007.

MACDONALD, D. J.; CHEUNG, M.; CÔTÉ, J.; ABERNETHY, B. Place but not Date of Birth Influences the Development and Emergence of Athletic Talent in American Football. **Journal of Applied Sport Psychology**, 21:1, 80-90, 2009.

MARCHI JUNIOR, W. Bourdieu e a Teoria do Campo Esportivo. In: PRONI, M. W.; LUCENA, R. F. (Ed.). **Esporte: História e sociedade.** Campinas: Autores Associados, p. 77-110, 2002.

_____. **Sacando o voleibol**. São Paulo: Hucitec, 2004.

MARQUES, R. F. R. Relações entre o esporte contemporâneo e qualidade de vida. In: SIMÕES, J. L. (Org.). **Educação física, esporte e qualidade de vida**. Recife: Editora Universitária UFPE, p. 91-110, 2010.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; MONTAGNER, P. C. Novas configurações socioeconômicas do esporte contemporâneo. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 20, n. 4, p. 637-648, 2009.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. B. de. O esporte contemporâneo e o modelo de concepção das formas de manifestação do esporte. **Revista Conexões**. Campinas, UNICAMP v. 6, n.2, 2008.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. B. Investigação sobre as configurações sociais do subcampo do esporte paralímpico no Brasil: Os processos de classificação de atletas. **Rev. Educ. Fis/UEM**, v. 23, n. 4, p. 515-527, 2012.

MARQUES, R. F. R.; LIMA, C. P.; MORAES, C.; NUNOMURA, M.; SIMÕES, E. C. Formação de jogadores profissionais de voleibol: relações entre atletas de elite e a especialização precoce. **Rev Bras Educ Fís Esporte**, Abr-Jun; 28 (2), p. 293-304, 2014.

MARONI, F.C.; MENDES, D.R. & BASTOS, F.C. Gestão do voleibol no Brasil: o caso das equipes participantes da Superliga 2007-2008. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.24, n.2, p.239-48, abr./jun. 2010.

MASSA, M.; UEZU, R.; BÖHME, M. T. S. Judocas olímpicos brasileiros: fatores de apoio psicossocial para o desenvolvimento do talento esportivo. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, v.24, n.4, p.471-81, out./dez. 2010.

MASSA, M.; COSTA, E. C.; MOREIRA, A. The relative age effect in soccer: a case study of the São Paulo Football Club. **Rev Bras Cineantropom. Desempenho Hum**, v. 16(4) p.399-405, 2014.

MAZZA, M. M. P. R.; LEFÈVRE, F. Cuidar em família: análise da representação social da relação do cuidador familiar com o idoso. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**. v. 15, n.1, p. 01-10, 2005.

MERTON, R. K. The Matthew effect in science. **Science**, v. 159, p. 56-63, 1968.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. 9º ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

MOESCH, K.; ELBE, A. M.; HANGE, M. L.T.; WILKMAN, J. M. Late specialization: the key to success in centimeters, grams, or seconds (cgs) sports. **Scand J Med Sci Sports**. V. 21, p. 282-90, 2011.

MUJIKA, I.; VAEYENS, R.; MATTHYS, S. P.; SANTISTEBAN, J.; GOIRIENA, J.; PHILIPPAERTS, R. The relative age effect in a professional football club setting. **J Sports Sci**. 27(11):1153-8, 2009.

MUSCH, J.; HAY, R. The relative age effect in soccer: Cross-cultural evidence for a systematic discrimination against children born late in the competition year. **Sociology of Sport Journal**, v. 16, p. 54 – 64, 1999.

NOGUEIRA, M. A.; NOGUEIRA, C. M. **Bourdieu e a Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

NOLAN, J.; HOLLOW, G. Hockey success and birth date: The relative age effect revisited. *International Review for the Sociology of Sport* v. 45, p. 507-512, 2010.

NUNOMURA, M.; PIRES, F. R.; CARRARA, P. Análise do treinamento na ginástica artística brasileira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. V.31, n.1, p.25-40, 2009.

NUNOMURA, M.; CARRARA, P.D. S.; TSUKAMOTO, M. H. C. Ginástica artística e especialização precoce: cedo demais para especializar, tarde demais para ser campeão! **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.24, n.3, p.305-14, jul./set. 2010.

PACHARONI, R.; AOKI, M. S.; COSTA, E. C.; MOREIRA, A.; MASSA, M. Efeito da idade relativa no Tênis. **R. Bras. Ci. e Mov.**, v. 22, n. 3, p. 111-117, 2014.

PERES, L.; LOVISOLO, H. Formação esportiva: Teoria e visões do atleta de elite no Brasil. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 17, n. 2, p. 211-218, 2006.

REJESKI, W.; DARRACOTT, C.; HUTSLAR, S. Pygmalion in youth sport: A field study. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, v.1, p. 311-319, 1979.

ROCHA, P. A.; BARTHOLO, T. L.; MELO, L. B. S.; SOARES, A. J. G. Jovens Esportistas: profissionalização no futebol e a formação na escola. **Motriz**, v.17, n.2, p.252-263, abr./jun. 2011.

SANTANA, W. C.; FRANÇA, V. S.; REIS, H. H. B. Perfil do processo de iniciação ao futsal de jogadores juvenis paranaenses. **Motriz**, Rio Claro, v.13 n.3 p.181-187, jul./set. 2007.

SANTANA, W. C. de; RIBEIRO, D. A. Idades de início de atletas de futsal de alto rendimento na prática sistemática e em competições federadas da modalidade. **Revista Pensar a Prática**. v. 13, n. 2, p. 1-17, 2010.

SÁTYRO, M. D. Em busca do entendimento de cidades médias e pequenas. In: LOPES, D. M. F. ; HENRIQUE, W. (orgs.). **Cidades médias e pequenas, teorias conceitos e estudos de caso**. Salvador : SEI, 2010.

SOLOMON, G. B.; DIMARCO, A. M.; OHLSON, C. J.; REECE, S. D. Expectations and coaching experience: Is more better? **Journal of Sport Behaviour**, v.21, 444-455, 1998.

SOUZA, A. L. C.; OLIVEIRA FILHO, R. P. O. Motivação intrínseca e extrínseca em crianças de 7 a 14 anos na iniciação do voleibol. **Educação Física em Revista**, v. 7, n. 2, p. 76-83, 2013.

THOMPSON, A., BARNSLEY, R., & STEBELSKY, G. Born to play ball: The relative age effect and major league baseball. **Sociology of Sport Journal**, v. 8, p. 146 – 151, 1991.

VAEYENS, R.; PHILIPPAERTS, R. M.; MALINA, R. M. The relative age effect in soccer: A match related perspective, **Journal of Sports Sciences**, v. 23, n. 7, p. 747-756, 2005.

VIANA, M. S.; ANDRADE, A.; BRANDT, R. Iniciação esportiva de velejadores brasileiros: um estudo qualitativo diagnóstico. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 283-301, abr./jun. 2011.

VIEIRA, A. F.; BOJIKIAN, J. C. M. Especialização no voleibol durante a grande infância. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** – Volume 7, número 3, p. 63-70, 2008.

WACQUANT, L. Esclarecer o habitus. **Educação & Linguagem**, ano 10, n. 16, p. 63- 71, jul./dez. 2007.

WILLIAMS, J. H. Relative age effect in youth soccer: analysis of the FIFA U17 World Cup competition. **Scand J Med Sci Sports**, v. 20, p. 502–508, 2009.

ZANATTA, W. A.; SOUSA, J. C.; NASCIMENTO, J. V. Processo de seleção e treinamento de levantadores no voleibol catarinense infanto-juvenil masculino. **Pensar a Prática**, v. 13, n. 2, p. 1-18, 2010.

ANEXO A – Entrevista transcrita do participante 1

E: Me conte um pouco sobre sua iniciação esportiva no vôlei

S: *No vôlei... ah eu sempre fiz um monte de esporte assim... sempre gostei de futebol basquete vôlei atletismo... tudo que tinha pra fazer na escola assim... eu fazia é que a escola em que eu estudava era uma escola particular... que ela... ela incentivava muito assim... na prática esportiva... uma escola que disputava campeonatos na região toda e era bem conhecida por incentivar o esporte assim... por isso meu pai quis muito que eu estudasse nesse colégio... aí quando começou a eu gostar mais de vôlei assim... acho que foi... por eu me destacar mais no vôlei... fazia vários esportes... o que eu comecei a melhorar no vôlei... por isso acho que eu segui assim mais sério...*

E: Já tinha uma altura acima da média?

S: *é o pessoal que jogava comigo era muito mais baixo que eu... facilitava né...*

E: começou em algum clube também? Ou era só na escola?

S: *era só no colégio... em dois mil e:::... até 2005... me formei em 2005 no ensino médio... aí na metade de 2005 eu... tem um colégio que é da mesma rede desse colégio que eu estudava... em São Leopoldo... que é na região metropolitana... que é uma cidade bem maior assim... que esse colégio jogava federação assim... jogava campeonatos brasileiros... campeonatos estaduais... um nível mais avançado... e eu estava um ano adiantado no colégio... aí eu fui... eu ganhei uma bolsa para estudar nesse colégio... para acabar o ensino médio nesse colégio em São Leopoldo... já fui morar sozinho com 15 anos... 15 pra 16 anos... aí:: eu comecei a jogar lá... acabei o ensino médio lá... aí eu... já era formado pelo ensino médio e tinha mais um ano pra jogar pelo colégio assim... pelo infante... aí eu fiquei morando lá... debaixo da arquibancada assim... tipo (juvenão)... morando lá na arquibancada... debaixo da arquibancada... aí eu falo sobre tudo?... minha trajetória no vôlei assim?...*

E: Éh: não... por enquanto sobre a iniciação...

S: *Os primeiros passos assim... então foi aí que começou... aí fui pra seleção gaúcha... que eu comecei a levar mais a sério assim...*

E: Agora me fale sobre as expectativas que você tinha com o vôlei nessa época...

S: *ah... acho que nessa época eu nem sonhava ainda... de seleção... eu achava um coisa muito distante... assim muito... muito... nunca imaginei assim... putz... lá em Ijuí não tem como almejar uma coisa assim... só que aí indo pra lá... eu comecei a ver que eu estava num nível... já não tão diferente dos outros... sempre vai querendo buscar mais... aí... mas nunca... quando eu comecei não pensava em ser profissional... ser... chegar ao nível adulto... assim sabe?*

E: Você falou... até bastante... mas conte mais sobre sua experiência com modalidades esportivas diferentes do vôlei...

S: *Ah então... eu jogava... sempre no colégio... todo esporte que tinha eu fazia... só teve até o... os 14... 15 anos assim... eu era goleiro de futebol e jogava vôlei mais por... brincando... mas a minha cabeça era... goleiro era assim... eu tinha sonho de ser goleiro... treinava... treinava sério no time... tinha um cara que me treinava meio que particular... queria ser goleiro... só que aí... a primeira oportunidade grande que pintou foi no vôlei... aí eu... ah vou no vôlei...*

E: No futebol você tinha expectativa de ser goleiro profissional...

S: *Tinha... tinha... fui um goleiro frustrado... no futebol...*

E: veio depois o vôlei e compensou...

S: *Graças a Deus... eu continuei no vôlei... deu certo...*

E: Fale sobre atividades e brincadeiras que você participou... em momentos de lazer... no período que você estava na iniciação... quando você não estava treinando...

S: *Ah brincadeira assim cara... sempre... lá em cidade pequena assim... sempre criado na rua... com campinho... brincando de futebol... jogando taco... não sei como chama...*

E: *taco... sim... eu conheço por bets...*

S: *É isso... bets... é... jogando isso aí... polícia e ladrão... nunca... não era muito de videogame... computador... nunca fui chegado nisso aí não... pescava bastante.. até hoje eu pesco...*

E: *Fale sobre a atuação de seus treinadores durante sua formação esportiva...*

S: *Acho que esse cara que me levou lá pro (Sinodal) que me deu a bolsa e tal... esse cara tem uma grande importância... para a formação no voleibol assim... os outros técnicos... eram todos meio... não tinha especialistas em vôlei... esse cara era um senhor... era um senhorzinho já... ele viveu vôlei a vida inteira... e ele sabia muito ensinar assim... os fundamentos... acho que esse cara foi de suma importância assim sabe... ele que me ensinou a jogar... ele que falou oh... você tem condições... você é grande... faz assim tal... elogiava... corrigia... treinava pra caramba...*

E: *Foi a partir de que idade?*

S: *15... 15 e 16 anos que eu comecei a pegar a sério assim... é 15... 16 anos que comecei tipo... agora vamos lá... depois que tu entra no... então aí tu vai pra seleção de base... fui pra seleção de base no infante e no juvenil... aí lá cara... aí lá é:: é... é uma faculdade... assim digamos... lá tu aprende pra caramba... tu rala que nem um condenado... treina muito... muito muito... mas aí já é uma coisa mais séria assim... desenvolve lá o que tu já aprendeu nas escolas assim...*

E: *E nessa trajetória de iniciação em que posições que você jogou?*

S: *Ah eu comecei... no colégio eu comecei como central... porque sempre o mais alto é o central... mas central que fazia tudo... passava... atacava na ponta... na saída... no meio tudo... depois eu fui pra... no Sinodal eu fui pra oposto... e também atacava bola alta assim... eh comecei de oposto... aí quando... meu primeiro time de Superliga... porque saindo do Sinodal já fui jogar Superliga... aí eu já cheguei lá o técnico falou... você vai ser ponta... aí eu já... tomei um susto... pô... nunca passei... nunca fiz nada... é ponta... vai ponta... treinar passe... ponta... ponta... e até hoje... quebro uns galhos assim de vez em quando... de oposto...*

E: *Fale um pouco sobre a atuação de seus familiares durante sua formação esportiva...*

S: *Ah eles... meu pai sempre me incentivou muito assim... minha mãe não tanto... que ela tinha muito medo que eu saísse de casa assim... é coisa de mãe né... mas meu pai... a família do meu pai é muito ligada com futebol... tem um clube de futebol numa cidade do interior lá... sempre... tipo vai ser jogador... não sei o que... sempre me levava pra jogar... assistia... aí até quando eu saí de casa... porque eu saí de casa novo pra caramba... 15 anos saí de casa... aí meu pai foi me levar... me deixou lá... a ideia era eu ficar só três dias em São Leopoldo... meu pai foi comigo... aí desses três dias acabei ficando um mês... direto assim... perdi aula lá... nem aí vai... vamos lá... gostei... mas sempre me incentivou assim...*

E: *No começo mais pro futebol... e depois quando começou no vôlei também?*

S: *Eh... é que assim... meu pai sempre falava... cara com essa altura aí tu tem que aproveitar... tu tem que fazer alguma coisa... não adianta um cara de 2 metros e 3((cm))... com esse físico e biotipo... é::*

E: *Não fazer nada...*

S: *É... ficar num... num escritório... alguma coisa... então... vai tentar... tenta fazer alguma coisa... se não der... vai... volta... faz estuda... mas pelo menos tu tem que tentar...*

E: *Foi importante... fale sobre a atuação de dirigentes e empresários durante sua formação esportiva...*

S: *Ah... isso é até um problema assim... hoje em dia tem muito empresário... procurador né... que a gente fala... que pega a molecada assim... na minha foi... foi um cara do Rio grande do Sul que era conhecido... que ele me achou... tipo me viu jogando no colégio... e foi falar comigo... e dava tênis... dava... sempre dava alguma ajuda... ligava pros pais... conversava... tipo ajudava no time... é importante sim... mas tem que ter cuidado... pra mim graças a Deus*

eu nunca fui prejudicado por esses caras... mas no início eu acho que é importante sim ter... eu tive e é importante... porque com os caras já é difícil... imagina sem os caras... pô os caras sabem... conhecem... a maioria já jogou... tem contato com todos os times...

E: ele faz a ponte...

S: *É... quando dá algum problema... vai... conversa com o cara... é importante ter... e eu tive... já joguei... essa é minha nona Superliga já... comecei cedo né... e eu só trabalhei com dois procuradores até agora... tem gente que já trabalhou com... 10 assim... sabe... foi com esse cara que eu comecei... aí teve uma época na minha vida que eu falei... puta tem que mudar... não dá pra ficar sempre com o mesmo... faz três anos que estou com um novo aí... e tá dando certo...*

E: Eh... você já começou a falar e acabei te interrompendo... mas fale agora sobre os diferentes locais que você atuou durante sua formação esportiva...

S: *todos os lugares... eu comecei lá em Ijuí no colégio... depois fui pra São Leopoldo também no colégio também... que jogava estadual... fazia parte... tinha o mesmo técnico da seleção gaúcha... e ficava fácil... ((ruído retirando velcro de bolsa de gelo)) aí depois... saindo... porque no Rio Grande do Sul não tem campeonato juvenil... lá acaba no infante... aqui em São Paulo é muito forte o juvenil... em Minas... é muito forte... aí normalmente do... em São Paulo... tu sai do infante... vai pro juvenil... e do juvenil vai pro adulto... e lá como não tem... eu saí do infante e fui direto para um time de São Leopoldo mesmo... que agora não tem mais... que era ()... jogava... participava... entrava um pouquinho... treinava bastante... fazia parte do grupo né... com 16 anos... aí eu já fui pra seleção né... seleção infante juvenil... aí depois de São Leopoldo... fui pra Caxias do Sul... Na universidade de Caxias do Sul... joguei um ano lá... aí depois eu fui pro Sada Cruzeiro... em BH... Belo Horizonte... aí depois do Cruzeiro eu fui pra Araraquara... Joguei um ano em Araraquara e depois fui pra Campinas... dois anos em Campinas... e agora três anos jogando no XXXX⁴...*

E: fale sobre a rotina de treinamento e competições vivenciada durante sua formação esportiva...

S: *durante a formação? Ah eu acho que era menor assim... lá no Sinodal... que eu fui pra jogar... que eu só jogava né... aí quando eu me formei... eu não fazia nada... só tinha um período de treino... por dia... que era seis da noite só... porque a galera estudava... ia depois do colégio... aí eu ficava sem fazer nada... comecei a fazer uma academia... assim... só pra não ficar parado... de manhã mas bem... light assim... nada de mais...e já era um clube assim... entre aspas... que disputava campeonatos e tal... mas era um período só por dia... mais tranquilo... aí só na Superliga... quando eu fui pela primeira vez... quando eu ainda era moleque... aí é pau... dois períodos... joga sábado... viaja... e tal...*

E: E você começou com quantos anos?

S: *Comecei jogar vôlei ou...*

E: Jogar vôlei...

S: *Ah desde os nove eu acho... nove ou dez*

E: Mas treinar em um time... igual você falou...

S: *No colégio... mais sério assim com 14 anos*

E: Fale sobre as atividades que compuseram os treinamentos no começo... exercícios... jogos... brincadeiras que o técnico passava na quadra...

S: *Na formação?*

E: *É... no começo...*

S: *Acho que nunca peguei técnico assim de dar muita brincadeira... no máximo era um bobinho para aquecer antes do jogo...*

E: Era mais fundamento?

⁴ Identificação da equipe estudada

S: *É não tinha muita... pode até ter tido técnico que fazia mas a minha... nunca tive não... brincadeiras assim... É mais fundamentos assim... aquecimento... ataque e defesa... faz rede... vai pra rede e depois já... tipo um coletivo assim né... dois times na quadra...*

E: Como você lidou com essa rotina de treinamento e competições durante sua formação... teve o período do colégio que você disse que era tranquilo e depois...

S: *É... essa transição foi muito difícil... eu era muito novo... não tinha uma... musculatura... uma estrutura bem formada assim... era muito moleque e já começava... ter que malhar pra caramba... e treinar... e pré-temporada já fazia muita areia assim... era desgastante por causa disso... era de casa pro ginásio... do ginásio pra casa... exausto...*

E: Chegou a lesionar nessa época?

S: *O que?*

E: Chegou a se machucar nessa época?

S: *Não... a única lesão que eu tive séria foi quando eu jogava em Caxias do Sul... que foi meu segundo... tinha 17 pra 18 anos... que eu escorreguei... foi um trauma assim... não foi lesão muscular nada...*

E: você já pensou em abandonar o vôlei?

S: *Não cara.. acho que depois que eu comecei assim... nunca bateu aquele... ah vou abandonar... mas já... agora esse ano eu... a partir do ano passado 2014... eu já comecei a pensar... o que fazer depois... fazer uma administração à distância... to fazendo inglês... porque carreira de jogador é curta né... querendo ou não... eu tenho 26... mais uns 10 aninhos aí... só... no máximo... pra conseguir jogar né... e eu já estou pensando no que fazer...*

E: Sim... não por vontade de parar e sim pra ter algo pra fazer depois... antes de virar profissional você também nunca pensou em parar?

S: *Não cara... eu sempre gostei assim... do que eu fazia... quando eu comecei no Sinodal eu até comecei a fazer educação física na universidade lá... de São Leopoldo... mas aí sei lá... não aguentava mais estudar sabe? Terminei o ensino médio e já não queria mais estudar... depois que eu vi que vida de jogador era boa...*

E: Voce sabe quais razões de abandono de colegas? Durante sua trajetória...

S: *ah... acho que é muita frustração né... e tipo sei lá... cara que não consegue jogar em time bom... vai pra algum lugar e tipo... esse lugar é ruim... não recebe sabe? Toma calote... tem até um amigo meu... que parou agora com 33... sempre estava capengando assim... não conseguia time bom... aí foi jogar no Qatar agora... não pagaram... aí ele falou... deu pra mim já... aí até cara que... já foi até campeão mundial comigo... em 2009... que também é... tenta jogar em algum clube... não consegue... não tem oportunidade... aí sei lá... prefere ir pros EUA lá... fazer uma faculdade... acho que é mais por frustração assim... de não conseguir seguir assim em um bom nível... tanto de salário... estrutura...acho que é mais frustração...*

E: Bom você já disse... seu nível de estudo foi até o ensino médio... e agora superior incompleto...

S: *Isso e agora vou fazer à distância né...*

E: O vôlei você acha que ajudou ou atrapalhou sua vida na escola?

S: *Na escola... cara acho que... qualquer esporte cara... é bom assim para vida assim sabe... coisa de conviver em grupo... fazer trabalho em grupo... tudo assim... mas como outros esportes ajudam muito assim... conviver em sociedade assim... eu vejo sei lá... o pessoal... os colegas da minha namorada assim... da faculdade... putz os caras são manézão assim... não conseguem conversar sabe? Não conseguem... brigam por qualquer coisinha... o que o esporte proporciona... só me ajudou... não dá pra reclamar não...*

E: Fale um pouco sobre a sua educação física escolar...

S: *então... no meu colégio era boa... sempre foi boa assim... não era aquele colégio assim... chega lá joga uma bola e a molecada vai jogar sabe? Sempre teve aula... era bimestral acho...*

um bimestre basquete... um bimestre vôlei... um bimestre ginastica rit/ ginastica olímpica... outro futebol... era bem assim... foi boa assim... sempre dei sorte...

E: como foi sua história na seleção?

S: *então eu fui pra seleção infanto... joguei o mundial infanto... a gente jogou o mundial no México... aí depois eh... a seleção juvenil... sul-americano juvenil e mundial juvenil a gente foi campeão mundial juvenil... aí saindo do juvenil eu já fui pra... eles fizeram uma:: seleção de novos... que era tipo uma seleção B assim sabe? Que é uma molecada já adulta... essa idade do juvenil... mas que não era a principal... eles pegavam o pessoal que estava numa transição assim sabe? Tava pra entrar... aí eu joguei três campeonatos... três anos seguidos de:... dessa seleção... três copas pan-americanas... aí a partir do ano passado não fui mais convocado... já estou velho já também...*

E: Fala agora um pouco sobre seu início do processo de profissionalização no esporte...

S: *Na escola ganhava bolsa mas.. só não pagava o colégio assim meus pais sempre me ajudaram... meus pais pô... eles pararam de me ajudar acho que foi só quando eu fui jogar em Araraquara... não... só quando eu fui jogar no Cruzeiro... eu já tinha 2 anos de profissional tipo ganhando uma mixaria... ganhava do clube alimentação... moradia... e mais uma ajuda de custo assim... porque eu era moleque também... mas aí demorou assim... meus pais graças a Deus tem condições de poder me ajudar assim... eu já vi muita gente se ralando assim... quebrado porque os pais não tinham condição de ajudar e os caras era foda assim... manter... pô imagina morar em São Paulo sem um salário não consegue...*

E: Você acha que muitos podem ter abandonado por essa falta de... condições?

S: *De condições... é pode ser que sim... mas demorou uns dois aninhos para eu conseguir largar dos meus pais financeiramente... porque eles sempre me ajudaram... chegava no meio do mês assim eu falava acabou o dinheiro... ai eles mandavam mais dinheiro... para eu conseguir passar o mês...*

E: Agora fale sobre sua rotina como atleta profissional

S: *ah normalmente é... são treinos de dois períodos... em um dia normal porque as vezes... joga viaja e tal... mas normalmente em um dia tradicional de treino malha 08:00 ai sai da academia vai pra quadra pra fazer um treino de passe assim de 1 hora... passe e defesa assim as vezes... um treino mais light assim sem salto sem saque... ai depois eu vou pra casa... assisto TV... faço alguma coisa... almoço 12:00 volto pra casa e dou uma dormida de umas 12:30 até 14:30 assim... aí acorda como... lanche de novo... e volto pro treino às 16:00 das 16:00 às 18:00 seis e pouco...*

E: Um treino mais forte?

S: *Aí é treino pesado... depois volto pra casa... faço inglês*

E: Eu queria que você descrevesse o quadro do profissionalismo do vôlei no brasil hoje...

S: *Cara é... eu acho que tá perigoso assim... porque tem muitas coisas assim esse negócio que teve na CBV... de desvio de grana... muito time que time que vem com um puta orçamento assim 15 milhões em um ano e o mercado assim... inflaciona assim e no ano seguinte acaba o time... assim o time do Eike Batista do Rio de Janeiro lá... pô os caras campeões puta timão ai no ano seguinte os caras não pagaram os jogares... saíram e acabou o time...*

E: E isso faz mal ao esporte?

S: *Ah é um absurdo né... porque quanto menos time pra jogar pior pra gente né... agora tem um papo né... nunca ninguém sabe se é certo ou não... que pode... que vai sair a globo e entrar a band... cobrir os jogos... se acontecer isso vai ser muito bom... porque é tv aberta né... muito bom... não tem jeito tv aberta é... porque a globo sportv... não é todo mundo que tem sportv... pô a band pega no carro... liga e assiste um jogo de vôlei... e também a globo esse negócio de placas de patrocínio... eles falam a é o time de Campinas por exemplo... o time de Campinas é o Brasil Kirin e eles não falam... falam campinas... por que que não falam? Os caras dão uma puta grana fazem investimento estrutura do caramba ai vai a tv e fala campinas... questão*

de placa... em jogo de tv tem que ser um XXXX aqui um XXXX ali e o resto tipo os patrocínios da globo... tipo Gol... cbv pô enche de patrocínio dos caras aí... faz... na Itália os caras as vezes põe os patrocínios na quadra... tipo listras de patrocínio dentro da quadra... uma puta visibilidade e aqui não pode nem placa... até no futebol tem o lance da redbull né... os caras estão falando rb... só fala rb rb... fala redbull cara... os caras começaram na quarta divisão... seguiram até agora

ANEXO B – Entrevista transcrita do participante 2

E: Fale um pouco sobre sua iniciação esportiva no vôlei cara...

S: *Minha iniciação esportiva vai... é eu comecei a ter essa vontade de praticar... querer o esporte é novo né lógico... e com 11 anos eu entrei no vôlei... fui em escolinha da minha cidade né Três Corações onde iniciei... fiquei um ano né nessa categoria de base... bem assim iniciante... e eu todo assim... alto todo desengonçado... precisava daquela formação e tal e começou assim 11 anos eu já queria uma prática esportiva que fosse pra valer mesmo... e lógico conciliando com o estudo né que não tem como... ainda mais com 11 anos né...*

E: e foi em um clube, foi no time da cidade?

S: *foi na cidade é... tem o clube Umarama né em 3 corações... que até agora... consegui meio que reerguer né ta jogando liga b e tal... então o projeto lá sempre foi bom né... de formação base e ótimos técnicos que já pegaram seleção e tal... e foi isso lá... onde eu comecei*

E: fale sobre suas expectativas com o voleibol quando você começou... o que você esperava...

S: *quando eu comecei expectativa pra mim era só de divertir... brincar de descontrair nada pensando em profissão em querer levar a sério... eu gostava muito de jogar mas não tinha uma expectativa de assim... nossa quero ser jogador... veio depois de sei lá... demorou um pouquinho...*

E: terceira pergunta... suas experiências com modalidades diferentes do vôlei... como foi isso?

S: *já tentei né futsal quem nunca... qual garoto nunca tentou jogar fui em escolinha acho que 1 ano 2 anos... nas escolinhas de futebol ou melhor futsal...*

E: com a mesma idade de 11 anos?

S: *com a mesma idade... 11 e basquete tentei muito rápido assim porque eu comecei a praticar vôlei... e um amigo meu falou vamos tentar jogar basquete também você é alto e tal mas não... preferi o vôlei já estava mais ali engatilhado...*

E: Agora sobre sua infância... fale sobre as atividades e brincadeiras que você participou nos momentos de lazer na infância e na adolescência

S: *ah lazer... no interior... isso ai foi correr na rua... pique pega... pular corda eu gostava bastante ainda mais porque não sei mas acho que peguei uma geração que ia um pouquinho pra rua e um pouquinho ficava no celular... e eu peguei a parte da rua sempre brincava com vizinhos... ainda mais novo né... gostava de correr na rua jogar bola fazer gol de chinelo... jogava futebol vôlei de tudo um pouco...*

E: agora um pouco sobre sua percepção sobre a atuação de seus treinadores durante sua formação esportiva

S: *acho que a formação... ainda mais que eu cheguei a fazer educação física... não formei mas fiz... e essa base que a gente não vê muito agora... de querer formar um aluno uma criança tipo de coordenação motora essas coisas nunca... agora tá bem fraco essa coisa assim dos professores... de agora vamos formar um... coordenação motora na criança não tem mais essa preocupação... e com eles isso foi muito visível de querer... acho que não só eu... mas todo mundo que estava na escolinha de coordenação de tudo assim formação e sempre estavam presentes nessa parte de treino e fora do treino... e nessa questão eu não tenho nada a reclamar porque um técnico nosso o toninho ele ficou 18 anos na seleção e isso lá em 3 coraç pra gente era o máximo... um cara que pegou seleção você poder treinar com um cara que dava treino pra base que já tinha assim Murilo esse pessoal que a gente hoje almeja ser igual eles...*

E: Fale sobre a atuação agora da sua família... dos seus familiares durante sua formação esportiva

S: *nossa... minha família foi bem... bem inclusa nessa parte de querer... torcer de querer ajudar sabe de dar força... falar é isso que você quer? Então vamos te apoiar... é campeonato?*

Vamos torcer vamos apoiar... e levava outros familiares puxava o pessoal para dentro do ginásio... levava som... eles participaram muito assim na época em que eu estava em 3 cor...

E: E eles assim... jogavam alguma coisa...? Tinham ligação com o esporte?

S: *Não... eles mais incentivavam... mas não... assim vôlei não né minha mãe até tentou quando era mais nova mas nada de profissional assim... meu pai assim... eles só apoiavam mesmo... eles até gostavam assim de jogar... brincando e tal mas era mais incentivo assim*

E: e a atuação de dirigentes e empresários durante sua formação esportiva

S: *de empresário... isso foi mais agora... estou com... vou fazer 22 foi mais com 20... 21 anos... que é a parte que eu saí da base da parte de infante juvenil e entrar no mercado né que é aí que você precisa da força dos dirigentes do clube lógico e de empresários então esse contato eu fui ter mais com 20 anos...*

E: e como foi esse contato...

S: *esse contato com eles? Então eles estão sempre presentes em jogos e sempre estão de olho em você... em atletas... e eu fui por indicação né de um amigo do (terô?) meu empresário que foi procurar central né e o Maicon um amigo meu era central... veio me indicar para o terô então a gente sentou conversou... ele gostou do que eu apresentei e a gente fechou negócio...*

E: fale sobre os diferentes locais que você atuou durante sua formação esportiva...

S: *Nossa eu já... comecei em 3 cor. Né jogando... já tive passagem por um time de juiz de fora que eles precisavam jogar o mineiro e tal... já joguei em seleção mineira de do estado... já cheguei a viajar para limoeiro que é Pernambuco... já Açu... são umas cidades assim do nordeste assim e pra fora pra seleção infante assim que eu cheguei a pegar a gente viajou pro México... chegou a jogar na Argentina na Itália... fazendo amistosos*

E: então você jogou em 3 cor. No clube e depois já veio direto para o XXXX

S: *sim de clube foi...*

E: fale sobre sua rotina de treinos e competições que você teve durante sua formação esportiva

S: *a gente sempre treinava de manhã e à tarde e quando mais novo aí quando começou a ter que entrar academia aí treinava 1:30 e as vezes treinava de manhã também 1:30 e de tarde umas 2:00 isso toda semana de segunda a sexta*

E: Isso desde os 11 anos treinando os dois períodos?

S: *não 11 acho que dos 12 pra frente... acho que nos 11 era mais tranquilo... porque tipo não sabe se quer ou não quer então é mais 3 vezes na semana*

E: Fale um pouco sobre as atividades que compuseram seus treinamentos exercícios jogos e brincadeiras durante sua formação esportiva

S: *na formação... exercício de brincadeira... assim pra aquecer pra alongar assim sempre queriam ter aquela descontração assim e pra aquecer as vezes tinha um pega-pega... futebol... que a gente tenta mostrar habilidade brincadeira desse tipo de assim correr em cima da linha pega pega em cima da linha desse tipo assim*

E: e exercício de fundamento como era?

S: *Fundamento? Ai é... ah... em 3 cor. Eu já tive a chance de ter técnico que tinham objetivos diferentes uns conseguiam treinar passe e bloqueio... outros a parte mais de saque parte mais coletiva então treino específico as vezes de passe a gente tinha um canhão que saca então a gente conseguia as vezes fazer treinos mais específicos tipo saque... uma coisa mais intensiva... no saque no passe*

E: isso desde cedo?

S: *isso nos 12 nem tanto... mas sim nos 14 anos que a gente estava um pouco menos cru...*

E: Quando era 11 ou 12 assim era mais jogo? Ou tinha fundamento separado?

S: *tinha... porque lá em Minas não tem muito campeonato... aí tipo você treina o ano todo pra jogar um campeonato que dura tipo uma semana então a gente treinava muito... tipo bem específico toque e manchete e aquecer 3 na quadra de cada lado e lógico bloqueio todos os fundamentos... mas eram bem específicos os treinos bem separados*

E: e como você lidou com essa rotina de treinamentos e competições durante sua formação esportiva?

S: *foi uma coisa bem nova e é até engraçado que a primeira vez que eu ia viajar eu não viajei... era bem novo ainda fiquei meio sem jeito sabe? Não conhecia o pessoal mas foi algo que depois da primeira vez eu não queria parar mais de viajar e Minas Gerais acho que eu até conheci bastante parte porque a gente jogava campeonato e um era em Machado... outro em Formiga... e a gente viajava muito e ficava em escolas que ficavam 7 cidades em uma escola então você fazia muita amizade e divertia... jogava que era o principal que se queria... e era motivante... dá saudade as vezes*

E: Alisson você já pensou em abandonar o vôlei?

S: *não abandonar não... as vezes a gente fica com alguma coisa na cabeça porque querendo ou não o mercado é complicado mas só de ficar fora de quadra já é uma coisa que dá saudade... só de pensar acho que parar de jogar ia ser uma coisa muito triste de querer parar ia ser difícil*

E: questão do mercado seria pressão?

S: *ah o vôlei na questão do Brasil aqui... o mercado é bem competitivo*

E: sabe alguma razão de colega seu que treinou com você e abandonou?

S: *acontece muito quando sai do juvenil... que é a parte que você sai do juvenil e vai pro adulto... nesse momento é igual um pré-adolescente virando adolescente tem aquela tipo um baque sabe? Ou você consegue arrumar um time ou você para... ou trabalha... ou estuda... e o que mais acontece é isso... sair do juvenil e ir pro adulto e o cara não consegue porque o mercado é muito... extremamente competitivo e o que a gente pratica é alto rendimento então querendo ou não ele é duro...*

E: a razão de abandonarem seria isso? Não conseguir um time?

S: *é... e querendo ou não acho que tem muito... tem pouco time pra muita pessoa... muito atleta*

E: qual nível de estudo você alcançou?

S: *eu cursei educação física... superior incompleto né...*

E: você acha que acha que o vôlei ajudou ou atrapalhou sua vida escolar?

S: *acho que não me atrapalhou não... acho que até ele conseguiu me passar... tipo do ensino médio porque a gente tinha que disputar escolar e eu consegui ganhar bolsa em escola particular... coisa que eu nunca com meus pais ali... nunca iam ter condições de pagar uma escola particular... então acho que o vôlei só conseguiu trazer coisa boa pra minha vida... então é o caso do que você falou de parar... mesmo se eu parar eu tenho certeza que a passagem no vôlei só me trouxe coisas boas...*

E: na passagem da escola foi com bolsa então?

S: *foi na escola com bolsa... a faculdade eu consegui pelo vôlei também bolsa 100% com o vôlei... de Santana e fiz 2 anos... 1 ano e meio... já jogava campeonato e o bom que já ia abrindo um leque assim...*

E: Aí depois você veio pra cá

S: *não eu tava na época do juvenil no primeiro ano... foi no último de infante e primeiro de juvenil que eu consegui conciliar ainda o vôlei com a faculdade... era muito cansativo mas foi uma coisa que trouxe muitos valores acho que como pessoa porque você fica querendo treinar você acha que ta cansado... ai fica ah o vôlei o vôlei e quando você começa a fazer faculdade você vê que a vida é outra coisa e isso traz coisas boas pra pessoa... valores pra pessoa*

E: Fale um pouco sobre sua educação física escolar

S: *ah educação física eu sempre gostei de praticar e desde novo eu sempre quis... eu não era aquele que ficava no cantinho lá sentado deixando o tempo passar eu queria fazer o que desse para fazer... tinha facilidade também era queimada era futsal... saia correndo e não queria que acabasse*

E: e seus professores deram alguma base... como foi a atuação deles?

S: *ah os professores... acho que quando você é novo você não esquece os professores de educação física tem aquela... aquele amor pelos professores mas eles conseguiam assim...*

E: *mas eles deixavam jogar bola ou deram algo de vôlei?*

S: *eles conseguiam dar... é... mais no fundamental o médio nem tanto porque a gente já jogava né e até conseguiam dar uns treinos diferentes tipo treino não aulas diferentes né... usavam tipo circuito e pra todo mundo que foi uma coisa bem marcante na minha infância... que eu consigo lembrar bem*

E: *fale sobre o início do processo de profissionalização*

S: *quanto tava no juvenil é como eu falei... já começa aquela pressão... não pressão... você fica meio... ou é agora ou é nunca e consegui entrar no... esse é o quarto ano que estou no XXXX... então eu poder sair de Minas e vir pra São Paulo que é a vitrine do voleibol e que dá base... são Paulo você joga muito e poder vir pra um clube como o XXXX com equipe adulta forte competitiva de alto rendimento... isso pra mim foi a... o que conseguiu trazer ah vou ser profissional... consegui ter uma chance visível que eu consigo estar no meio vivendo o treino do adulto as vezes participando quando tava na base... eles costumam fazer muito isso porque o pessoal vai pra seleção vai pra fora então eles compõe o treino então nisso você já vê já tem aquela realidade de como é o alto rendimento do que vai ser como profissional*

E: *fale um pouco sobre a sua rotina como atleta profissional*

S: *treinos de segunda a sexta dois períodos academia de manhã treino específico de passe as vezes tem uma quebra... pro corpo ficar... aguentar pro próximo treino e de tarde e jogo Paulista copa são Paulo e superliga...*

E: *você joga de ponteiro... já jogou em outras posições?*

S: *já joguei quando era mais novo de central até pela altura né de oposito tive algumas passagens assim de oposito foi uma necessidade do time que eu consegui jogar e ajudar*

E: *na formação você chegou a jogar em todas as posições ou foi mais especializado?*

S: *não até quando é mais novo não tem tanta coisa assim... ou você levanta ou você joga nas outras posições e por ser alto os técnicos não colocariam a gente de levando né... colocava pra atacar né ser ponteiro central mas essa parte pra definir o que você vai ser é mais pra frente... quando não é levantador porque o levantador é mais baixo as vezes já tem um toque melhor e... já consegue*

E: *tenta descrever o quadro do profissionalismo do vôlei no Brasil*

S: *bom o mercado ele... não vou dizer que é cruel mas alto rendimento é assim... mas o problema é que as vezes um clube abre arruma patrocínio e ai fica 1 ou 2 anos e já fecha... tem todos esses empecilhos de um patrocinador que gosta de ajudar um time e tal e de repente corta então isso que é mais complicado além do alto nível e do alto rendimento que você tem que chegar pra disputar com o pessoal de seleção da superliga... minha primeira superliga e você ver esses caras na questão de excelência o treino você já vê que é diferente que é o objetivo... pra você entrar nesse mercado é até difícil de pensar e acontece no Brasil do pessoal as vezes tem que sair e acontece o mercado as vezes não consegue... as vezes não tem mercado pra todo mundo*

E: *você falou de seleção brasileira... como foi?*

S: *cheguei na base... com data não sou bom... mas foi na seleção infante joguei uns dois anos ali e a gente disputou bastante... um sul-americano na argentina um mundial mas a experiência ali sua cabeça já muda você vê o que você já quer pra você aonde você pode chegar você consegue traçar objetivos para sua carreira e sua vida...*

ANEXO C – Entrevista transcrita do participante 3

E: fale um pouco sobre a sua iniciação esportiva no vôlei

S: *cara eu comecei a jogar vôlei através dos meus pais que eles até jogaram e jogam vôlei até hoje e eu sempre acompanhava os treinos deles e eu sempre gostei de jogar futebol ai fui pra um campeonato escolar e lá tinha um técnico da seleção que me viu jogando e eu fui convidado pra fazer um teste só que em São Bernardo mas o time acabou e eu vim pra cá... e desde que o projeto começou aqui eu to no XXXX sou um dos pioneiros da base*

E: começou na escola e depois... e seus pais chegaram a ser profissionais?

S: *já vim pra cá direto... meus pais jogam até hoje mas não... eles jogam na empresa... campeonatos na indústria viajam bastante...*

E: cara fale suas expectativas com o vôlei na sua iniciação

S: *eu queria jogar participar do time adulto aqui do XXXX que eu via os caras jogando tinha o Escada tem Murilo ai sempre quis ta aqui pra quem sabe um dia ser seleção brasileira... seleção principal*

E: quando você começou jogando antes de vir pra cá que expectativa você tinha?

S: *então não pensava em levar tão a sério... ganhar dinheiro esse negócio de mídia não era mais por diversão e agora to aqui*

E: com quantos anos veio pra cá?

S: *vim pra cá com 16 e agora to com 22*

E: e você começou a jogar vôlei com quanto?

S: *comecei com 15... 16*

E: fale sobre sua experiência com modalidades esportivas diferentes do vôlei

S: *ah eu joguei futebol... joguei em clube até antes do vôlei joguei no Náutico joguei no Sport e quando eu tava vindo pro Coritiba eu meio que parei e vim pro vôlei né mas eu cheguei a jogar categorias de base de futebol campeonato viajava bastante jogava de volante também já fiz natação e triatlton também mas participei de dois campeonatos só...*

E: e você começou a jogar futebol com quantos anos?

S: *ah futebol desde sempre desde escolinha de base da minha cidade... entrei no Náutico com 12 até hoje conheço alguns jogadores que jogaram comigo...*

E: cara fale um pouco sobre atividades e brincadeiras que você participou em seus momentos de lazer

S: *eu gostava muito de nadar nadava muito quando eu estava de folga assim... porque na minha cidade tinha muita praia então eu gostava de nadar e brincar o dia inteiro... jogava bola... jogava bola na rua*

E: fala um pouco sobre a atuação de seus treinadores durante sua formação esportiva

S: *aqui eles tiveram muita paciência comigo porque eu cheguei aqui e minha passada era trocada... ela não era assim... ai enquanto um grupo treinava eu ficava aqui fazendo as passadas... mas eu tive sorte que peguei treinadores bons e pacientes que foi o Giovanni que já foi atleta também e tinha o (peu?) que foi ele que me viu e trouxe pra cá e agora com o Pacheco aqui*

E: e essa relação sempre ajudaram assim?

S: *sim sempre até de conversar assim que como meu pai não tá aqui ele é praticamente um pai assim dá conselho demais conversa comigo direto dentro e fora de quadra*

E: então você saiu do futebol e foi pro vôlei direto?

S: *é... então eu fui pra um campeonato e faltou um atleta do vôlei e teve que fazer uma rifa pra viajar e aí eu fui e só jogava tipo brincando vôlei ai cheguei lá e entrei de ponteiro... meu time não tinha libero e eu passava... ai o técnico da base aqui o Gersinho da seleção ele estava lá*

e de lá eu fui direto pra seleção e depois vim pra cá primeiro eu fui pra seleção infante e depois vim pra cá...

E: antes disso você não tinha expectativa nenhuma... (risos)

S: *nada eu estava lá indo lá porque eu gostava de esporte... (risos)*

E: você até falou que seus pais eram ex-atletas mas fale um pouco sobre a atuação de seus familiares durante sua formação esportiva

S: *ah meu pai me apoia bastante porque teve um dia que eu cheguei pro meu pai e falei pai quero viver do esporte... então ele falou se é isso que você quer vou apoiar... ele ficou meio assim porque ele queria que eu estudasse meu pai foi que mais me apoiava minha vó também tudo que eu pedia... passagem pra ir jogar... ajudava tava junto*

E: com quantos anos você falou que queria viver do esporte?

S: *ah com 14 anos já... tava no futebol ainda porque sempre gostei muito de esporte*

E: fale um pouco sobre a atuação de dirigentes e empresário... procuradores durante sua formação esportiva

S: *ah eu comecei a ter empresário na temporada passada não tenho muita experiência com isso... mas eles estão aí né procuram time pra gente jogar dão apoio de calçado do que a gente precisa dentro de quadra... mas não tenho muita experiência só tive um procurador até agora*

E: agora faz uma sequência dos diferentes locais que você atuou durante sua formação esportiva

S: *vim do futebol pra cá joguei infante né... infante juvenil e adulto... mas quando eu era do infante já subia pro juvenil e pro adulto jogava as 3 categorias já ai tipo treino quebrava treino treinando direto em duas categorias e chegava em casa... morto acabado*

E: em que posições você jogou?

S: *eu sempre joguei de central... teve jogos no mundial que joguei de ponteiro contra a Holanda eu acho mas sempre foi mais de central... comecei o mundial como meio no banco e terminei como o meio titular 2,00 metros de altura*

E: fale sobre a rotina de treinamentos e competições que você vivenciou durante sua formação esportiva

S: *quando a gente estava com a seleção tinha dias que treinava 2 períodos treinava 06:00 da manhã na academia... tomava café e fazia areia e terminava o treino no campo de corrida com 16 anos mas aqui no XXXX eram 2 períodos direto cheguei já com 16 meio que já dei uma acostuada né*

E: chegou a lesionar nessa época?

S: *tive só uma torção de pé... em 2010 e foi a única vez que eu lesionei graças a Deus os caras até brincam na físió que sou o único que não apareço lá...*

E: fale um pouco sobre as atividades que compuseram seus treinos exercícios jogo brincadeira... compara um treino de hoje com um treino de quando você começou

S: *totalmente diferente... porque lá a gente tá aprendendo os caras tem mais... aqui é pegado o tempo todo os caras não erram... é muito difícil acontecer erro e na categoria de base não... é repetição... repetição... repetição... aqui as vezes o treino é 1hr... faz o que tem que fazer e vai embora e lá na base não... fica repetindo e repetindo... brincadeira tinha pouco era mais assim...*

E: como você lidou com essa rotina?

S: *ah eu tive que abrir mão de muita coisa né... porque eu tenho 22 anos e é totalmente diferente de um cara que tem 22 anos e está estudando no caso a gente tem que abrir mão de muita coisa não pode sair dia que tem jogo não pode sair... um monte de casamento já deixei de ir por causa de treino essas coisas e é meio difícil... tinha festa que a gente tinha que viajar e ai ficava sem ir e também era desgastante treinar 2 períodos*

E: já pensou em abandonar o vôlei cara?

S: *não... nunca porque através do vôlei eu tive a experiência de conhecer vários países né também... o vôlei me deu oportunidade de conhecer o Irã... conhecer a Itália eu nunca imaginei*

de sair do Brasil e através do vôlei e bem que meu pai falava e agora eu tenho a consciência de que ele estava certo

E: sabe razões de abandono de colegas?

S: *sei... quando eu vim pra cá em 2009 2010 eu morava no alojamento ali né e tinha muitos amigos... e tipo amizade de má influência de coisa errada mesmo usava droga... garotos que treinavam com a gente e acabaram largando o vôlei por conta disso porque São Paulo cidade grande as coisas são meio fácil... aí eu sei que tem muitos caras parados por causa disso*

E: conhece por algum outro motivo?

S: *não... por drogas é que tem bastante gente*

E: que nível de estudo que você alcançou?

S: *cara consegui terminar o ensino médio... não fiz faculdade ainda porque não deu*

E: você acha que o vôlei ajudou ou atrapalhou sua vida escolar?

S: *acho que meio que atrapalhou né... porque na minha cidade eu já tava terminando já e quando eu entrei pro vôlei comecei a viajar bastante... comecei a perder aula e tive que terminar o estudo aqui no supletivo do XXXX aí meio que deu uma atrapalhada né... mas assim que cheguei aqui já comecei para terminar logo até minha carteira de motorista atrapalhou... não consegui ainda tenho que fazer prova ainda*

E: fale um pouco cara tenta lembrar da sua educação física escolar

S: *a gente fazia muito... muito futebol cara só isso na ed.física da minha cidade*

E: na relação professor aluno assim?

S: *na escola eu estudei no salesiano e XXXX e o professor de lá era meu primo e a relação era tranquila eu já tinha facilidade também e na escola a maioria dos meus amigos já jogava comigo no clube da base e era bem tranquilo jogava campeonato e tal*

E: você já falou um pouco mas fale mais do seu início de profissionalização no esporte

S: *ah foi um pouco difícil porque eu saí da categoria de base e já tinha que estar no nível dos caras né... os caras mais rodados e foi complicado... mas depois deu uma... ainda tem que aprender muito mais né... virei profissional com 18 anos... entrei aqui com 16 e virei profissional com 18*

E: fale um pouco sobre sua rotina como atleta profissional

S: *é descanso pra aguentar treina 2 periodos e descansa*

E: conta um pouco sobre sua história na seleção

S: *na seleção eu entrei em 2010 né... fui para o sul-americano a gente não conseguiu ser campeão perdemos para a argentina e pro mundial onde consegui ser titular mas também não fomos campeões... aí ganhamos o sul-americano juvenil em 2012 e no mundial a gente ficou em segundo aí depois do mundial juvenil fui convocado para a seleção sub-23 e a gente conseguiu ser campeão mundial ano passado em Uberlândia... aí ano passado teve a sub-22 e a gente foi campeão sul-americano e esse ano tem mundial... espero estar na convocação né*

E: descreva o quadro do profissionalismo do vôlei no Brasil

S: *como o vôlei cresceu bastante no Brasil... tem muita gente de fora vindo jogar aqui acho que o investimento vai aumentar... espero que os clubes não acabem porque tem alguns clubes que estão financeiramente mal e temos medo que acabem... mas minha expectativa pra isso é muito grande cara porque a galera tá vindo pra cá e acho que mais patrocinadores vão entrar e a verba vai aumentar né*

E: como funciona a questão de contrato com as equipes?

S: *eu sempre tive contrato de ano em ano e todo ano eu renovava mas alguns aqui acho que tem contrato de quatro anos... mas eu sempre fiz de 1*

ANEXO D – Entrevista transcrita do participante 4

E: fale sobre sua iniciação esportiva no vôlei cara

S: *cara minha iniciação esportiva no vôlei foi que minha mãe foi jogadora de vôlei... seleção brasileira e então desde pequeno eu já comecei nesse esporte... mas apesar de fazer outros esportes também no colégio mas o vôlei pra mim foi o melhor...*

E: com quantos anos você começou?

S: *ah desde de quando eu nasci acho que eu já brincava de vôlei já... mas escolinha assim com 6... 7... comecei a brincar assim de time mesmo*

E: começou na escola ou em algum clube?

S: *não lá tinha o CRB né federação alagoana o presidente é agora o presidente da federação brasileira era o presidente da federação alagoana então lá os timezinhos pra brincar então eu comecei no CRB né de time e tinha também aquelas bolsas né... ah vamos pra um colégio e que vai jogar todo mundo... jogava nos colégios... joguei no Marista... em outro que era Batista... formei no Marista em todos esses colégio ei joguei...*

E: fale sobre suas expectativas com o vôlei em sua iniciação

S: *então meu sonho era chegar em um time bacana... jogar um campeonato brasileiro né que a superliga e desde pequeno desde pequeno... e meu sonho mesmo é jogar uma olimpíada e desde pequeno eu busquei sempre isso...*

E: conte um pouco sobre sua experiência com modalidades esportivas diferentes do vôlei...

S: *eu sempre joguei vôlei né... mas no colégio os moleques me chamavam pra jogar basquete e eu ia... só brincadeira né... vamos jogar um campeonato? Ia jogar basquete... jogava futebol também na escola... no meio do colégio mesmo tinha um campo de futebol profissional e a gente brincava... tinha os inter-classes... sempre joguei de tudo... handebol fiz natação bastante também... dei uma crescida...*

E: nessa época de colégio era qual idade

S: *ah época desses colégios cara era dos 6 até os 13 anos porque com 14 eu já mudei pra Belo Horizonte né onde fiquei acho que 9 anos em BH e fui pra jogar vôlei mesmo no Minas...*

E: fala um pouco sobre atividades e brincadeiras que você participava nos momentos de lazer durante sua infância e adolescência...

S: *ah eu sempre vivi dentro de um ginásio né cara... chegava no colégio de manhã de 07:00 à 12:00 12:30 e de 13:00 começava os treinos né e eu treinava todas as todos os períodos né desde do infante... mirim até adulto então praticamente eu não tive tempo nem de brincar... mas brincava de futebol... bola de gude... nada de mais assim... mas sempre relacionado ao esporte assim...*

E: fale um pouco sobre a atuação de seus treinadores durante sua formação esportiva

S: *foram muito importantes pra mim viu... se não fosse por eles hoje eu não estaria aqui... mas a maior parte minha né... porque se eu não tivesse me esforçado... não tivesse saído de casa muito cedo morar sozinho aos 14 anos imagina? Mas eles sempre me ajudaram né nessa parte... relação sempre boa nunca tive relação ruim com ninguém até brigava discutia dentro da quadra mas nada demais que não seja normal no esporte...*

E: fale sobre a atuação de seus pais e familiares durante sua formação esportiva...

S: *ah meus pais e meu irmão eles sempre me ajudaram... sempre estiveram junto comigo mesmo fora... eles estão até comigo hoje... de férias mas estão... sempre que eles podem eles estão comigo meu pai aposentado minha mãe ainda trabalha... mas sempre que podem eles estão seguindo aí...*

E: na época da iniciação eles incentivavam?

S: *incentivavam eles iam em todos os jogos... tanto no vôlei como no futebol basquete em todos eles iam me levar e assistiam os jogos... me apoiavam*

E: *sua mãe foi ex-atleta e seu pai?*

S: *não... meu pai fazia handebol mas não... chegou um tempo a ser profissional mas não foi seleção brasileira não...*

E: *fale um pouco sobre a atuação de dirigentes e empresários durante sua formação esportiva...*

S: *ah hoje eu tenho um empresário que sempre me ajudou desde o começo né... não sei se pode falar o nome... mas ele sempre foi um cara muito correto comigo sempre me falou os prós e contras... como ah você quer ir para um time oh lá vai ter isso isso e isso e vai ser bom pra você e vai ser ruim pra você e aí é comigo eu sento com meus pais e escolho pra onde eu vou então desde o começo só tive ele*

E: *e a partir de que idade você começou a ter intervenção de empresário?*

S: *não é bem empresário não... eu considero ele como da minha família mas ele acho foi desde uns 17... 17 ai desde essa idade*

E: *faça uma trajetória de todos os locais que você atuou desde sua iniciação*

S: *então eu comecei... meus pais foram de férias para Belo Horizonte... minha mãe foi rever as amigas né que jogaram com ela... e tinha um técnico lá e eles falaram que... minha mãe falou brincando que ah tenho um filho que joga vôlei e tal... e ele ah manda ele pra cá pra fazer os testes... aí fiquei uma semana e ele ligou pra minha mãe e falou oh pode trazer ele pra cá que ele vai ficar aqui... desde os 14 anos e a partir daí fiquei 6 anos no Minas... joguei no Pinheiros em 2010 temporada 10/11 joguei no Cruzeiro 2 anos voltei pro Minas ano passado e essa temporada estou aqui no XXXX*

E: *como foi sua trajetória na seleção?*

S: *2006/07 a gente foi jogar o sul-americano infante na Argentina que a gente foi campeão aí a partir daí eu segui foram 4 anos 2 de infante e 2 de juvenil no primeiro ano de juvenil eu já peguei seleção adulta e a partir daí foi até hoje quando sai as convocações tenho sido convocado...*

E: *fala sobre a rotina de treinamentos e competições vivenciada durante a formação esportiva*

S: *então a gente estudava de manhã e de tarde tinha o treino então os jogos não eram como é hoje na superliga como adulto era uma vez a cada... sei lá 2 semanas tinha 2 jogos então era mais ou menos cada semana tinha um jogo né... o treino era todos os dias de tarde... tinha musculação todos os dias treino todos os dias ou de 16:00 as 18:00 ou de 18:00 às 20:00*

E: *chegou a lesionar nessa época?*

S: *não... eu graças a Deus nunca tive muito... lesão muito grave não só torção de pé mas é normal no vôlei...*

E: *fale sobre as atividades que compunham esses treinos durante sua formação esportiva*

S: *a cara era praticamente... o que você viu aqui era bem parecido porque o voleibol não muda muito né é praticamente o treino tático e técnico assim*

E: *o treino da sua iniciação então era parecido?*

S: *é era bem parecido com isso que fazemos hoje*

E: *como você lidou com a rotina de treinos e competições durante sua formação esportiva*

S: *ah cara pra gente isso era meio que normal assim no começo a gente sempre tem aquele sonho tipo quero chegar a jogar uma olimpíada então vou ter que ralar bastante pra conseguir e pra mim era e é um prazer jogar vôlei assim é a minha vida isso aqui então essas rotinas pra mim era bem bacana... po gostava de viajar era maior festa era moleque viajava bastante e juntava os amigos para jogar... era uma festa*

E: *que nível de estudo você alcançou?*

S: *eu tenho... quase formei em administração agora eu dei uma parda porque eu ia mudar pra Rússia agora... ia jogar lá mas ai eu vim pra cá e tranquei superior incompleto 6 periodos de adm*

E: você acha que o vôlei ajudou ou atrapalhou sua vida escolar?

S: *ah cara eu amadureci muito cedo então acho que o vôlei ajudou... ajuda e atrapalha na verdade... atrapalha e ao mesmo tempo ajuda porque você praticamente vive dentro de uma quadra né... mas quem quer acho que consegue conciliar as coisas... mas toma tempo... no começo foi bem difícil pra mim mas depois fui me adaptando a cidade fazendo novas amizades... e o colégio acordava bem cedo... tinha que ir a pé pegava ônibus estudava de manhã das 07:00 ao 12:00 tinha dia de sexta feira que estudava de tarde e ai já saia da escola direto pro treino dia de sábado tinha aula também e as vezes tinha jogo a tarde era bem frequente essa rotina...*

E: fale sobre sua educação física escolar cara como foi?

S: *cara como te falei... eu sempre gostei de esporte os professores do colégio sempre me puxavam né... vamos pro basquete vamos pro vôlei vamos pro handebol além do treino fazia a educação física também como uma aula então tinha que estar junto lá...*

E: e a relação com os professores?

S: *ah era legal cara eu gostava bastante... eu me esforçava mais até que nos treinamentos... tinha facilidade*

E: detalhe mais o seu início de profissionalização no esporte

S: *como eu sai cedo de casa foi questão de tempo eu me profissionalizar né aos 17 anos já estava profissional já então foi muito cedo... precoce assim mas pra mim eu até lidei muito bem com isso meus pais me ajudaram falaram olha faz isso faz isso faz isso... o próprio meu procurador sempre me guiou nas coisas que eu tinha que fazer... acho que foi bacana pra mim assim*

E: tenta descrever o quadro do profissionalismo do vôlei no Brasil

S: *cara tem muita coisa pra melhorar mas acho que melhorou muito com o tempo o vôlei no Brasil desenvolveu bastante... não tanto quanto o futebol mas os patrocinadores tendem muito a puxar pro vôlei agora apesar da crise... acho que tem muitos times fechando mas muitos times estão voltando também melhorando sua parte financeira... quanto a disponibilidade de ginásio melhorando arquibancada para torcida e essas coisas*

E: perspectiva de carreira cara... o que pretende?

S: *a cara acho que minha perspectiva é o que te falei... jogar uma olimpíada... até lá tenho que buscar esse sonho... mas esse negócio de aumentar salário com o tempo vai amadurecendo bastante o pessoal vai vendo seu trabalho e você vai ficando valorizado*

E: como funciona a questão de contratos com as equipes?

S: *então como eu tenho uma pessoa para me representar né... meu procurador ele que faz essa parte burocrática ele é advogado e mexe com tudo isso não só meu mas de vários outros atletas ele ajuda nisso*

E: os contratos são por ano?

S: *depende do atleta... se o atleta quiser ficar 2 anos aí ele conversa com o clube né... por exemplo eu sempre fiz contrato de 1 ano... uma temporada só que fiz contrato de 2 anos com o Cruzeiro mas o resto foi tudo de um ano e vai renovando se você gostou e o pessoal gostou de você...*

ANEXO E – Entrevista transcrita do participante 5

E: fale um pouco sobre sua iniciação esportiva no vôlei

S: *ah eu morava no interior e por morar no interior não se praticava... a única coisa que se praticava era o futsal e eu comecei a crescer muito e um tio meu que morava na capital... BH viu que estava crescendo muito e perguntou se por ventura eu não queria praticar esporte... jogar basquete jogar vôlei... e na minha cidade tem um rio que a gente brincava de jogar vôlei na areia então a única coisa que... não sabia o que era basquete... não sabia o que era voleibol também mas optei pelo vôlei por ver o pessoal jogando na areia e falei ah o vôlei deve ser legal... minha vontade mesmo era sair do interior e não de praticar esporte mesmo... e fui cheguei na cidade grande cheguei em BH... não sabia jogar vôlei... tive que aprender a jogar vôlei e com isso fui me apaixonando pelo esporte fui aprendendo mais fui me aperfeiçoando mais e hoje graças a Deus sou um profissional dessa modalidade*

E: e com quantos anos você começou?

S: *comecei com 14 anos a treinar*

E: fale sobre a expectativa que você tinha com o vôlei na sua iniciação

S: *a expectativa que eu tinha era por esporte mesmo... não tinha expectativa assim de nossa um dia vou ser jogador profissional... claro que tinha uma vontade mas a expectativa não era notória era meio que jogada ao ar então eu comecei a levar a sério depois dos meus 18 anos virei profissional me profissionalizei e vi que aquilo podia me dar um futuro brilhante*

E: quando você foi pra BH já foi jogar vôlei?

S: *já fui pra jogar vôlei estudava em Contagem que é uma cidadezinha e treinava em BH e minha família continuou na minha cidade eu passei a morar com minha tia*

E: fale sobre sua experiência com modalidades esportivas diferentes do vôlei

S: *cara eu não tive experiência em nenhum outro esporte como eu falei pra você eu optei pelo voleibol fui pra jogar voleibol e até hoje estou jogando voleibol nunca joguei outra coisa... quando eu era menor eu era goleiro de futsal mas tirando isso eu só tive essa experiência treinei um pouquinho só jogava futsal era goleiro batia falta porque eu batia mais forte que os outros pela minha altura então somente isso mesmo era mais brincadeira...*

E: fale um pouco sobre atividades e brincadeiras que você participou no lazer na sua infância

S: *então por eu morar no interior o esporte não é muito praticado.... Na minha cidade tem um rio então a gente brincava muito nadava... brincava de colher fruta no quintal do vizinho de piquenique muita coisa que não era realmente se dado ao esporte era o esporte não é ainda muito praticado lá... mas então como tinha o rio eu brincava de bola no rio... brincava de vôlei no rio brincava de correr brincava de taco... as vezes chegava alguma coisa nova como capoeira e todo mundo ia fazer capoeira... depois todo mundo cansava da capoeira... e ia assim*

E: fale um pouco sobre a atuação de seus treinadores durante sua formação esportiva

S: *foi muito importante pra mim tanto que o meu primeiro técnico foi um cara que acreditou em mim porque eu fui fazer um teste em um clube maior né e esse clube por ter muitos associados tinha um limite e eu não pude não tive a oportunidade de jogar lá e nisso um outro técnico me viu e apostou em mim então eu acho que é fundamental depois claro eu tive outros técnicos inclusive estrangeiros fui pra Itália joguei com um argentino aqui no Brasil joguei com 2 argentinos aqui e isso é fundamental principalmente na formação do atleta a confiança é fundamental*

E: fale um pouco sobre a atuação de seus familiares durante sua formação esportiva

S: *foi de total patrocínio e de total incentivo minha família deu toda base desde tia tio primos tanto que eu deixei de morar no interior para morar na cidade grande então ela me deu todo o*

apoio me deu sua casa me deu comida me deu tudo e meu pai e minha mãe me patrocinava... mandava dinheiro e minha tia me sustentava daqui então... é fundamental é fundamental sem um incentivo fica muito difícil...

E: seus pais chegaram a jogar alguma coisa? Seus tios?

S: *não... nada... brincavam assim mas eu fui o único a... jogar*

E: fale um pouco sobre a atuação de dirigentes e empresário durante sua formação esportiva

S: *cara isso muitas vezes se o atleta não tiver uma mentalidade onde ele tem certeza de em que ele ta colocando a sua vida porque na verdade é sua vida... porque o cara pode chegar pra você e dizer olha tem uma proposta no Japão e você ficar todo motivado e tal e você chegando lá ela não existe ou não é daquela forma que você achava que fosse... então você esta colocando a sua vida na mão de um agente então isso tem que ser muito pensado... tem que ser... tem que perguntar referencias de outros atletas que estão trabalhando com esse empresário esse procurador... tem que tomar muito cuidado cara até mesmo porque no voleibol não existem muitos voleibol acho que existem 5... 6 no máximo aqui dentro do Brasil que são mais reconhecidos e todo mundo sabe se é bom e se não é então de que forma que trabalha e então não tem muito esse problema eu tive procurador a partir dos meus 18 anos quando eu virei profissional... antes disso tinha um incentivo de uma empresa a uptime que me patrocinava fornecendo vale transporte... ajudava bastante*

E: fale sobre os diferentes locais que você atuou durante sua formação esportiva

S: *bom eu comecei no olímpico depois fui pro Minas depois fui pro Ulbra da Ulbra eu fui pra Itália joguei em Piacenza de lá eu voltei e joguei na Unisul em Joinville depois voltei pro Minas depois fui pra Floripa depois fui pro Cruzeiro e depois do Cruzeiro estou aqui no XXXX*

E: chegou na seleção?

S: *eu fui pra seleção em 2006/07 seleção adulta... seleção de base eu fui infante e juvenil... campeão mundial juvenil em 2002...*

E: em que posições você jogou?

S: *joguei como ponta e meio... hoje eu sou meio... joguei na seleção infante de ponta e lá me transferiram pro meio de rede... mas comecei de ponta no inicio*

E: fale sobre a rotina de treinamentos e competições vivenciada durante sua formação esportiva

S: *bom como eu cheguei e não sabia a técnica do voleibol não tinha feito mirim pré-mirim eu treinava com o infante e quando acabava o treino do infante eu treinava com o mirim então aprendi a dar toque... atacar na parede... aprendi esses fundamentos mesmo*

E: fale sobre atividades que compuseram seus treinos exercícios jogos e brincadeiras durante sua formação esportiva

S: *como assim?*

E: compara um treino daquela época com um treino de hoje

S: *ah intensidade cara a intensidade e a velocidade querendo ou não mesmo sendo novo no voleibol... novo quero dizer que apareceu a pouco tempo... a velocidade muda... o tempo de bola... além da pegada ser outra né nisso muda muita coisa... na estrutura é parecida*

E: como você lidou com a rotina de treinamento e competições

S: *é você tem que saber dar tempo nas coisas que você quer da sua vida então pra estudar por exemplo eu tinha que levar as duas coisas não tinha como parar de estudar pra jogar voleibol porque não era uma coisa certa... uma coisa segura para eu deixar de estudar e seguir... então você tem que levar as duas coisas e foi difícil porque eu morava em uma cidade que era 2h:30min até meu centro de treinamento e pegava ônibus metrô... esse tempo pra mim era muito difícil porque todo dia chegava cansado e no outro dia acordava de manhã cedo para estudar... então realmente tive um pouco de dificuldade mas consegui levar e consegui formar*

E: chegou a lesionar nessa época?

S: *cheguei... cheguei... na seleção brasileira eu operei do menisco no joelho... e estava para ser cortado mas quando eu voltei... voltei muito bem passei com psicólogo onde ele me ajudava*

a treinar mesmo estando longe do treinamento e isso foi muito importante pra mim porque quando eu voltei parecia que eu estava treinando... o meu físico podia não corresponder mas a minha mente estava sempre ativa e isso me ajudou bastante e fez com que eu não fosse cortado da seleção que eu permanecesse nela então eu operei no período de treinamento e quando eu voltei antes do mundial consegui permanecer isso foi em 2001

E: já pensou em abandonar o vôlei Rogério?

S: *olha antes não... mas hoje depois que você passa dos 30 anos já começa a pensar sim acho que é necessário pensar no que você vai fazer quando parar de jogar... é cedo falar ainda mas é necessário se planejar e se você não se planejou ainda precisa... porque a qualquer momento querendo ou não o voleibol pode terminar pra você e infelizmente a vida é essa a gente não se assegura de nada posso me lesionar e o esporte acabar pra mim e se não tiver nada pra fazer pós voleibol fica complicado então é necessário pensar sim... mas na iniciação não pensei*

E: sabe razões de abandono de outros atletas?

S: *muitos colegas meus que abandonaram eu tenho certeza que se arrependem muito porque muitas vezes são colocadas barreiras pra você de ah você não vai conseguir porque tem pessoas que são melhores que você... mas as pessoas que são melhores muitas vezes são mais velhas do que você e então vai chegar em determinado momento elas vão parar ou elas vão diminuir... ou elas vão pra fora então vai surgir uma vaga pra você e foi o que aconteceu comigo na verdade tudo aconteceu assim comigo dessa forma eu com 19 anos fui titular do Minas onde a gente foi pra final eu fui o melhor bloqueador da superliga e eu não esperava isso mas surgiu uma oportunidade para eu jogar no momento certo e eu estive ali se eu não estivesse podia estar outro... então eu acredito que muitas pessoas que jogaram comigo pararam porque... ah vou estudar... claro que isso é uma questão de escolha diz que isso não vai me dar um futuro e pararam mas tenho certeza que se arrependem pois teriam vaga sim*

E: conhece algum motivo no início sem ser esse?

S: *não... mas tem muito a família também... a família não leva a sério aquilo ali... leva a sério mais o estudo que o próprio esporte e tem pais e mães que são formados em medicina e precisam passar aquilo pro filho quer que o filho exerça... siga aquilo ali para que depois de um tempo o filho passe para outro filho... e acaba ficando difícil... é uma escolha*

E: que nível de estudo você alcançou?

S: *eu fiz segundo grau completo*

E: chegou a começar alguma faculdade?

S: *não por enquanto não... quero fazer mas depois que eu parar...*

E: você acha que o vôlei ajudou ou atrapalhou sua vida escolar?

S: *atrapalhou... atrapalhou justamente por causa dos treinamentos... o tempo... da distância que eu tinha pra treinar... depois eu tive que fazer os meus estudos tive que fazer aquele supletivo... tive que fazer pra eu terminar meu estudo... então realmente atrapalhou sim... acho que falta no Brasil você ter uma entidade que você consiga treinar e estudar aqui no XXXX por exemplo você consegue treinar e estudar mas é uma situação à parte... principalmente hoje que o pessoal não leva a sério isso né não querem saber se você está estudando ou não... querem que você esteja no treinamento e jogando bem...*

E: fale um pouco sobre a sua educação física escolar

S: *minha educação física escolar eles me isentaram por causa do tempo que eu tinha e da minha prática do esporte já eles muitas vezes me isentaram então falava se você quiser participar participa se não quiser... então quando era o último horário da educação física na minha escola eu ia embora... muitas vezes eu ia embora ou as vezes eu ficava quando meu treino era mais tarde ou não tinha... eu ficava*

E: e antes de Belo Horizonte como era?

S: *ai era normal... gostava... professor incentivava... praticava e jogava tudo... queimada... rouba bandeira... tinha facilidade e uma coisa que me ajudou muito foi uma febre da dança...*

dos passinhos a gente dançava em passinhos e isso me ajudou muito depois que eu fui jogar essa coordenação me ajudou muito

E: fale sobre o início do seu processo de profissionalização no esporte

S: *meu início foi assim... oh foi um pouco difícil pra mim porque aos 18 anos eu fui pai... namorava uma garota e descobrimos que ela estava grávida e eu ganhava 250,00 reais por mês nesse momento eu não pensei em parar... nunca porque eu pensava se muitas pessoas com maiores dificuldades do que eu conseguiam criar seus filhos porque eu não? Então eu joguei isso como um incentivo pra continuar e um incentivo pra que eu pudesse me superar então isso foi muito difícil pra mim mas foi crucial foi fundamental... foi justamente quando estava começando minha vida profissional*

E: fale um pouco sobre sua rotina como atleta profissional

S: *hoje a minha rotina por eu estar pensando no que vou fazer futuramente pós voleibol é procuro investir o que eu ganho em coisas que vão me dar um futuro melhor é investir o meu tempo estudar uma outra língua... realmente não dá pra fazer uma faculdade não dá não tem como conciliar tem que esperar parar... fico estudando algumas entidades que... porque acho que nosso esporte e tudo que a gente pratica é uma faculdade... hoje você está me estudando... se eu sou digno de estudo é porque algum fundamento eu tenho e se eu usar esse fundamento a meu favor de uma forma que vai me ajudar lá fora e ajudar a sociedade de alguma forma... então eu procuro estudar... buscar algumas entidades para que eu possa formalizar algum tipo de ação algo social para fundamentar mesmo isso... é uma coisa que acho importante aperfeiçoar o estudo junto com o esporte seja ele qual for então isso é uma coisa que eu posso tentar trazer eu não sei... muitas coisas podem vir a acontecer e é o momento que a gente deve pensar e trabalhar pra isso...*

E: tenta descrever o quadro do profissionalismo do vôlei no Brasil

S: *eu acho que é que a gente sai perdendo muito... não só nós mas muitas outras modalidades no Brasil porque a diferença é gritante pelo futebol... gritante e acho que isso tudo é geral e tem que ter um choque de gestão porque tanto na base como na própria mídia que divulga isso... isso tem que ser mudado... ah mas é um conceito... a sociedade não permite... a sociedade não gosta... como não gosta? Você não sabe se não gosta sendo que você só mostra aquilo ali na tv... se você só passa aquilo ali e eu falo do futebol aonde é totalmente diferente o tratamento o salário a visibilidade a credibilidade... então acho que muitos esporte e o voleibol até sai ganhando um pouco porque é o segundo esporte mais procurado do Brasil mas não é um esporte profissionalizado o único esporte profissionalizado é o futebol... aliás pela lei pelé deveríamos ser profissionalizados mas não somos profissionais somos amadores como muitos atletas são amadores então é complicado fica muito a coisa voltada para um esporte só e os outros vem de carona... questão de tv aberta temos muita dificuldade com isso... porque patrocinador pra ele patrocinar um time de voleibol hoje ele tem que gostar muito da prática do voleibol... porque aquilo pra ele em termos de mídia de retorno é muito complicado então tem que ter uma responsabilidade social como o XXXX tem que é mostrar pros seus alunos que você pode chegar em lugares melhores que você pode sim se tornar um atleta profissional e te dá essa possibilidade de se tornar isso... assim como o minas tênis clube faz isso também que tem os seus sócios que vai incentivar os seus sócios a chegar em momentos e realmente chegam mas eu acho que tem muita coisa a melhorar e acho que a melhora tem que vir da base de baixo tem que estudar os meninos que precisam ser estudados... pra eles chegarem em um momento e brigar pelos seus direitos... hoje mesmo nós temos uma associação de atletas mas somos associados verbalmente... não temos como correr atrás de um... por mais que gente queira não tem como correr atrás de um incentivo maior... de correr atrás de nossos direitos... porque não temos força pra isso...*

E: questão de contratos de atletas com clube como funciona?

S: é anual... o contrato dura no máximo 2 anos... no máximo... o atleta do voleibol não tem passe né como no futebol... o atleta de voleibol não vale nada... ele vale aquilo que está no contrato durante o ano que ele está ali... então hoje se eu estou no XXXX e estou jogando eu estou na vitrine... se eu não estou jogando eu não estou na vitrine então ninguém vai me comprar... aliás comprar não ninguém vai me contratar... porque eu não tenho valor então hoje eu posso estar ganhando muito dinheiro e no próximo ano eu posso estar ganhando nada justamente por causa dessa situação... então eu acho que isso também deveria mudar melhorar e isso parte de incentivo isso parte de muita coisa... mas eu tenho fé que muita coisa vai melhorar

APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido

O (a) Sr (a). foi selecionado(a) e está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada “Investigação sobre a formação esportiva de atletas de alto rendimento de diversas modalidades esportivas: aspectos socioculturais e pedagógicos”, que tem como objetivos, investigar variáveis socioculturais e pedagógicas que compuseram o processo de formação esportiva de jogadores de alto rendimento. Este estudo tem como método de coleta de dados a aplicação de uma entrevista com jogadores de alto rendimento.

Suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Quando for necessário exemplificar determinada situação, sua privacidade será assegurada uma vez que seu nome não aparecerá em qualquer momento. Os dados coletados serão utilizados apenas nesta pesquisa e os resultados divulgados em eventos e/ou revistas científicas.

Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição que forneceu os seus dados.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a entrevista, que será gravada em áudio para posterior análise, visto que isso possibilita a preservação dos dados e análise sobre os temas tratados. Após a utilização do áudio e transcrição das entrevistas, os arquivos serão guardados por 5 anos e após este período serão descartados. O tempo de duração aproximado da entrevista é de 30 a 40 minutos. Esta será realizada pelo pesquisador responsável em local escolhido pelo Sr.

O(a) Sr(a). não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. Esta pesquisa não envolve riscos previsíveis relacionados à sua participação. O benefício relacionado à sua participação será de aumentar o conhecimento científico para a área de Educação Física e Esporte.

O(a) Sr(a). receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone/e-mail do pesquisador responsável, podendo tirar as suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Desde já agradeço!

Pesquisador responsável

Dr. Renato Francisco Rodrigues Marques

Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo. Avenida Bandeirantes, 3900, Monte Alegre, Ribeirão Preto/SP. (19) 3315-0347

e-mail: renatomarques@usp.br

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO, e que minhas respostas à entrevista serão gravadas em áudio e estou de acordo em participar do estudo proposto sob tais condições, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Sujeito da Pesquisa: _____
(nome por extenso e assinatura e data)

APÊNDICE B – Roteiro de questões inicial

- 1- Fale sobre sua iniciação esportiva no Voleibol
- 2- Fale sobre suas expectativas com o voleibol em sua iniciação
- 3- Fale sobre experiências com modalidades esportivas diferentes do Voleibol
- 4- Fale sobre atividades e brincadeiras que você participou em seus momentos de lazer na infância e adolescência
- 5- Fale sobre a atuação de seus treinadores durante sua formação esportiva
- 6- Fale sobre a atuação de seus familiares durante sua formação esportiva
- 7- Fale sobre a atuação de dirigentes e/ou empresários durante sua formação esportiva
- 8- Fale sobre os diferentes locais em que você atuou durante sua formação esportiva
- 9- Fale sobre a rotina de treinamentos e competições vivenciada por você durante sua formação esportiva
- 10- Fale sobre as atividades que compuseram os treinamentos (exercícios, jogos, brincadeiras) durante sua formação esportiva
- 11- Como você lidou com a rotina de treinamento e competições durante sua formação esportiva?
- 12- Já pensou em abandonar o voleibol? Por que?
- 13- Sabe quais as razões de abandono de colegas?
- 14- Qual nível de estudo você alcançou? O voleibol ajudou/atrapalhou sua vida escolar?
- 15- Fale sobre sua Educação Física Escolar
- 16- Fale sobre o início de seu processo de profissionalização no esporte
- 17- Fale sobre sua rotina como atleta profissional
- 18- Descreva o quadro do profissionalismo do voleibol no Brasil.